este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

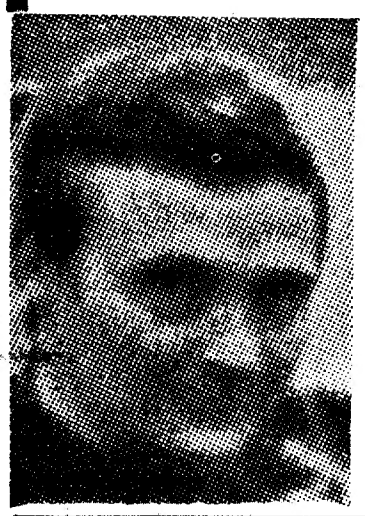
Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 29 DE JANEIRO DE 1971 N.º 17 279 ANO 50.º PREÇO 1$50

TAPETES
CARPETES
Carpélio
UM PRODUTO DA
CARPELIO MALHAS, S.A.R.L. TROFA
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO
ELIO AMORIM & FILHO, LDA.

VENCEDOR: OVE ANDERSSON EM «ALPINE»

DL no "RALLYE" de Monte Carlo



Depois do espectacular e disputadíssimo «circuito de montanha» — a ultima etapa do 40.º Rallye de Monte Carlo — Ove Andersson, fazendo equipa com David Stone, confirmou, finalmente, o favoritismo que desfrutava. Outrotanto aconteceu á «Alpine Renault» que conseguiu a sua unica vitória nos ultimos anos.

(Ler em «Desporto o «telex» do nosso enviado especial Augusto Vilela).

BANCO DE CRIANÇAS DO HOSPITAL DE SANTA MARIA

Instalações exíguas e deficientes

• Os elevadores do hospital continuam (em grande parte) sem funcionar

Duas crianças por cama (pequena), cada uma com os pés virados para a cabeça da outra, e muitas vezes três crianças em maca(s) ali colocada(s) para atender à falta de vagas — eis o panorama que oferece o S. O. de Pediatria do Hospital de Santa Maria, em cujas instalações se continuam a verificar anomalias de vária ordem.

Segundo informações que nos foram prestadas por uma leitora que teve de levar um filho ao Serviço de Urgência de Pediatria daquele hospital, a equipa médica ali de serviço concluiu que, dada a gravidade do estado da criança, havia necessidade de ficar na Sala de Observações. Foi-lhe dito, porém, que a capacidade da mesma já

(Continua na 13.ª página)

A porta da direita (estreita) é que dá acesso ao Banco de Pediatria (exíguo)

APOIO DO GOVERNO ESPANHOL AO PROJECTO DE LEI DAS «ASSOCIAÇÕES POLÍTICAS»

MADRID, 29 — (F. P.) — Depois de mais de um ano de esperas e de tergiversações, o projecto de lei das «associações políticas» parece ter o beneplácito do Governo. O projecto permitirá, pela primeira vez desde a guerra civil, introduzir em Espanha o «pluralismo político». Vicente Mortes, ministro do Alojamento, uma das personalidades mais influentes do grupo

(Continua na 15.ª página)

«A VOZ»

Entrou, hoje, no seu 45.º aniversário de publicação o nosso prezado colega «A Voz», a cujo director, o jornalista Pedro Correia Marques e aos colaboradores apresentamos as nossas felicitações.

HOJE EM MESA REDONDA

PROFESSORES DOS ENSINOS LICEAL E TÉCNICO DISCUTEM A

SITUAÇÃO ACTUAL DOS PROFESSORES EVENTUAIS

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS

HOJE 32 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

CASA E CARRO (VALOR SUPERIOR A MIL CONTOS) PARA UM DOS PARTICIPANTES

Muitos milhares de participantes na nossa iniciativa enviaram já os seus cupões-duplos de identificação, devidamente preenchidos estando assim, portanto, habilitados a vinte fabulosos prémios. Entretanto, não será excessivo recordar que um leitor deste jornal (o mais favorecido pela sorte) vai receber o

LEIA NA 2.ª PÁGINA

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

O IMPONENTE EDIFÍCIO onde se localiza o andar situa-se na Avenida Principal do Parque Residencial e Turístico de Miraflores e pode ser visitado por quem o desejar

(Continuação da 1.ª página)

maior prémio de toda a história da Imprensa portuguesa: um andar no valor de 780 contos, situado num dos edifícios da Avenida Principal do Parque Residencial e Turístico de Miraflores e um automóvel «Mercedes-Benz-220». O leitor do «Diário de Lisboa» que vai tornar-se proprietário do andar e do automóvel terá ainda direito a 70 000$00 de mobiliário fornecido pela Gibo Portuguesa, o que eleva o valor do prémio para mil cento e cinquenta contos.

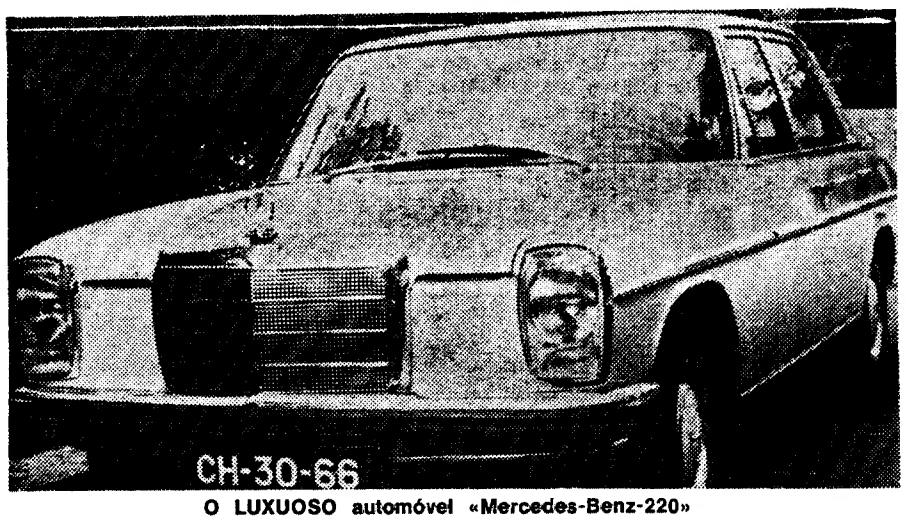
CORRESPONDÊNCIA

Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões), deve ser dirigida a «LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», Rua Castilho, 185, 1.º—Lisboa-1.

Um andar num edifício magnificamente construído, situado numa das zonas mais aprazíveis dos arredores residenciais da cidade e um luxuoso «Mercedes-Benz-220» constituem, incontestàvelmente, um valor que tem de considerar-se sensacional. Trata-se, aliás, do mais alto prémio até hoje concedido entre nós por um jornal e o «Diário de Lisboa» orgulha-se de o proporcionar aos seus leitores, logo na primeira fase do plano de iniciativas que elaborou para celebrar o seu primeiro cinquentenário.

TAMBÉM HÁ PRÉMIOS PARA QUEM VENDE

Também pela primeira vez em iniciativas promovidas por órgãos da Imprensa, vendedores e agentes não foram esquecidos pelo «Diário de Lisboa». Assim, desde que os leitores tenham indicado nos seus cupões-duplos de identificação a quem compram regularmente o nosso jornal, vendedores e agentes poderão conquistar prémios valiosos, o primeiro dos quais é um magnífico automóvel «Honda N-360».



O LUXUOSO automóvel «Mercedes-Benz-220»

OS CARTÕES DE IDENTIFICAÇÃO SERÃO ENVIADOS EM FEVEREIRO

Tal como temos referido, em face da grande aglomeração de correspondência recebida nos nossos serviços, os cartões de «Leitor do «Diário de Lisboa» só começarão a ser enviados a partir do próximo mês de Fevereiro. Tranquilizamos, assim, os inúmeros leitores que se nos têm dirigido com receio de extravio dos seus cupões de identificação e estranhando a demora no envio do seu cartão que só se deve, repetimos, à grande aglomeração de correspondência.

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos, pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1$00.

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceitam-se, desde já, assinaturas pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses — 130$00
6 » — 250$00
12 » — 485$00

Pagamento adiantado, em cheque ou vale de correio.

REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente.
- O leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada, a localidade onde reside e, facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa».
- preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185-1.º-Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1$00, se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio.
- se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa», o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1$00, que se destina, lógicamente, a despesas de correio.
- recebido o cupão-duplo, os leitores ficarão classificados por ordem numérica e alfabética. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cupão-duplo.
- o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.
- o leitor do «Diário de Lisboa», para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.

(*) Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da 1.ª página do jornal donde consta o nome deste e a data da publicação

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERÁ DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTÃO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1$00

BASTIDORES DA SAÚDE E DA MEDICINA

VIII — Onde se fala da habitação da água e da eliminação de dejectos

Se a cada um de nós cabe vigiar o seu estado de saúde individual e o da família, é ao Estado que impende resolver os problemas da saúde pública colectiva. Os adultos responsáveis tomam, como é óbvio, as medidas que julgam necessárias para enfrentar as alterções da saúde do agregado familiar, ou endossam esse trabalho à entidade qualificada; já o Estado tem, entre as suas funções, a de velar pela administração da — e da assistência à — comunidade, pois a ele pertence a solução dos problemas de carácter colectivo.

Por AUGUSTO MARTINS

Isto atinge uma gama enormíssima de situações que vão desde a rede de distribuição de águas, implantação de balneários e rede geral de drenagem para os esgotos á problemática urbanística, que a civilização romana já encarava há milénios (e resolvia como assunto pré-prioritário), ou ás activas campanhas para anulação de toda a publicidade ao fumo ao tabaco e ás marcas de cigarros.

Retomo aqui, pela sua premente actualidade, algumas reflexões insertas num livro por mim publicado vai para dez anos.

Há três capítulos que é fundamental considerar no meio rural:

a) Habitação;
b) Abastecimento de água;
c) Eliminação de dejectos.

A) Habitação

Quando se procura o melhoramento da habitação da grande massa camponesa, não nos podemos esquecer que a sua solução deve basear-se no conhecimento do meio ambiente da população para harmonizar o tipo de vivenda com as possibilidades económicas, o aproveitamento dos materiais existentes em cada região, as condições geológicas e climatológicas e, principalmente os hábitos das próprias populações, pois que em última análise elas serão as que virão desfrutar das suas habitações; pretendendo-se que sejam elas sempre a executar os trabalhos necessários, estudando-se lhes as possibilidades de fornecimento dos materiais.

Um programa de melhoramento da habitação rural racionalmente executado, transformará as habitações camponesas em cómodos higiénicos e agradáveis alojamentos.

B) Abastecimento de água

O abastecimento de água potável no meio rural apresenta desde já a dificuldade de não ser rentável o seu funcionamento.

É necessário, contudo, estudar a forma de melhorar as condições sanitárias dessas pequenas populações, estudando pormenorizadamente a problemática particular de cada região ou local. Assim, teremos de associar em tipos distintos os agrupamentos de água potável:

— água de rios, aproveitada directamente ou de outra forma;
— poços de captação;
— tanques sedimentadores

(Continua na 18.ª página)

A MALINHA INOFENSIVA

Não terá mais de 15 anos, suponho E, todavia, em experiência, conta — como é costume dizer-se — «mais de cem». Colheu-a não em qualquer escola (de que sempre terá fugido, penso) mas a correr à frente do polícia, sempre que soa a senha «Vem aí chui!». *Em segundos, a mesa frágil de pés dançarinos transforma-se (Oh imaginação da necessidade!) em inofensiva malinha.*

Lá dentro, gavetas de tamanhos vários: numa, sabonetes de marca que a publicidade instituida desconhece; noutra, atacadores; noutras ainda, pensos rápidos, porta-chaves, etc. — uma confusão de coisinhas úteis-inúteis, em suma.

Ele corre à frente do polícia — e, não raro, tenho visto a sua magreza extrema esgueirar-se, como um raio, pelo labirinto das ruas da Baixa ou pelas azinhagas que dão para o Cais do Sodre. Parará, decerto, metros adiante — o perigo passou! Abrindo, calmo, a malinha inofensiva, puxar-lhe-á depois os pés bamboleantes. O negócio recomeça sempre.

«Eh, freguês! **É mais barato que na loja!**» — *E a vozita débil, magra, quase feminina, dos seus não mais que 15 anos imberbes sempre vai encontrando eco num ou noutro passante apressado, que se detém por segundos, mira atento os atacadores dos próprios sapatos, quando calha, compra. Não sem ter discutido, claro, embora por pouco — coisa, quando muito, de dois ou três tostões.*

Ele, atento, é como uma lebre perseguida: olho na mesinha, olho no provável polícia, não tem lugar de negócio certo e a sua vida é uma constante fuga. Com 15 anos, não mais, suponho ..

Ontem, vi-o: tinha a «loja» montada ao fundo da Rua do Alecrim. Ali — ele sabe — é preciso um cuidado extremo: o «chui» pode vir dos lados da Ribeira, do Corpo Santo ou da estação do Cais do Sodré Toda a atenção será pouca, mas o negócio merece o risco.

Vem um freguês, tipo de provinciano, e apreça um porta-chaves. Mal lhe pegou e eis que, de uma tasca próxima, sai a senha: «Vem aí o chui». *O miúdo esquece tudo: os atacadores e o freguês. Um segundo lhe basta para pegar na malinha e fugir. O provinciano ainda lhe grita:* «Eh, pá, pega o dinheiro!». *Mas ele, de apressado, só tem tempo de dizer:* «Dá-me depois». *E desaparece, pela 24 de Julho. Com 15 anos e uma malinha inofensiva.*

TORQUATO DA LUZ

NOTA DOMINICAL

PANO DE AMOSTRA

AGORA É QUE É A ALTURA de se ver quanto é que valemos, com o estar a cumprir-se a promessa (ou o aviso?) do ministro da Educação de que se ia abrir um secretariado destinado especialmente a recolher, classificar e analisar todas as críticas e sugestões de quem as quiser fazer às suas propostas de reforma. Desta vez, como se vê, o desafio funciona ao contrário, pois, em vez de serem os interessados que perguntam ao Poder quando é que faz ou como é que faz, agora é o Poder que vem dizer aos interessados que vejam lá se são capazes de ter uma opinião sobre aquilo que todos temos andado a pedir. É uma jogada, recearmos, um tanto arriscada, mas não nos atrevemos a dizer para quem.

Sabemos de várias iniciativas no sentido de provocar reuniões destinadas a estudar o projecto de reforma. Os estudantes têm andado pelo menos a anunciá-las, alguns (mas só alguns) professores parecem abertamente voltados para a oportunidade da discussão, algumas colectividades interessadas em finalidades culturais sentem-se obrigadas, na emergência, a pegar pelos cabelos na hipótese de trabalho que deste modo é lançada ao País. Mas não está a dar-se um tanto o caso de ter havido muito mais interesse na discussão quando se tratava simplesmente de reclamar «a» ou «uma» reforma, quando nenhuma se vislumbrava, do que pegar agora naquela que está à vista e para que é solicitada a crítica de quem souber?

Um deputado da geração mais jovem, o eng.º Correia da Cunha, que já passou pela experiência do ensino e se tem revelado na Assembleia Nacional um elemento muito atento nas suas observações e muito vivo nas suas críticas, sublinhou precisamente essa oportunidade e o que ela vale como chamada à reflexão, que é o único clima onde pode desenvolver-se o trabalho útil que se espera de todos, que o País espera de si próprio, diga-se. E para quem hão-de ir a esperança e a confiança se não for para as camadas que vão subindo para as responsabilidades da vida? Ontem, o prof. Miller Guerra insistiu oportunamente em alguns pontos de análise.

Julgamos precisamente que a oportunidade que se oferece para uma discussão naquelas matérias em que elas próprias são parte interessada põe à prova as capacidades de todos nós e, para começar, as dos próprios estudantes. Sim ou não à reforma? Se não, então o quê? Se sim, como e até onde? E daí para diante, naturalmente, com que meios? Em que instalações? Com que mestres? Com que ideias? Com todas estas interrogações mas sem ilusões. E uma das maiores de todas, na estratégia da história, seria a de não se agarrar pelos cabelos o sinal que nos dá passagem: se não formos capazes de pegar no que aí está agora, não se vê lá muito bem quando é que poderá ser.

Classificámos acima como um desafio a iniciativa do Governo. Se não quisermos, se não pudermos, se não formos capazes de tomar posições numa questão já tão amplamente focada na discussão prévia que tem vindo a travar-se, em que seremos nós então capazes de mostrar que temos ideias e opiniões? Que sabemos nós de hospitais? Que sabemos de soluções de habitação? Que pensamos de estradas, assunto que está aí à porta? Que pensamos nós da expansão industrial? De política do crédito? Da integração dos grandes espaços económicos? Precisamos de ter ideias sobre cada um destes grandes capítulos. Mas agora aí está na mesa, para discussão aberta, a política do ensino. Quem se atreve a achar que não vale a pena?

55.ª EXPOSIÇÃO CANINA INTERNACIONAL DE LISBOA

Amanhã:

Classificação e Provas de obediência
Demonstração de Ensino de cães

Das 14 às 20 e 30

Domingo:

Classificações e distribuição dos prémios
Concurso «A Criança e o Cão»

Das 14 às 21 horas

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
PRAÇA DAS INDÚSTRIAS
Entrada: 10$00

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 950232

Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, sábado, dia 30, a nossa «SALA DE BANQUETES» se encontra reservada para um LANCHE DE CASAMENTO, servindo-se os habituais Almoços, Chás e Jantares na «SALA COZINHA VELHA».

Também para um LANCHE DE CASAMENTO se encontra reservada, no próximo domingo, dia 31, a «SALA COZINHA VELHA», fazendo-se o nosso normal na «SALA DE BANQUETES».

A DIRECÇÃO

PRÉDIO
DAFUNDO

Bem localizado, bonita vista de mar, composto por três inquilinos, hab. de 5 div. soalhadas, cozinha, 2 casas de banho, despensa, arrecadação e garagem. Entrega-se devoluto ou alugado.

PREÇO — 1.450 contos.

MOSTRA E TRATA:
«A CONFIDENTE»
ROSSIO, 3-2.º — Telefones 329381/5/6 - 323232/3 3.175

CONVOCATÓRIA
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos legais e estatutários convoco a Assembleia Geral Ordinária da COMPORTUR — Companhia Portuguesa de Urbanização e Turismo, S. A. R. L., para funcionar na Rua Victor Cordon, n.º 37-1.º, em Lisboa, no próximo dia 13 de Fevereiro, pelas 15 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

a) — Apreciar e deliberar acerca do Relatório e Contas do Conselho de Administração e do parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1970;

b) — Eleição para lugares vagos nos corpos gerentes;

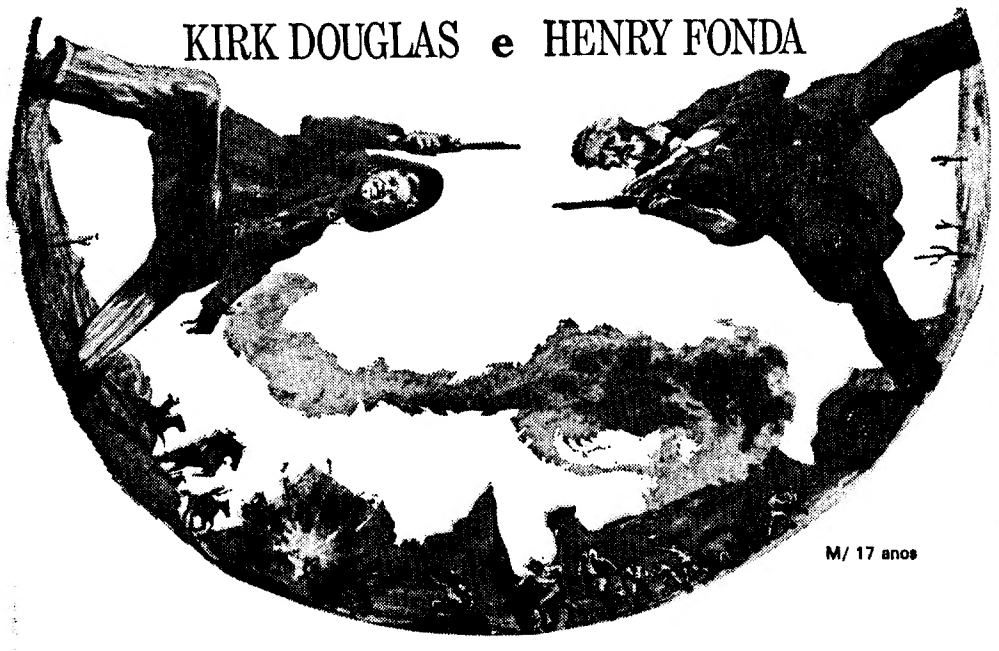
c) — Deliberar sobre assuntos de interesse geral.

Lisboa, 27 de Janeiro de 1971
Pelo Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Imobiliária Construtora Grão Pará, S. A. R. L.
A ADMINISTRAÇÃO

FRENTE A FRENTE DOIS HOMENS... DOIS PATIFES...
DOIS ANOS DE LUTA PARA ENCONTRAR UM VENCEDOR.

UM NOVO ESTILO NO CINEMA AMERICANO

KIRK DOUGLAS e HENRY FONDA



M/ 17 anos

HUME CRONYN · WARREN OATES · BURGESS MEREDITH

na produção de Joseph L. Mankiewicz

O RÉPTIL

THERE WAS A CROOKED MAN..

ARTHUR O'CONNELL · MARTIN GABEL · LEE GRANT

Escrito por David Newman & Robert Benton · Produzido e realizado por Joseph L. Mankiewicz

Productor executivo C. O. Erickson TECHNICOLOR PANAVISION É um filme WARNER BROS.

EXCLUS. ASTÓRIA FILMES

HOJE ESPECTACULAR ESTREIA SÃO LUIZ às 21,30 · ALVALADE às 21,45

Quatro atores [illegible] uma aposta

O Grupo 4 está a ensaiar duas e três vezes por dia

Ensaio todos os dias, dois por dia, no palco de «O Nacional», clube dos empregados da Portugal e Colónias; ás vezes três, quando também se afinam vozes e marcações no Tivoli pela manhã. Trabalho duro; trabalho de equipa, por uma aposta sobre um certo teatro. Este é o programa do encenador Costa Ferreira e dos actores Irene Cruz, João Lourenço, Morais e Castro e Rui Mendes — o Grupo 4 — para levantarem uma peça de Eduardo Manet.

«*As irmãzinhas*», cuja estreia se prevê para meados de Fevereiro, é uma parábola sobre o oportunismo. Três seres capazes do pior, tomados de pânico, recorrem a todos os meios para se salvarem. E não hesitam. Não hesitam em matar, roubar, trair, acabando por ser apanhados eles próprios na ratoeira que haviam armado.

Um dos quatro do grupo diz-nos:

— *É uma peça acessível a todos os publicos. Além dos espectáculos em Lisboa, no Tivoli, pensamos ir a Coimbra e ao Porto. Isto pelo menos, porque talvez se faça uma «tournée» — apesar de o cenário ser bastante complexo.*

Já em ensaios de apuro, «*As irmãzinhas*» poderia subir á cena rápidamente, mas o Tivoli tem compromissos com a R. T. P. por causa do Grande Prémio da Canção e assim o Grupo 4 fica naturalmente á espera da *sua* oportunidade.

Dezasseis contos de direitos

Foi Costa Ferreira, convidado para dirigir um espectáculo do grupo, que sugeriu a peça de Manet e a traduziu. Aliás o encenador-tradutor propunha-se trabalhar sem dinheiro, ao que Irene, João, Morais e Rui responderam «não»... (De qualquer forma a equipa adoptou um quinto nome, como se depreende.)

Encetadas as negociações com Paris, chegou-se á verba de 16 contos para direitos de autor. Melhor: um *á valoir* tomado como «lucro mínimo» da exploração da peça. Por curiosidade acrescente-se que a versão portuguesa de «*Knack*», de Ann Jellicoe, grande êxito do Grupo 4, custou bastante menos em direitos — 5 contos. Explicação: o teatro inglês é normalmente mais barato. E o americano mais caro, já que um Miller ou um Albee chegam a levar 40 ou 50 contos por peça em qualquer país, incluindo o nosso.

E pronto, é tudo por agora. Quatro jovens saem mais uma vez do circuito convencional e dizem que há outro teatro sem ser o «alimentar».

Sejam-lhes propícios os deuses da justiça.

COLISEU

HOJE, ás 21.30
(Maiores 12 anos)

ESTREIA 1.ª GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO 1971

UM ESPECTÁCULO DE CATEGORIA MUNDIAL — ATRACÇÕES DE GRANDE CLASSE: REVISTA DE ANIMAIS; NÚMEROS CÓMICOS E MUSICAIS; LEÕES E TIGRES NA MESMA JAULA; PALHAÇOS, ETC., ETC. — NÚMEROS TODOS DE SENSAÇÃO

AMANHÃ

ÀS 16 HORAS: Primeiro espectáculo á tarde, com entrada gratuita ás crianças dos 6 aos 10 anos.

ÀS 21.30: Podem assistir crianças a partir dos 6 anos.

BILHETES À VENDA

A Adega Mesquita homenageia os autores da sua marcha

A Adega Mesquita, um dos mais antigos restaurantes típicos de Lisboa, hoje completamente remodelado mas mantendo as suas tradicionais características, vai amanhã prestar homenagem a Túlio Pereira, conhecido compositor e acordeonista, autor da Musica da «Marcha da Adega Mesquita», e ao popular poeta Carlos Conde, autor da letra.

Esta marcha, estreada no passado dia 31 de Dezembro, é cantada pela fadista Maria Amélia Proença, que faz parte do elenco artístico da casa, conjuntamente com Francisco Martinho, Fernanda Pinto, Alcindo de Carvalho, o mago da guitarra Jaime Santos e o violista António Proença.

Por tudo isto a Adega Mesquita confirmará amanhã as tradições que a tornaram famosa no meio fadista.

DAPHNE
a nova face da canção portuguesa *

TEATRO MONUMENTAL
T. 555133
HOJE: á noite, ás 21.45 h. (M 17 anos)
VASCO MORGADO APRESENTA
A CASA DAS CABRAS
com MILU na protagonista, Armando Cortez, Mário Jacques, Guida Maria, Luis Pinhão, Óscar Caetano, Norberto de Sousa, António Machado, António Semedo
SÁBADO, 2 sessões: 21 e 23 h.
DOMINGO: á tarde, ás 16 h.
DOMINGO, ás 18 e 45: (M. 4 anos)
O PARAÍSO INFANTIL
O NATAL DO CAPUCHINHO

TEATRO LAURA ALVES
T. 864756
HOJE, ás 21.45 h. (M. 17 anos)
5.º MÊS
ÚLTIMOS DIAS
VASCO MORGADO APRESENTA
A OBRA-PRIMA DE ARTHUR MILLER
O PREÇO
magnificamente interpretada por Jacinto Ramos, Varela Silva, Glória de Matos e em reaparição, José Gambôa
SÁBADO e DOMINGO: «MATINÉES» ÀS 16 H.
ESTUDANTES: 50% desconto

TEATRO CAPITÓLIO
T 327493
HOJE, ás 21.45 h. (M. 17 anos)
VASCO MORGADO APRESENTA
LAURA ALVES
na espantosa comédia de ANDRÉ ROUSSIN
A QUERIDA MAMÃ
(LA MAMMA)
com Carlos Duarte, Alda Pinto, Rolando Alves, Luis Alberto, António Rama, Ana Le Mattre e o por romantico Helena Isabel-Octávio Borges — Encenação de António de Cabo — Cenas de Hernani Lopes
DOMINGO
À TARDE, ÀS 16 HORAS

«AMOR, A MAIOR RIQUEZA»

TÍTULO ORIGINAL — «Hello-Goodbye».
REALIZAÇÃO — Jean Negulesco, 1970 (E. U. A.)-França).
PRODUÇÃO — André Hakim.
FOTOGRAFIA — Henri Decae (Cor de Luxe).
ARGUMENTO — Roger Marshall.
MUSICA — Francis Lai.
INTÉRPRETES — Michael Crawford, Curt Jurgens, Genevieve Gilles, Ira Furstenberg, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Fox Filmes.
ESTREIA — Cinema Tivoli (25.1.1971).

De Jean Negulesco já aqui falámos, há bem pouco tempo, a propósito de «Os 6 Invencíveis». Como quase nada havia a dizer, o que se disse está dito e chega. Paz á sua alma...

Quanto a «Amor, a Maior Riqueza»: um jovem (antigo) mecanico apaixona-se pelos calhambeques de luxo de um barão e pela sua mulher. Calhambeques de um lado, Genivieve Gilles do outro, o jovem opta pela segunda, o que é a unica coisa realmente inteligente do filme. O resto é um folhetim intragável com Paris e Marselha por cenário. Henri Decae (fotografia) e Francis Lai (musica) compõem o ramalhete, colmatando as brechas nos rodriguinhos possiveis. Cada qual faz o pior que sabe e todos juntos «Hello, Goodbye». Boa noite, senhor barão!...

LAURO ANTÓNIO

CARMEN GONZALEZ FALA NO PORTO de importantes problemas do teatro infantil

PORTO, 29 — Incluído no seu plano de actividades, ao qual nos temos referido o Círculo de Cultura Teatral, promove, no dia 1 de Fevereiro, ás 21 e 30 na sua sede, um colóquio sobre «Teatro Infantil e Juvenil», dirigido por Carmen Gonzalez, contratada pelo Círculo para orientar algumas das suas actividades artísticas.

Depois de ter cursado na *Sorbonne*, onde trabalhou com o prof. Scherer, no Instituto dos Estudos Teatrais, daquela Universidade, e estudado teatro com *Bella-Reine*, madame Ben-Selidan e outros mestres de reconhecido mérito, Carmen Gonzalez dirigiu o Teatro de Estudantes da *Sorbonne*. Trabalhou com o conhecido director-artístico Vítor Garcia e fez parte da companhia do Teatro de Jean-Marie Serreau.

Interessada pelo teatro infantil, Carmen Gonzalez terá agora oportunidade de desenvolver as suas ideias sobre os importantes problemas que lhe estão ligados, pois é seu objectivo fundamental, durante o colóquio, propor uma análise das realidades e das perspectivas do teatro infantil e juvenil no nosso País.

É grande o interesse por esta iniciativa cultural, nos sectores literários e artísticos ligados aos problemas infantis, nesta cidade, havendo quem se proponha, durante os debates, sugerir a criação de um Centro de Estudos de Teatro Infantil e Juvenil, ligado ao Círculo de Cultura Teatral.

O «ZIP» NO FESTIVAL

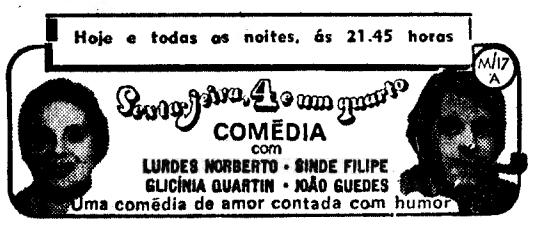
Em edição das Organizações Zip-Zip Publicidade, Lda., foi agora distribuido (gratuitamente, claro) o «número ultimo» (que não teve primeiro) do nosso prezado colega *«O Zip no Festival». Trata-se de um jornal de quatro páginas (e chegam), profusamente ilustradas. Assim, além de fotografias de todos os intérpretes das cinco canções «Zip» que concorrem ao VII Grande Prémio TV da Canção, bem como dos respectivos autores e orquestradores, «Zip no Festival» inclui um* artigo de fundo *intitulado «Achamos que...» e assinado por Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia, notícias do País (estilo:* «Vai ser enviado para a folha oficial o despacho que exonera, a seu pedido, a artista Lenita do apelido Gentil») *e do Estrangeiro, uma «crónica», a secção «Ora cante-nos...» (aqui para nós, orgulhosamente: decalcada no nosso muito particular «Ora diga-nos...», com a mesma apresentação e tudo), umas originais «palavras cruzadas», um «De vez em canto» (idem quanto ao «Ora cante-nos», mas desta feita o decalque é sobre o «De vez em quando», que V. D. assina habitualmente no nosso jornal), etc.*

É, pois, um jornal cuja leitura (nós somos assim, não tememos a concorrência) vivamente aconselhamos.

NO VARIEDADES
Às 20.45 e 23 horas (Adultos)
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO apresentam A SUPER-REVISTA

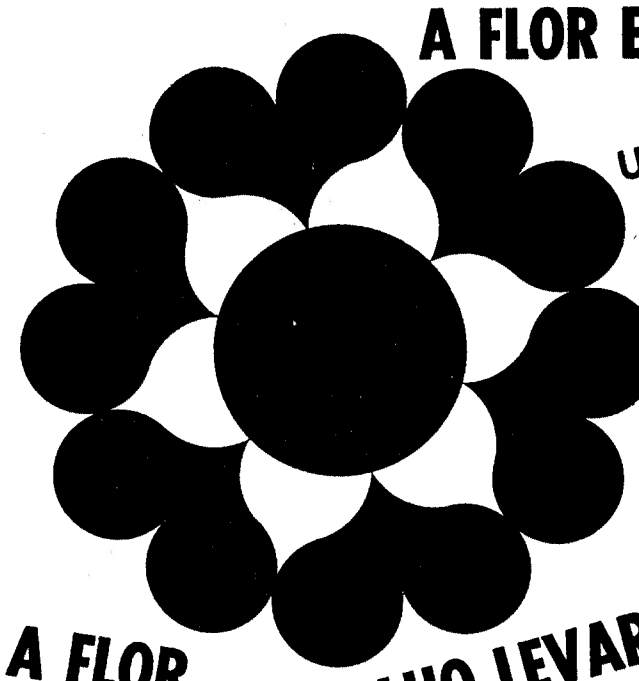
Memorável triunfo de um excepcional elenco, com
SALVADOR, FLORBELA, CARLOS COELHO, a colaboração de MARIEMA; pela 1.ª vez em revista, MARIA DO CÉU GUERRA, VÍTOR MENDES, CARLOS GONÇALVES e LUÍS DE MASCARENHAS
ESCULTURAL CORPO DE BAILE COM 30 BAILARINAS INTERNACIONAIS!

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET o mais moderno e confortavel de Lisboa
O GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL
APRESENTA
— SÓ ATÉ DOMINGO —



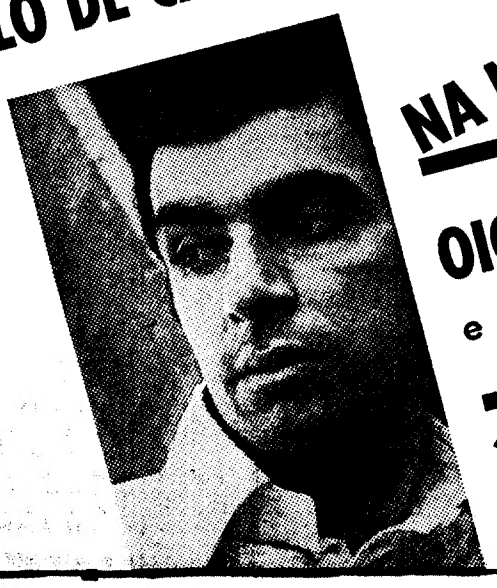
SÁBADO, às 18.30 h. — DOMINGO, às 11 h.
«EMÍLIO E OS DETECTIVES» (M. de 6 anos)
SÁBADO e DOMINGO, ás 16 horas
Últimas representações de «O PROCESSO» (M. 17 anos)

A FLOR EM QUESTÃO



Uma pergunta do programa PBX vale uma viagem a Madrid e outros prémios mais

QUAL É A FLOR QUE PAULO DE CARVALHO LEVARÁ NA LAPELA NA NOITE DO GRANDE PRÉMIO TV DA CANÇÃO?



OIÇA PBX*
e responda com uma quadra

*Produção dos Parodiantes de Lisboa em Rádio Clube Português todos os dias da meia-noite às duas horas

«Flor sem tempo»
música de José Calvário, letra de José Sottomayor
interpretação de Paulo de Carvalho no Grande Prémio TV 1971

jair rodrigues em Lisboa
Jair de todos os sambas
jair rodrigues
jair

a purissima expressão sonora do Brasil.

Representação do Brasil no Festival do Midem 1971 em Cannes.

Os ORIGINAIS do SAMBA
o genuíno samba o samba em Lisboa
Os ORIGINAIS

AMANHÃ E DOMINGO
às 18,45 horas
Segunda-feira, às 21,45 horas
Pub. CARLOS GRAÇA
Teatro Maria Matos
bilhetes ... Maiores de 12 anos

MARIA VITÓRIA
Telef. 361740
(Adultos)

● Hoje às 20.45 e 23 horas

GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO, APRESENTAM, EM PLENO ÊXITO, OS POPULARES ARTISTAS
● JOSÉ VIANA ● AIDA BAPTISTA ● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
NA SENSACIONAL REVISTA DA GARGALHADA,
● PIMENTA NA LÍNGUA!...
O TRIUNFO DE UM COLOSSAL ELENCO, COM:
● NICOLAU BREYNER
A «vedeta» do Fado:
● ANA ROSMANINHO
A atracção
● RONY VALY
E, no «compère»,
● OCTÁVIO de MATOS
À frente de uma grande companhia e de um espectacular «BALLET» internacional!
● DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS

Nicolau Breyner no «Senhor Claro»

ANDARES

Vendem-se para rendimento em Lisboa c/ 3 e 4 casas assoalh., hall, coz.ª, desp.ª, 1 e 2 casas de banho, etc. Preços desde 210 000$00. Mostra a port.ª todos os dias no local Rua Eng.º Quartin Graça, n.º 49, à Calçada de Carriche. Trata: F. Fernandes & Costa, Lda. Av. Almirante Reis, 104-2.º. Telefs. 536111/2.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

O Conjunto «6 de Portugal» faz anos

O Conjunto «6 de Portugal» promove amanhã, ás 22 horas, no salão nobre dos Bombeiros Voluntários de Belas, uma festa comemorativa do seu quarto aniversário, na qual participam, actuando, os conhecidos conjuntos musicais «6 Latinos», «Meia Noite», «Sanremo-172», «Capri», «José Belo + 5» e «Os Santos».

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
TODAS AS NOITES ÀS 21.45
AMANHÃ, TARDE POPULAR
com a mesma tabela das noites de 5.ª-feira
Balcão: 10$ a 15$ e 30$
Plateia: 30$ e 50$
Igrejas Caeiro protagonista de um êxito que o público está a promover
o inocente
(Maiores de 17 anos)
Os jovens dos 17 aos 24 anos, aos sábados, à tarde e nas 2 espectáculos de domingo, têm nas normas habituais 50% de desconto
Temperatura confortável | 10.ª SEMANA

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
TODAS AS NOITES, AS 22 H.
DOMINGO, MATINÉE AS 16 H.
SOTOBA KOMACHI
de YUKIO MISHIMA
trad. ORLANDO NEVES
BREVE SUMÁRIO DA HISTÓRIA DE DEUS
de GIL VICENTE
ÚLTIMA SEMANA
TEL 2809 9 ADULTOS
Este espectáculo não será apresentado em Lisboa.

Pedro Osório (ao piano), José Calvário e Paulo de Carvalho (com o pescoço imobilizado)

UM BILHETE PARA DUBLIN (3)

Paulo de Carvalho: «Se tiver sorte vou para Espanha e não páro mais»

«Flor sem tempo» assinala a estreia de dois universitários do Porto como compositores: José Calvário e José Sottomayor podem constituir uma surpresa no festival de 11 de Fevereiro. Até, porque, em sua opinião, a melodia vai ser interpretada pelo «melhor canconetista português» — Paulo de Carvalho.

— Ainda não estou recuperado do acidente de viação que me imobilizou o pescoço. Mas vamos lá a ver ...

Manuel Paulo de Carvalho Costa (lisboeta, 23 anos) fala do desastre:

— Tocava bateria na Filarmónica Fraude, no Casino Estoril. Uma noite, no regresso, fui cuspido do carro que um amigo meu conduzia. Sabe o que isso provocou? Perda de contratos em Espanha, na França e em Itália. E uma imobilização que já dura há mês e meio...

Paulo de Carvalho, que está a ser lançado na alta roda do disco pela «Movieflay» (via Manolo Diaz) vai cantar em português no Grande Prémio TV. Até que ponto isso o prejudicará, sabendo-se que é um excelente intérprete de inglês e as suas melhores provas na língua natal se resumem a «Corre Nina»?

— *Posso garantir-lhe que «Flor sem tempo» reune condições para ganhar e que eu me posso desempenhar bem do recado. É comparável a outra melodia do meu repertório: «Walk on the grass», (de que já se venderam 7 mil discos). Não tem poema: tem letra cantável. Adaptada á musica. E isso é preferível para o jogo do Festival.*

Aos 17 anos de idade já Paulo de Carvalho andava metido em concursos de ié-ié. Com Carlos Mendes e Fernando Tordo fundou «Os Sheiks» Colaborou em programas do Duo Ouro Negro. Toca viola de seis cordas, bateria e baixo. Esteve no Fluído e trabalhou no conjunto de Thilo Krassman.

— *Mas realmente, a minha sorte foi encontrar Manolo Diaz. A seu lado posso ganhar prestígio internacional.*

Acrescenta:

— *Se tiver sorte no Tivoli, vou logo a seguir para Espanha. Não páro mais...*

E o intérprete de Waiting for the bus» conclui:

— *O curioso de tudo isto é que eu nem sequer conhecia os autores de «Flor sem tempo» e hoje cá vou...*

José Carlos Barbosa Calvário (20 anos completados a 8 do corrente) é aluno da Faculdade de Economia do Porto e possui o 8.º ano do Curso Superior do Conservatório de Musica daquela cidade. Filho de um compositor (João Calvário), tem três irmãos e aos dez anos realizava o seu primeiro concerto de piano no Teatro Sá da Bandeira.

— *Com a Sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro Silva Pereira Mas, embora seja um apaixonado pela musica, não quero profissionalizar-me*

José António Perts Sottomayor (22 anos), estuda na Faculdade de Engenharia do Porto, pintor, andou durante duas épocas por Coimbra e escreve letras e musicas há bastante tempo.

— *Quase desde garoto tenho essa mania. Porém, só agora me abalancei a concorrer a um Festival. A canção que entregámos ao Paulo vai decidir se devo continuar ou não.*

«Flor sem tempo» está a ser orquestrada por Pedro (Vaz) Osório, também portuense, de 32 anos, responsável pelo Conjunto Splash, do «Curto-Circuito».

— *Tenho treze anos de profissão com algumas coisas boas já no caminho: o Quinteto Académico e o Trio Barroco, por exemplo.*

Osório é o autor de «Verão», que Carlos Mendes defendeu no Eurofestival de Londres. E (com Carlos Portugal) de «Corre, Nina», que Paulo de Carvalho interpretou no ano transacto.

— *Acredito plenamente no poder de desempenho de Paulo. Ele tem uma voz sensacional.*

Paulo de Carvalho: o ponto de saída de uma encruzilhada. Ou uma carreira em palcos internacionais (com repertório estranho) ou a aceitação, pelos portugueses, de um intérprete musical da sua língua. Este o dilema.

NEVES DE SOUSA

CTT — CORREIOS
E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL
EMPRESA PÚBLICA
SERVIÇO TELEFÓNICO AUTOMÁTICO
PARA O ALGARVE
A partir das zero horas do dia 30 os assinantes de Lisboa com acesso ao Serviço Interurbano Automático obtêm directamente os telefones das redes de Budens, Lagos, Sagres e Vila do Bispo, marcando o indicativo 01 seguido do número do telefone desejado.

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

«O FIDALGO APRENDIZ» ESTE PÁSSARO MANCO...

I

O «Fidalgo Aprendiz», de Francisco Manuel de Melo, terá sido a menos conseguida das catorze sessões do «Panorama do Teatro Português», produzido por Luis Francisco Rebello para a Televisão Portuguesa. Para isso concorreram vários factores: o abandono de um certo tipo de imaginação que tomava as obras como material para recriar ambientes e épocas (o que se traduzia pela obtenção de um «espectáculo» que essas obras, postas a seco, não proporcionariam); a deficiente direcção dos actores e o trabalho destes, na sua totalidade, ao nível de uma representação rotineira e enfadada; e para finalizar, em último mas não o último, uma realização que recusou a aventura televisiva e nos impingiu um teatro sem nervo, desprovido de força bastante para tocar o telespectador.

II

Naturalmente, o «Fidalgo Aprendiz» contém elementos capazes de prender e de afastar o espectador comum do nosso tempo. Entre os primeiros, conta-se a simplicidade da anedota, capaz de ser entendida sem palavras. Um espectáculo de mímica daria todo o auto sem nenhum prejuízo para o espectador.

Para o espectador, sim. Mas o interesse deste auto consiste no rigor da linguagem, no seu aproveitamento para definir carácteres e situações. O auto de Francisco Manuel de Melo é ainda uma oficina onde muito se pode aprender quanto á maleabilidade, á naturalidade, ao manejo da nossa língua. Isto faz dele, antes do mais, objecto de estudo. Transplantado para o palco, as palavras perdem-se. Lá estará o esqueleto da história para sustentar o interesse. Para tanto se requer a colaboração de actores de excelente expressão corporal. O que não aconteceu ontem. Com João Perry no D. Gil, tudo seria ontem muito diferente.

III

Convencido de que o mal estava apenas nas palavras, o responsável da rubrica procedeu a podas e a enxertias. Ambas são legítimas quando diminuam no máximo os riscos da compreensão da obra ou o desgaste que o tempo não terá deixado de provocar.

Para se procurar a recuperação de uma parte do texto, algumas alterações foram judiciosas, ou funcionais. Entre estas, recordo-me da troca de «seis» por «três» no verso «quatro panos, seis cerzidos...», o que demonstra a confiança pouca na dicção dos actores.

Outras, porém, foram injustificadas, como a que substituiu o sabor da portuguesíssima e popularíssima «polvorosa» pela água-chilra literária de «debandada». Por vezes, mesmo, entramos no reino do arbitrário: o gostoso e bem inventado «desconcórdia» aparece substituido por «salabórdia», palavra que julgo existir apenas no dicionário do adaptador, ou se tratará, quando muito, de corruptela de «salamorda».

A falta de espaço, em absoluto, impede uma análise dos atropelos, nem sempre de bom-gosto ou relativo nível literário, a que se procedeu nesta «adaptação».

IV

Conversar, na televisão, é a única maneira de chegar aos espectadores. Já se sabe que Luís Francisco Rebello não possui tal dote. A sua apresentação assume o aspecto de um texto decorado. O «porém», o «todavia», o «cujo», são a cauda de fora do gato escondido. De improviso ou decorado, impõe-se este contacto com o leitor para, diante dele, ficarem a época e a obra e o autor situados. Ainda neste aspecto, a intervenção do responsável da rubrica não favoreceu o entendimento, nem do autor, nem da época, nem da obra. Não que, em certos passos, o retrato de Francisco Manuel de Melo estivesse falseado. Esteve, porém, incompleto.

Não restam dúvidas de que D. Francisco Manuel era mesmo um tipo pouco... agradável ao convívio dos portugueses de então, em particular daqueles que pretendiam resistir ao ocupante. E era conservador e retrógrado e com manias de fidalguismo e isso tudo. Talvez seja aventuroso, no entanto, demonstra a oposição de D. Francisco Manuel ao processo histórico com base na estrutura do «Fidalgo Aprendiz». A verdade é que D. Gil não é nenhum burguês marítimo da nossa expansão ultramarina nem nenhum burguês usurário em que, mais tarde, aquele degenerou. D. Gil é um fidalgote provinciano com ambições cortesãs — o que, no entendimento do autor, seria inadmissível.

Por outro lado, há que atentar nos perigos, na confusão de certos termos. Classificar de «futurista» a crítica de Gil Vicente não será uma leviandade... futurista?

V

A arte não se consegue sem esforço. Nenhuma arte prescinde do suor, do combate corpo-a-corpo, das noites passadas sem dormir, dos dias longe do sol, das lentas, laboriosas gestações. Não há, também, na arte, geração espontânea. Na simplicidade mais simples esconde-se a dificuldade mais trabalhosa. Ninguém saberá das horas de insónia que custou a Antero a procura dos adjectivos para o soneto «num sonho todo feito de incerteza...». Ninguém sabe das milhentas repetições que deram a Charlot a naturalidade de um gesto.

Nem temos de saber. É negócio do artista, é a sua condição, é a sua natureza. Com ele é o combate pela expressão correcta. Nós existimos para darmos ao artista a possibilidade de ser artista: por isso lhe exigimos, em troca, a perfeição.

Nada mais triste do que ver a falta de convicção, de alegria, de firmeza, de tantos artistas do nosso teatro. Ontem, esse espectáculo chegou a constranger-nos. As hesitações, a má colocação da voz, o «despejar» sem atender ao valor das palavras no discurso, a falta de imaginação na composição da personagem, a ausência de liberdade do actor (liberdade: o pleno domínio das faculdades a fim de cumprir a personagem) — de tudo isso houve, e muito, e a todo o momento. A sensaboria, o enfado, o sono — são a consequência. O sono, isto é: o abandono. Não me admirava nada, perante este pássaro manco, se visse uma data de televisores voltados para o «Jogo da Vida» do segundo canal.

Ah, é verdade, lembrei-me agora. O «Panorama do Teatro Português» é um curso. Já agora, que dê direito a diploma. Para se saber quem foram os telespectadores heróis.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. e MF 1 (95,7 mc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: Vida e trabalho; 18 e 05: Ao encontro da melodia; 18 e 30: Conjuntos ligeiros; 18 e 50: Melodias de cinema; 19 e 15: Passatempo musical; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um instrumentista: Carlos Paredes; 20 e 30: 20.º episódio do folhetim «Encruzilhadas»; 20 e 51: O organista: Maurice Montez; 21: Momento 71: 21 e 20: Ao sabor da fantasia, 22: Musica da Europa; 23 e 05: Grande desfile; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Ciclo do Barroco italiano; 16 e 45: Musica da vanguarda; 17: Musica de piano; 17 e 30: O compositor do mês: Handel; 19: Musica e musicos portugueses, por Nuno Barreiros; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Valsas poéticas (Granados), em viola dedilhada por John Williams; 20 e 30: O soprano Elisabeth Speiser e o quinteto Barroco «Winterthur» — 5 árias alemãs (Georg Friedrich Haendel); 21: Concerto sinfónico — 1.ª parte; 21 e 50: Canções de Brahms, com o soprano, Elisabeth Schumann, acompanhado ao piano por George Reeves e Gerald Moore; 22 e 01: Concerto sinfónico — 2.ª parte; 22 e 58: Fecho.

Emissão estereofónica — Modulação de frequência — 294,3 mc/s — Às 21: Tema e variações op. 33 (Weber) — Gervase de Peyer, clarinete; Geral Moore, piano — Gavote da Suite n.º 5 em dó menor BWV 1011 (Bach), Pierre Fournier, violoncelo; 21 e 15: Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos da ópera em três actos «Tristão e Isolda» de Wagner; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio jornal; 20 e 07: 45 rotações, 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica para meditar; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita: 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perpetiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia 21 e 05: Só rádio; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Em destaque; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Maranatha; Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: A vida é uma coisa maravilhosa; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora.

Estação do Porto — 256 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Esquema 13: 19 e 30: Página um: 20 e 55: Meditando; 21: Eventual; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30. **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 71

TV dia a dia

HOJE PODE VER..

SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45 abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: O caso da semana; 13 e 15: «Os Meus Sobrinhos», com Brian Keith e Sebastian Cabot; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Dó-Lá-Si; 14 e 25: TV Educativa — Educação Musical (crianças); 14 e 55: Eurovisão — Raguebi. (Transmissão directa de Dublin do jogo entre as selecções da Irlanda e da França; 16 e 35: TV infantil; 17: Desenhos animados; 17 e 25: Programa feminino; 17 e 55: Estudio sem marcação; 18 e 15: Teledesporto; 18 e 45: TV Rural; 19 e 10: Cartaz TV; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Série juvenil; 20 e 10: E a vida continua...; 20 e 25: Ao serviço da Nação; 21: TV Clube; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: «O Pequeno Mundo de Marie-«Plaisance»,; 22 e 30: Reportagem do exterior; 23 e 45: Marcha do Mundo e 23 e 50: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de cinema — «A Actriz», com Spencer Tracy e Jean Simons, e 23 e 35: Fecho

O PROBLEMA DAS DERROCADAS

Falta qualificação técnica aos fiscais da Câmara

—disse um vice-presidente aos jornalistas

— As medidas coercivas presentemente á disposição da Câmara Municipal aplicáveis à má construção, às demolições defeituosas e às obras propositadamente esquecidas terão de ser mais rigorosas — afirmou esta manhã aos jornalistas o dr. Soares da Costa, vice-presidente do Município, numa reunião para apreciação das derrocadas de imóveis que ùltimamente têm ocorrido na cidade.

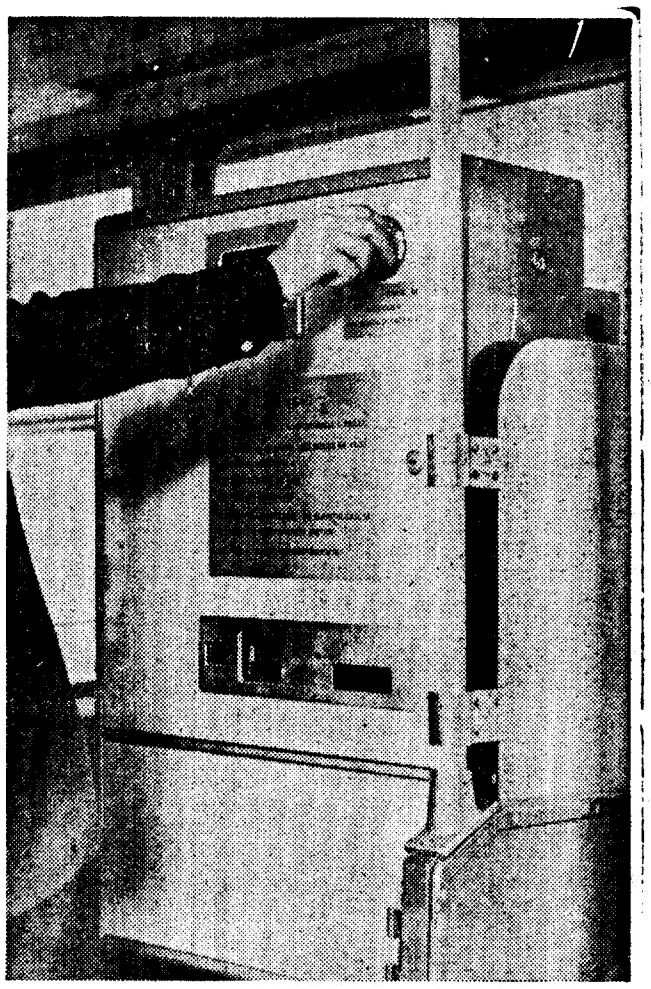
O dr. Soares da Costa sublinhou que «*as sanções* (um quantitativo fixo há muitos anos) *se desactualizavam, pelo que, na realidade, perderam o seu carácter punitivo*».

Diligencia-se, presentemente, no sentido de aumentar o carácter punitivo das sanções: multas mais elevadas, irradiação dos técnicos camarários responsáveis pelos incidentes, etc.

O dr. Soares da Costa enumerou, pormenorizadamente, os prédios que, nos últimos tempos, «*causaram contratempos na cidade e alarmaram a opinião pública*»: o imóvel da Avenida Duque de Ávila, a que nos referimos noutro local (implantação errada de um pilar das fundações junto á empena do prédio contíguo); o prédio da Rua Vale de Santo António (desobediência ao plano de trabalhos de demolição); prédio n.º 225 a 231 na Rua dos Sapateiros, ao Rossio (obras clandestinas); imóvel da Rua Tomás da Anunciação (reconstrução não atendendo á antiga e deficiente conservação); imóvel da Rua Visconde de Santarém (paralisação dos trabalhos de demolição não acatada); imóvel sito na Avenida 28 de Maio, n.º 2 (não realização de obras de consolidação intimadas); e, finalmente, o prédio 35 da Avenida da República (obras de consolidação não se tendo em conta a deficiente estabilidade).

A terminar, o dr. Soares da Costa afirmou ainda que existem em Lisboa milhares de prédios que necessitam de vistoria e, talvez, de obras de consolidação. Lembrou também que o Município não dispõe de técnicos (e até de leis) para levar a bom termo semelhante tarefa.

Quanto aos fiscais camarários, disse o vice-presidente que a maioria não tem qualificação técnica. Daí, pois, um estado de coisas que até á data não pôde ser solucionado.



MÁQUINA EM VEZ DE CONDUTOR

O condutor vai desaparecer dos autocarros lisboetas. Pura e simplesmente, vai ser substituído por uma máquina de venda automática de bilhetes. O passageiro introduz a moeda (ou moedas) na ranhura — e recebe o bilhete. Se o passageiro ultrapassou a zona, paga o excesso... Para já, só um autocarro da carreira 37 está apetrechado com semelhante máquina. «Trata-se de um período experimental» — informaram-nos na Carris. Se o sistema resultar (e se houver civismo) a venda de bilhetes no autocarro será automática — e o número de revisores será aumentado...

SEGUNDO O ENG. ROGÉRIO MARTINS

É DECISIVO O ÊXITO DA REFORMA DA SECRETARIA DA INDÚSTRIA

O secretário de Estado da Indústria recebeu esta manhã os directores-gerais e outros funcionários do seu departamento, aos quais fez entrega do projecto de nova estrutura e funcionamento dos serviços da Secretaria de Estado, trabalho de que oportunamente encarregou o núcleo de Produtividade do I. N. I. I.

Antes de proceder á entrega do texto, aquele membro do Governo proferiu algumas palavras em que salientou:

— *Para prever e controlar o curso das fases sucessivas do pôr em marcha da reforma, seguir-se-á o método operacional do caminho crítico, e o respectivo PERT está já organizado; dele se deduz que daqui a cinco semanas têm de estar recolhidas todas a sugestões, se se pretende que a transição se faça até ao fim do ano e se tenha em 1 de Janeiro de 1972 a nova organica em pleno funcionamento. Entretanto, a elaboração do corpo jurídico que institucionalizará a reforma está em fase muito adiantada, e só poderá ser finalizada quando a análise crítica quer das sugestões, que virão de e através de Vossas Excelências,, quer dos Serviços que já referi, estiver concluída. Conta-se para isso com um máximo de oito semanas que se gostaria evidentemente de ver encurtar.*

E a concluir:

— *Para mim, o sucesso desta reforma de serviços é um dos três elementos decisivos da orientação da minha acção neste ponto, sendo os outros dois o novo enquadramento legal do exercício da actividade industrial, pela lei de desenvolvimento industrial e sua regulamentação, e o forjar um instrumento adequado de intervenção promocional a nível empresarial.*

O concelho de Soure vai ter casa em Lisboa

Com vista á criação, em Lisboa, da Casa do Concelho de Soure, houve uma reunião em que foram estabelecidos os respectivos moldes de funcionamento e um encontro com o presidente da Câmara Municipal daquela vila.

Deve-se a iniciativa ao dr. A. Flores de Andrade e ao comandante João Maria Contente, os quais são apoiados por um grupo, aguardando-se a adesão do maior número de sourenses, e amigos de Soure, que desejem participar no empreendimento. Toda a correspondência deverá ser dirigida a dr. A. Flores de Andrade — Praça Marquês de Pombal, 1, 8.º — Lisboa-1.

Tágide
BOITE M/21 anos
SENSACIONAL «SHOW»
Conjunto: JOSÉ PEDRO
— WILSON DE VASCONCELOS
— BALLET SANTYAGO DANCER'S
— Em estreia BEATRIZ DA CONCEIÇÃO
Largo Biblioteca Pública, 18-20 — Tels.: 35328/362123

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 536080
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ DE PATO NO FORNO
Diàriamente SARRABULHO
ABERTO AOS DOMINGOS

PROGRESSO
Restaurante ✲ Snack-Bar
✲ Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 4
Telef. 40 15
Aos domingos especialidade da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS
E COELHO À CAÇADOR
SERVEM-SE LANCHES
DE CASAMENTO

JANTE NA TARANTELA
EM AMBIENTE FAMILIAR
Largo D. Estefânia, 22
SALA NO 1.º ANDAR PARA
LANCHES DE CASAMENTOS

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 ■ TELEFONE 79 02 11
JANTARES DANÇANTES aos Sábados e Domingos c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Maiores de 15 anos — Premiado pelo SNI

CAPRISTANOS TURISMO, LDA.
Av. Duque de Loulé, 47-A TELEF. 560171
FÉRIAS SOLINEVE
Hotel, passagens de avião ou c. ferro ✲ avião incluídos
PALMA desde 1.950$/10 dias
CANÁRIAS desde 3.380$/10 dias
GUADARRAMA desde 1.430$/ 6 dias
SIERRA NEVADA desde 3.960$/ 8 dias
LONDRES desde 4.235$/ 8 dias
MARROCOS desde 2.890$/ 8 dias
COPENHAGUE desde 8.400$/4.900$/ 7 dias
Fim-de-semana no Algarve: 440$/ 3 dias
(carro ✲ H. Torralta ✲ refeições)
FACILIDADES ATÉ 12 MESES
CONSULTE-NOS
TEMOS OUTRAS VIAGENS ORGANIZADAS

PRÉDIOS COMPRAM-SE
SÓ TRATAMOS COM O PRÓPRIO.
RESPOSTA A ESTE JORNAL
AO N.º 704

CRIADO O «ZONTA»

CLUBE FEMININO MAS NÃO FEMINISTA

Solidariedade, relações internacionais e promoção da mulher são as três grandes razões de actividade da Zonta. Pois o Zonta Clube é uma associação feminina, mas não feminista. Digamos que não reinvindica, serve. É um clube de serviço que nasce do facto de a mulher actual, cada vez mais ocupada (de dia e de noite), pouco conviver.

Neste sentido, há dois anos, um grupo de senhoras, estudando a Zonta Internacional, procurou criar, em Portugal, um Zonta Clube.

Para dar notícia da concretização do seu clube, na Casa de Macau, reuniu-se há dias o nucleo fundador da Zonta (constituído pelas sr.as Donas Martha Lima Basto, enfermeira Denise Lester, directora de colégio; Belmira David, guia-intérprete; Maria dos Prazeres Beleza, consultora jurídica; Maria de Lurdes Modesto, dietista; Maria Fernanda Leitão, relações publicas; Luísa Horak, professora de inglês; Manuela Mineiro, administradora de empresas; Rosalina Silva e Cunha, bibliotecária; Sereira Amzalak, comerciante e Jacqueline Cardoso, industrial, com as possíveis e futuras sócias sr.as Donas Maria Antónia Luna Andermatt, Maria Emília Cancella de Abreu, Maria Teresa Sepulveda, Manuela Silva, Maria Helena Trigo, Fernanda Garcia, Maria Manuela Rodrigues, Ana Maria Ferrão e Manuela de Azevedo.

No encontro, foram trocadas impressões sobre as finalidades do clube, já que «*a Zonta é uma associação internacional feminina aberta a todas as mulheres que ocupam um lugar de responsabilidade no campo económico, cultural, administrativo ou social. Uma representante apenas por actividade em cada clube. Apolítica e não sectária, a Zonta tem por objectivo instaurar nas elites profissionais femininas um espírito de compreensão e de solidariedade favorável á manutenção da Paz. Dedica-se á promoção de carreiras femininas e á elaboração dos Estatutos da Mulher.*»

ora diga-nos...

— É de Lisboa?

Dos habitantes de Lisboa, quantos são naturais desta cidade que já foi de sete colinas?

● *O jovem Manuel da Custódio é aquilo a que pode chamar-se um rapaz de poucas palavras:*

— Não sou.
— Qual é a sua terra?
— Moledo.
— Concelho...
— Castro Daire.
— Vai lá muitas vezes?
— Algumas.
— Quantas por ano?
— Duas.

● *Mais falador, o sr. João Matias Marques Coelho respondeu:*

— Não sou de Lisboa, sou do concelho de Tábua...
— De que terra?
— Outeiro da Castanheira.
— Costuma visitá-la?
— Costumo e muito... Aí umas três ou quatro vezes por ano.

● *Por último, Serafim Duarte Lopes Matias, também do concelho de Tábua:*

— Sou natural de Covas, do concelho de Tábua.
— E vai lá muitas vezes?
— Não lá muitas porque não tenho dinheiro para isso. Contento-me com uma ou duas vezes por ano.

OS 3 DE PORTUGAL
REGRESSAM AO «FOLCLORE»

«OS 3 DE PORTUGAL» regressam ao elenco do restaurante «Folclore» (onde estiveram integrados durante duas épocas) e após cinco meses de interrupção e actividade para actualização e remodelação de repertório. Com novas canções e novo estilo, «Os 3 de Portugal» (José Vilela, Pedro Machado e José Luís) voltam ao palco do «Folclore» (que reabre já na próxima segunda-feira) e ao elenco onde se integram Arminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro e José Maria Nóbrega, além do corpo de baile dirigido pelo coreógrafo António Gonçalves.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

ADEGA MESQUITA
cantam: Fernanda Pinto, Francisco Martinho, Maria Amélia Proença, Alcindo de Carvalho Tocam: Jaime Santos, António Proença ✲ **Rua Diário de Notícias, 107 ✲ Telefone 328307 ✲ Encerra aos domingos.**

PARREIRINHA DE ALFAMA
cantam: Argentina Santos, Júlio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição Tocam: Manuel Mendes e Miguel Ramos ✲ **Consumo mínimo 50$00 ✲ Beco do Espírito Santo 1 ✲ Telef. 868209**

TAVERNA DO EMBUÇADO
elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Cidália Moreira, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mín. 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef. 860816.**

MÁRCIA CONDESSA
cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Candido da Conceição, Julieta Maria e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa ✲ **P. da Alegria, 58 ✲ Tel. 367093 ✲ Encerra á segunda-feira**

SOLAR DO MINHO
Cozinha minhota. Todos os dias almoços e jantares ✲ Dose: 20$00 ✲ Rua do Vigário, 60 ✲ Telefone 866811

FOLCLORE
elenco: Arminda Vidal, Fernando Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro Marina Rosa, América Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, «Os 3 de Portugal», Avelino Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 20 elementos e dirigido pelo coreógrafo António Gonçalves ✲ **Cons. mín. 150$00 ✲ Taxas incluídas ✲ Rua Nova da Trindade, 22-A ✲ Telefone 35007 - 323406 ✲ Encerra ao domingo. Reabre em 1 de Fevereiro.**

TIMPANAS
cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz Tocam: Pedro Caldeira Cabra e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola 24 ✲ Telefones 676655-672431**

A SEVERA
cantam: Alice Maria, Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarela de Portugal» ✲ **Rua das Gáveas, 57 ✲ Telef 384006 ✲ Encerra á quinta-feira**

MIL E UM
cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Dina Cardoso, Zília maria, Fernanda Machado, Maria Eva, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos. Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto ✲ **Consu. mín. 40$00 ✲ Travessa da Espera, 8 ✲ Telefone 35464 ✲ Encerra ás 5 da madrugada.**

LUSO
elenco: Maria do Pé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em todos de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola) Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Trav. da Queimada, 10-16 ✲ Telefones: 362889-328508**

VIELA
cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Conceição Tavares e Lisete Maria Tocam: Torquato Lopes e José Inácio ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ R. dos Talpas, 14 ✲ Tel 327256**

A KAVERNA
cantam: Celeste Maria, Tino Santos, Renato Mota. Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalho ✲ **Cons. mín. 90$00 ✲ Travessa dos Fiéis de Deus 37 ✲ Telef. 35593**

LAR PORTUGUÊS
cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda. Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramin. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» ✲ **Cons. mín. 50$00. R. da Barroca, 133 ✲ Telefs. 369760 e 30532 ✲ Encerra ás terças-feiras.**

SOLAR DA MADRAGOA
cantam: César Morgado, Maria de Lourdes e Judite Teixeira ✲ Tocam: Soles Correia e Agostinho Dias ✲ **Cons mín 30$00 ✲ Rua das Trinas, 67 ✲ Telef 569857 ✲ Encerra ao domingo**

ADEGA MACHADO
cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Areutos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira Tocam: Liberto Conde e Américo Silva ✲ **Cons. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs. 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira.**

O ARABITA DE ALFAMA
cantam: Leonor Macedo, João Cabral, Rossana Lima Tocam: Acácio Gomes e Armando Ferreira ✲ **Encerra aos domingos ✲ Rua da Adiça 9 ✲ Telef 86345**

O FORCADO
cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sapeira Tocam: João Alberto e Miguel Silva. Cons mín 40$00 ✲ **Rua do Rosa 219 ✲ Telef 368579**

GUITARRA DE ALFAMA
cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório Tocam António Besso e Fernando Reis ✲ **Encerra ao domingo ✲ Cons. mín. 35$00 ✲ Largo do Penelreiro 7 (Alfama) ✲ Telefone 868505**

BALEEIRA
cantam: Filipe Duarte, Maria Emília, Ana Madalena. Tocam: José Alves e Eduardo César ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO) ✲ Telefone 213259. Encerra ás quartas-feiras.**

O CASTIÇO
Rua Gilberto Rola, 67-1.º ✲ Alcântara ✲ Telf. 670463 ✲ canta Silvio Pinto ✲ tocam: Jorge Canedo e Mário Cotrim

TABUINHAS
Restaurante típico ✲ Fados e guitarradas ✲ Beco Esconso, 7 (á Rua Visconde da Luz ✲ Cascais ✲ Telef 284060

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

A FURNA
Rua Ferreira Lapa 38-D (á Av. Duque de Loulé) ✲ Telefones 534466-561949
Música gravada. Ceias até ás 3 horas. Encerrado aos Domingos.

ARCHOTE-CLUB
Discos ✲ Rua D Filipa de Vilhena.

CASINO DO ESTORIL
Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs. 264521 .264526-264596-264621-264946.**

HIPOPPÓTAMO
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Correia Martins ✲ Encerrado aos domingos.

NOCTURNO
Travessa Fiéis de Deus, 28 ✲ Telef. 370889 ✲ Poesia com **Correia da Silva ✲ Encerra ás 3 e 30.**

MAXIME
Conjunto 6 ✲ Recepção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef 55366.**

GALERIA REAL
Estrada de São Pedro ✲ SINTRA Encerra á meia-noite ✲ Telef. 981661 ✲ Ultimas novidades em discos, recebidos directamente dos E U A.

SANZALA
Av. Marechal Carmona, 2 ✲ Campo Grande ✲ Telef. 770172 ✲ Encerra ás 3.30.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)
Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171

BARBARELA
Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas

SNOB
Rua de «O Século», 178 ✲ Telef. 33723.

TAGIDE
Variedades Conjunto Zé Pedro ✲ **Largo da Biblioteca. 18-22 ✲ Aberto ao domingo**

CURTO-CIRCUITO
Rua dos Correeiros, 216 ✲ Telef. 363572 ✲ Aberto das 18 ás 3.30

ADÁGGIO
Apresentação de Teresa Paula Brito no seu novo reportório ✲ Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Rua Carlos Reis, 51-A ✲ Telef 775695.**

FORTE VELHO
Paço ✲ S. João do Estoril ✲ Telef 261337.

TAMILA
Morão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Telef. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

MAIS DEPRESSA A PÉ DO QUE DE AUTOCARRO

A alteração de paragens de autocarros por causa das obras (a céu aberto) do Metropolitano, a suspensão de três carreiras de eléctricos até S. Sebastião da Pedreira e a alteração dos percursos de quatro carreiras de autocarros (estas ultimas devido á demolição do prédio da Avenida Duque de Ávila) trouxeram as maiores dificuldades de transportes para os largos milhares de habitantes da zona da Praça do Chile ou que ali têm de passar diáriamente. Entre os numerosos apelos, reclamações e protestos dos nossos leitores, avulta o caso acontecido com duas leitoras, pela clareza com que exemplificam aquelas dificuldades. Moram na Rua Carlos Mardel e trabalham na Avenida Filipe Folque, entre a Rua Tomás Ribeiro e a Avenida António Augusto de Aguiar. Numa das ultimas manhãs, uma delas atrasou-se e telefonou á colega, no sentido de seguir no próximo autocarro, visto que ela iria mais tarde. Acabou de arranjar-se e, como não tivesse autocarro áquela hora e os eléctricos estão suspensos, sendo ainda difícil conseguir qualquer táxi, resolveu fazer o percurso a pé. Chegou lá primeiro do que a colega que saíra no autocarro da tabela...

O TRÂNSITO NA PRAÇA DO CHILE

MILHARES DE LISBOETAS AFECTADOS PELA FALTA DE ELÉCTRICOS E AUTOCARROS

Um dos cruzamentos da cidade diàriamente atravessado por milhares de pessoas — a Praça do Chile — situado em zona densamente povoada e confluência de quantos vão ou vêm para outras áreas, onde habitam ou trabalham, está, na prática, inutilizado há meses, como nó essencial para os transportes públicos.

Tudo começou com as obras do Metropolitano, a céu aberto, tanto na Praça do Chile como na Avenida Almirante Reis. Quanto áquela praça, isso forçou a transferência de paragens (muitas delas começo e termo) de diversas carreiras de autocarros a deslocarem-se para as ruas circontinuam e estão ainda a continuam, e estão ainda a prejudicar fortemente todo o tráfego rodoviário.

Agora foi a demolição de um prédio que provocou a suspensão parcial de três carreiras de «eléctricos»: Praça do Chile-Benfica (1), Praça do Chile-Carnide (13) e Praça do Chile-Carmo (24). Alteradas, também (como mais adiante se pormenoriza), quatro carreiras de autocarros.

Semelhante situação data de 24 de Dezembro último, quando se verificou que um prédio da Avenida Duque de Ávila (artéria por onde aqueles três carreiras passam) ameaçava ruir, em consequência da demolição de um edifício contíguo. Logo a Carris, temendo um acidente que pusesse em perigo a vida dos utentes, ordenou a suspensão das carreiras acima mencionadas.

Comunicado o contratempo á Câmara Municipal de Lisboa, os respectivos técnicos prometeram a maior brevidade na demolição do prédio 98 e a estabilização das fundações do prédio 96, abaladas precisamente pela actuação do camartelo no edifício contíuo. Com efeito, as obras de demolição provocaram o esventramento da parede exterior do rés-do-chão do n.º 96 e o desmoronamento parcial da empena do mesmo lado, além de várias fracturas da fachada principal. A brevidade prometida na consumação da «operação» não se verificou — e, deste modo, entende a Carris por bem não fazer passar pela Avenida Duque de Ávila as carreiras de eléctricos 1, 13 e 24. De resto, também está cortado naquele troço o tráfego de veículos automóveis.

Para suprir a falta daquele meio de transporte, a Carris serviu-se das carreiras de autocarros 18 e 42 (Alcântara-Mar-Beato e Boa Hora-Madre de Deus). Esses autocarros (reforçados nas horas de ponta, mas ainda insuficientemente) transportam os passageiros até S. Sebastião, onde se lhes deparam os «eléctricos» para Benfica, Carnide e Carmo.

— *Não se trata de um transbordo* — disseram-nos na Carris—, *e sim de uma mudança de transporte. Isto é: o utente vê-se obrigado a pagar dois bilhetes num percurso que apenas lhe custava um. O transbordo (preço de um só bilhete) não é viável, por impossibilidade de controlo sobre os utentes.*

As obras de demolição de um ed fachada foi protegida com uma es c

AUTOCARROS DESVIADOS

Além das carreiras de eléctricos que deixaram de transitar pela Avenida Duque de Ávila autoc daqu mos Quer des dos ponta taran sos r

Sala de Tráfego da Carris: todos os incidentes da rede são assinalados continuamente

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

S. A. R. L.

Capital: 27 100 000$00

SEDE: Rua Aurea, 181, 3.º
LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL PARA 50 000 000$00

Conforme o deliberado na Assembleia Geral Extraordinária de 8 de Julho de 1970 e a autorização concedida por portaria de Suas Excelências o Ministro da Marinha e o Secretário de Estado do Tesouro, de 3 de Dezembro de 1970, publicada no «Diário do Governo» III Série, N.º 298, de 28 do mesmo mês e ano, vai esta sociedade aumentar o seu capital de 27 100 000$00 para 50 000 000$00, mediante a emissão ao par de 45 800 acções do valor nominal de 500$00 cada uma.

Esta operação efectuar-se-á como segue:

Os subscritores depositarão no acto da subscrição a importancia correspondente ao valor nominal das acções subscritas.

A subscrição ficará sujeita a rateio, após o qual serão imediatamente restituídas as importancias depositadas que excederem o necessário para o pagamento integral das acções.

Os accionistas gozarão de completo direito de preferência.

A subscrição está aberta até 20 de Fevereiro nos seguintes locais:

Lisboa — Sede da Sociedade.

Porto — NAVEX — Empresa Portuguesa de Navegação, S. A. R. L. — Rua Infante D. Henrique, 87, 1.º

Funchal — BLANDY BROTHERS & C.º, LTD.

Ponta Delgada — CASA BENSAUDE — Importações e Exportações, S. A. R. L.

Angra do Heroismo — THOMÉ DE CASTRO, SUCRS., LDA.

Horta — CASA BENSAUDE — Importações e Exportações, S. A. R. L.

Pico — MANUEL EMÍLIO HERZ, LDA. — Cais do Pico; e EDMUNDO MACHADO ÁVILA & F.ª, LDA. — Lajes do Pico.

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO
S. A. R. L.
A Administração

FRANGOS

CRUS

QUILO 21$90

Frangos assados

Supermercados Aguiar

Av. António Augusto de Aguiar, 68-72
Telefs.: 4 08 63 - 53 28 31
OFERECEMOS MARGARINA A TODOS OS CLIENTES
NÃO DEIXE DE VISITAR A NOSSA SECÇÃO DE TALHO

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preço, compramos: Pagamos muito bem

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

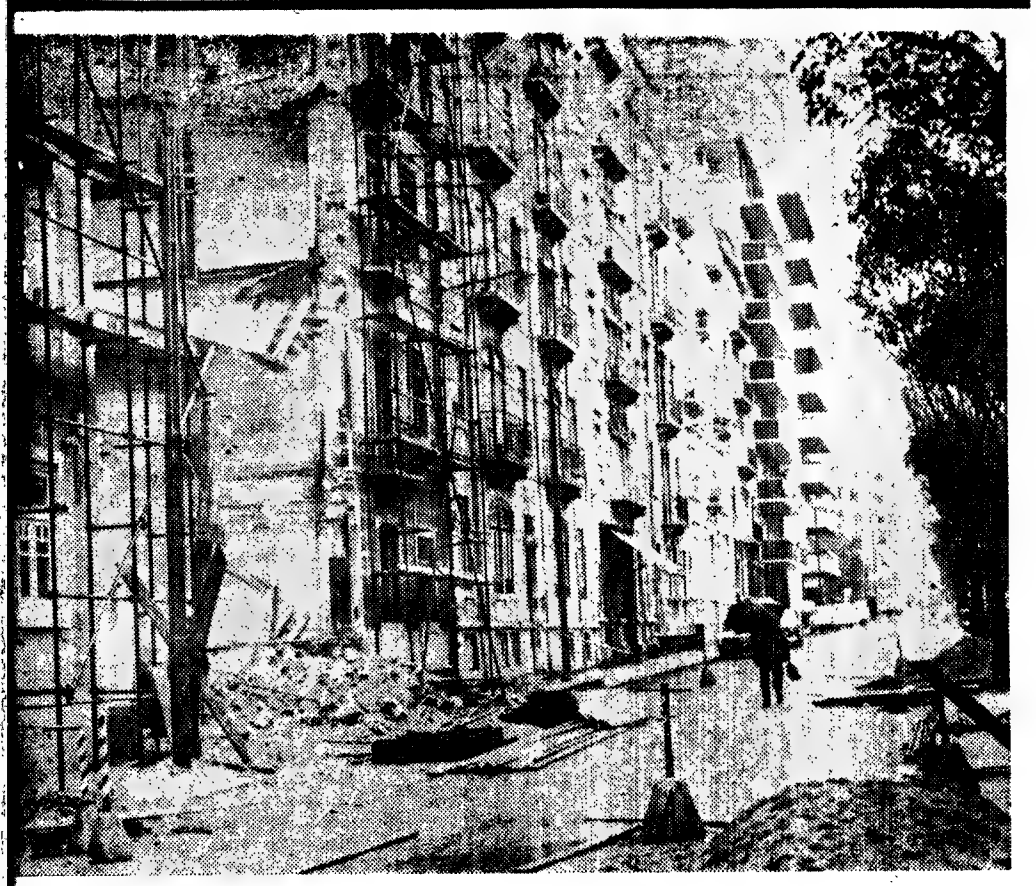
RUA DA PRATA, 257

O ESPELHO POLIÉDRICO

José Rodrigues Miguéis

O homem, de boina e embrulhado no varino, estava sentado contra a parede, junto do pequeno fogão aberto onde os chouriços assavam, pingando gordura nas brasas, chiando e espalhando um fumo acre, intoleràvelmente aperitivo. Era aquela, em todo o prédio, a única fonte de calor. Da porta aberta para o corredor e a escada vinha um sopro de ar gelado. Tornei a olhá-lo. Na obscuridade da casa mal lhe podia distinguir as feições: magro, macilento e mirrado, o bigode ainda negro, de pontas caídas, e a barba de alguns dias. Calado e tossindo, imóvel e ausente, olhava os companheiros do fundo das órbitas cavadas. Eles circulavam, falando em voz alta e rindo, discutindo em brados e gesticulando. Eu escutava-os sem poder entendê-los. Eram estivadores, marítimos, trabalhadores de bátepico, braçais fortes e rudes: a minha gente. A um canto, agrupados em torno do barril vazio, alguns jogavam um póquer tumultuoso, pragueja-vam batiam as cartas com força. A ociosidade dominical, a agitação e o rumor, o cheiro evocativo dos chouriços assados, a garrafa passando de mão em mão, tudo me dava um bem-estar triste, um misto de nostalgia, conforto e privação. Não sei o que me levara àquela casa-de-bordo na West Street, ao longo das docas: alguma informação que me era precisa, a serviço deles, e decerto a minha própria curiosidade. Era no Inverno, o *blizzard* durara toda a noite, e as ruas desertas estavam cobertas de neve que o vento do noroeste varria em turbilhões, amontoando-a nos passeios e contra as fachadas ásperas, impenetráveis.

O Costa foi oferecer-lhe um pedaço de pão alvo com um troço de chouriço, que ele recusou com um aceno da cabeça. Quando voltou, agarrei-o pelo braço: «Que tem ele? — Oh, pneumonia! Há três dias em casa. Aborrecia-se sòzinho lá em cima no quarto, e pediu que a gente o trouxéssemos cá pra baixo, pra estar acompanhado. — Porque é que o não levam pró hospital? O Saint-



um edifício, na Avenida Duque de Ávila, afectaram a estabilidade do prédio contíguo, cuja uma estrutura metálica. Temendo pela segurança dos seus utentes, a Carris suspendeu as carreiras de eléctricos que passavam por aquela artéria

Ávila, também 4 carreiras de autocarros foram desviadas daquelas artérias pelos mesmos motivos: 4, 18, 26 e 42. Quer dizer, as dificuldades resultantes da afluência dos passageiros até aí transportados de eléctrico, se juntaram as restantes de percursos mais longos.

Essas carreiras, a partir da Avenida Conde de Valbom seguem pela Avenida João Crisóstomo e Marquês Sá da Bandeira.

Urge que a situação seja resolvida: maior número de autocarros nas (e fora) das horas de ponta — e o parecer imediato da Comissão Permanente de Vistorias da Caamara quanto ao prédio (estável no dizer dos proprietários) que leva a Carris a temer pela segurança dos utentes que utilizavam os eléctricos e autocarros da Avenida Duque de Ávila.

(Continua na 12.ª página)

A reforma da Universidade debatida em Coimbra num ciclo de colóquios

COIMBRA, 27 — A Residência dos Estudantes da Beira, desta cidade, vai promover um ciclo de colóquios sobre o Projecto da Reforma da Universidade, durante o qual serão focados os temas mais salientes das Bases Gerais da Reforma do Ensino Superior divulgados pelo prof. Veiga Simão.

O primeiro tema do colóquio introdutório, com que se procurará definir as coordenadas sociais em que a Universidade portuguesa desenvolve a sua actividade e, ao mesmo tempo, considerar o ensino superior dentro do contexto mais vasto do Sistema Escolar agora proposto, será «A Reforma e o seu Quadro Social».

Referindo-se já directamente a um dos pontos salientes, porque radicalmente inovador, do Projecto, seguir-se-á o Colóquio sobre «Reforma e Autonomia». Exigência, ao longo dos anos, de grande número de pessoas conscientes, a autonomia da instituição universitária é tema que exigirá estudo atento e profundo.

A radical actualização dos métodos de transmissão e avaliação do conhecimento tem sido dos pontos menos controversos, mas nem por isso menos importante, do Projecto da Reforma. A apreciação crítica dos métodos propostos será o tema do colóquio conclusivo — «Reforma e Metodologia Pedagógica».

O primeiro destes colóquios — «A reforma e o seu quadro social» — será orientado pelo eng.º Adelino Amaro da Costa, adjunto do presidente da direcção do Gabinete de Estudos de Planeamento da Acção Educativa e assistente do I. S. T. e terá lugar na Residência dos Estudantes da Beira, à Avenida Bissaia Barreto, 85, no dia 2 de Fevereiro, pelas 21 e 30.

COMEÇOU O LEILÃO DO ESPÓLIO DO PINTOR ALBINO CUNHA

O espólio do pintor Albino Cunha, recentemente falecido, começou a ser leiloado, ontem, na agência de leilões «Afrofolhos, Ld.ª», à Av. Duque de Loulé.

Natural do Porto, onde nasceu nos últimos anos do séc. XIX, Albino Cunha foi sempre um pintor de feição clássica, jamais tendo aderido aos movimentos modernistas. Mas para além da sua actividade no domínio das artes plásticas, durante a vida se preocupou em juntar peças de mobiliário, faianças, antiguidades, óleos, aguarelas, desenho, bilhetes...

O leilão começou pelo mobiliário, porcelanas, antiguidades, utilidades — tudo, enfim, que o artista reuniu ao longo dos anos. À noite, serão leiloadas pinturas e aguarelas de vários autores, nomeadamente de Albino Cunha, José Campas Resende, Taborda, Carlos Ramos, José Félix, Raque Roque Gameiro, Joaquim Peneda, etc.

Está também previsto para Março um [illegible] da biblioteca.

NA «CASA-DE-BORDO»

-Vincent aqui a dois passos... Ele precisa de tratamento! — O doutor já cá esteve ontem. Mas ele não quer ir pró hospital. E então com as freiras! Diz que aquilo passa. Já não é a primeira...»

Alguma coisa me doeu por dentro: a calosa indiferença dos homens — ou seria estoicismo? O homem olhava-nos desconfiado, percebendo que falávamos dele. Teria uns cinquenta anos. Foi quando o reconheci...

...Meses atrás, estava a direcção reunida na cozinha do Clube, já perto da meia-noite, um homem pálido, de cabelo grisalho e bigode negro caído, veio encostar-se à ombreira da porta, a olhar-nos e a ouvir-nos, sem falar. Ficou assim muito tempo, de olhos sombrios e desconfiados no fundo das órbitas, postos em mim. Porque me estudava ele com tamanha insistência?

No fim, apesar de indisposto, para não fazer desfeita, aceitei um copo de cerveja, despedi-me, e saí. O Clube ocupava o rés-do-chão de um prédio de moradia, na Prince Street. No átrio obscuro assaltaram-me as cólicas e náuseas. Dirigi-me para a «casinha», que ficava ao fundo — um cubículo acanhado, mal iluminado, pintado de verde, com um material sanitário arqueológico, mas de um asseio rigoroso. Não consegui vomitar. As dores aumentaram, tornaram-se insuportáveis: como se uma navalha me remexesse as entranhas. Sentado, todo curvado, gemendo e suando frio em mortais agonias — era, com certeza, apendicite! — ouvi de repente vozes confusas e familiares. Ergui os olhos e percebi que vinham da cozinha pelos canos e respiradouros metálicos da ventilação. Tapando a boca, não fossem eles ouvir-me gemer, fiquei à escuta, sempre era uma distração. Reconheci a voz do Costa, autoritária. Depois, uma voz surda e velada, que condizia à perfeição com a fisionomia do desconhecido que me fitara tão inexpressiva e demoradamente: «Vocês conhecem-no? Sabem quem ele é? Como é que veio cá parar? Tenham cautela, que estes gravatas, quando se metem co'a gente, ou é pra nos comer as dolas ou pra nos espiar! Não gosto nada daquela cara, e então caixa-d'óculos!» A voz do Costa tornou, contra o costume, reflectida e pousada: «Ele não é mau homem. Parece que era professor lá na terra. Ajuda-nos aí, escreve artigos... E a mulher é boa sujeita, organizou o grupo de costura...» (Como ele, conhecendo-me bem, me defendia mal!) A conversa continuou, tornou-se confusa — eles afastavam-se talvez dos respiradouros. No meu sofrimento, agravado agora pela desconfiança, continuei a suar frio por mais alguns minutos. Por fim, um pouco aliviado e sentindo-me já capaz de andar, receoso de que eles me viessem encontrar ali naquele estado, e suspeitassem que eu lhes tinha ouvido a conversa, saí e arrastei-me como pude até ao Subway, na esquina da Sexta Avenida. Devo ter chegado a casa pelas duas. Tomei um chá e deitei-me, as dores tinham-se atenuado. Passada a crise, voltei ao trabalho e à vida habitual. Já então andava com os nervos como um rolo de arame-farpado...

Olhei o infeliz, que sofria sem um queixume. Doeu-me a sua solidão — e não só a dele, como a de todos aqueles homens sem família, e até a minha própria, que a tinha. Juntavam-se (e eu procurava-os) talvez para ter a ilusão de força que o número dá. Mas a soma dos zeros é um Zero ainda maior! Perguntei ao Costa: «E o que é que ele faz? Trabalha? — Oh, andou aí uns anos na pesca, e antes disso, no tempo da Proibição, meteu-se com os da cachaça, no Rhode Island... Governou-se bem! Agora está retirado e tenciona abrir uma estôa (*) de peixe.»

Dei-lhe um último olhar — de adeus? — e fui-me embora. O nevão parara, mas o vento do Canadá continuava a soprar com fúria. Um *bull-dozer* monstro, de pá, limpava os pavimentos, onde alguns camiões e automóveis tinham ficado prisioneiros da neve, em posições grotescas, diante de armazéns e barracões. As ignóbeis fachadas de tijolo pareciam inesperadamente virginais sob o manto de neve e as fulgentes estalactites de gelo pendentes dos beirais. A temperatura devia estar a uns quinze ou vinte graus abaixo de zero. Voltei para casa transpondo ruas e encruzilhadas espectrais. Eu só... O homem do varino lá ficava, com o seu olhar desconfiado, entre camaradas que o não eram mais: com as economias escondidas talvez no colchão da cama, e os livretes de depósito nos bancos debaixo do travesseiro. Sem herdeiros visíveis: só a mãe, talvez, lá na Murtosa ou em São Paio da Torreira, à espera dele — ou da sua certidão de óbito. Destinos. Mas também eu tinha o meu, e continuava a desafiá-lo. E pensei a sorrir, pulando por cima dos montões de neve: «Ai de nós, que ainda temos de viver!»...

J. R. M.

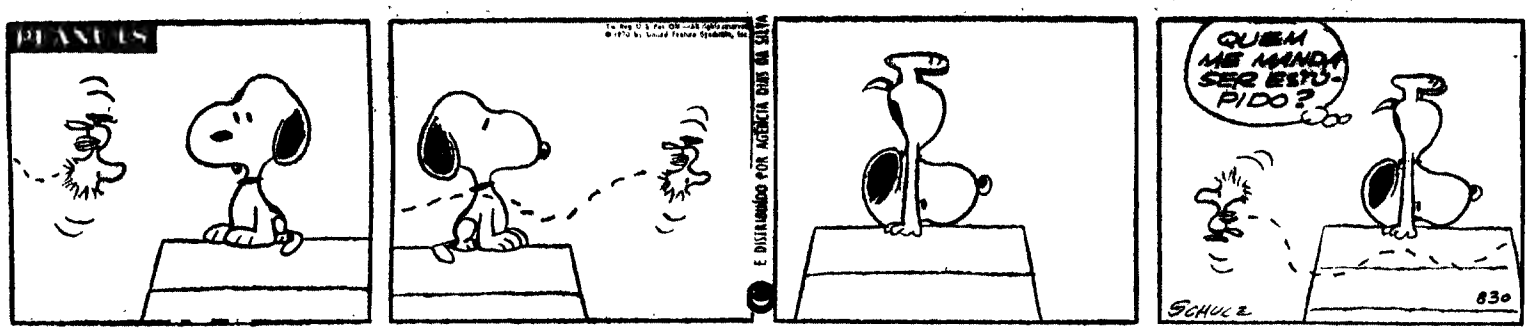
* Store, loja. Casa-de-bordo: boarding-house, pensão, hospedaria.

NORMA
Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de S. A. R. L.
Rua do Campo Alegre, 732, 6.º-A — PORTO
DEP. PSICOLOGIA APLICADA

SELECCIONAMOS
PARA
FÁBRICA DE AUTOMÓVEIS
(ARREDORES DE OVAR)
CHEFE DE CONTABILIDADE
ANALÍTICA DE EXPLORAÇAO
BOA PREPARAÇÃO TEÓRICA E PRÁTICA
Respostas pormenorizadas para a NORMA
R. Campo Alegre, 732-6.-A- -Porto c/ Ref.ª 168/II/P/DPA

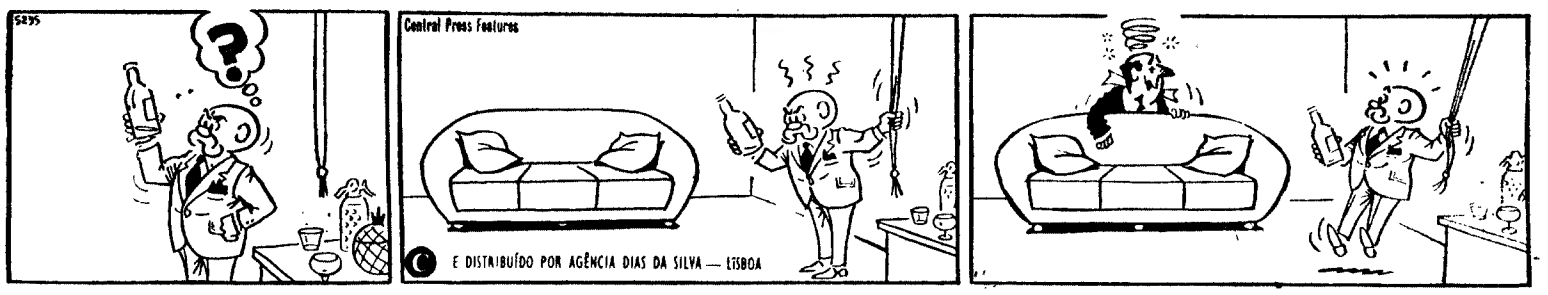
MORADIA
SÃO JOÃO DO ESTORIL
Entre a estação e a praia, construção de cimento armado, bons acabamentos, composta de salão, sala de jantar, 5 quartos, 4 casas de banho, copa, cozinha, despensa, sala de jogos, garagem, quintal, jardim, duas entradas para o jardim.
PREÇO — 1.500 contos.
MOSTRA E TRATA:
«A CONFIDENTE»
ROSSIO, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 29 de Janeiro de 1941 publicava:

LONDRES, 29 — Esta noite passou de ontem para hoje a 9.ª noite consecutiva sem ser incomodada pelos «raids» aéreos inimigos.

«Um comunicado do Ministério da Aeronáutica diz o seguinte: «Durante a noite passada verificou-se pequena actividade aérea inimiga ao largo da costa ocidental da Inglaterra. Não consta que tivessem sido lançadas bombas.»

COOPERATIVA DE ENSINO

A respeito da notícia, recentemente publicada, sobre a abertura de uma cooperativa de ensino, em Lisboa, escreveu-nos o nosso leitor, sr. Gil Marques Raimundo, informando-nos que desde há cinco anos existe uma cooperativa idêntica, na freguesia da Benedita - Alcobaça. Sustentada pelos seus associados (pais dos alunos), e beneficiando de subsídios da Gulbenkian e do pároco local, nela se ministram aulas até ao 5.º ano liceal, e alguns anos dos cursos técnicos. Cingindo-se á prestação de serviços, não atinge, pois, as dimensões da cooperativa lisboeta, cuja actividade se estende até á experiência de novas técnicas de ensino e ao estudo da problemática educativa portuguesa.

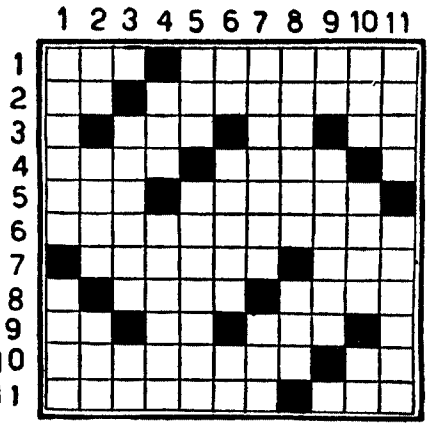
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5789

HORIZONTAIS: 1 — Pronome pessoal. Arrojo. 2 — O sono das crianças. Estudar. 3 — Nome de mulher. Mulo. Néon (s. q.). 4 — Limitas vezes. Tudo o que concorre para um fim (fig.). 5 — Pronome pessoal. Planta poácea. 6 — Duvidar em. 7 — Rustica. O mesmo que três. 8 — Montão. Reino da Federação Indochinesa. 9 — Artigo definido. Apelido. Aguardente de cereais (cevada, trigo, aveia). 10 — Aquela que fala muito. Cidade da antiga Caldeia. 11 — Prendera á amura. Preposição.

VERTICAIS: 1 — Falecer. Canapé. 2 — Satélite de Júpiter. Pronome pessoal (pl.). Figura que simboliza o povo americano. 3 — Esconder. Lutécio (s. q.). 4 — Acrescentei. Amaciar. 5 — Rio do Mato Grosso. Cuntida por meio de crómio. 6 — Cidade da antiga Caldeia. Causava. Sufixo que designa estado. 7 — Apartava. Grande. 8 — Que tem forma de anel. Filha de Labão. 9 — Quatrocentos em romano. Tornam ditoso. 10 — Unidade monetária do Japão. Ilha do Pequeno Belt. Nome antigo da nota musical dó. 11 — Lavrem. Professor.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5788

HORIZONTAIS: 1 — Aviar. Macio. 2 — Testemunhar. 3 — Mão. Alio. 4 — Reimosa. 5 — UM. MAL. AC. 6 — NUNCA. Anima. 7 — Ai. Nei. Ab. 8 — Tiratoda. 9 — Dea. Ois. 10 — Despentares. 11 — Croas. Asaro.

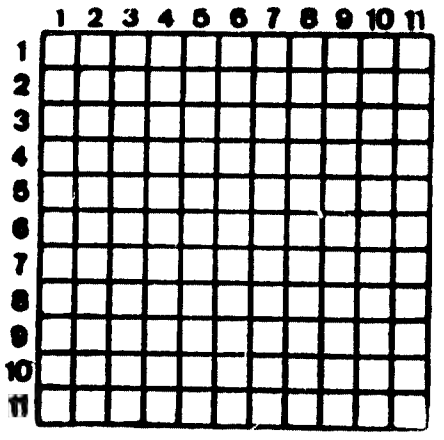
VERTICAIS: 1 — At. Turas. DC. 2 — VEM Mui. Der. 3 — Isar. Teso. 4 — Atge. Rapa. 5 — Re. Imano. És. 6 — Mimo. Éter. 7 — Mu. Oloia. Ta. 8 — Anãs. Doas. 9 — Chia. Aira. 10 — Tão. Ama. Ser. 11 — Or. Acaba. Só.

Provérbio: UM MAL NUNCA VEM SÓ.

PROBLEMA N.º 9632

HORIZONTAIS: 1 — Freguesia do concelho de Cantanhede. Freguesia do concelho de Melgaço. 2 — Cidade de França. Enrubesça. 3 — Antepassado. Um milhar. Doença. 4 — Fútil. Freguesia do concelho da Feira. Quarto. 5 — Calcular. Multidão. 6 — Passada. Medida de superfície. 7 — Cabeleira. Aniversário. 8 — Para barlavento. Pega. Timão do arado ou da charrua. 9 — Nota musical. Torna ditoso. Alumínio (s. q.). 10 — Apelido. Mete em mala. 11 — Ilha do Pequeno Belt. Estimas.

VERTICAIS: 1 — Nome de homem. Clareira. 2 — Dar uivos. Freguesia do concelho de Torres Novas. 3 — Tanto. Cume. Atmosfera. 4 — Satélite de Júpiter. Mulher muito formosa. Espaço de doze meses. 5 — Rio de Portugal. Cidade da Jugoslávia. 6 — Claridade. Letra grega. 7 — Emblema. Preposição. 8 — Antes de Cristo. Cura. Vasilha de vinho. 9 — Preposição. Rio de França. Amónio (s. q.). 10 — Verbais. Pedra preciosa. 11 — Mata inculta. Planta do pé (pl.).



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9631

HORIZOSTAIS: 1 — Sagor. Safed. 2 — Anato. Abalo. 3 — Narra. Sacam. 4 — Ro. Rá. 5 — Agá. Pés. Ser. 6 — Salém. 7 — Ramal. Ditas. 8 — Oba. Amo. 9 — Vira. Amar. 10 — Ana. Sem. Aio. 11 — Largo. Lesar.

VERTICAIS: 1 — Santa. Rival. 2 — Anã. Goa. Ina. 3 — Garra. Morar. 4 — Atra. Sabá. 5 — Roa. Pa'a. Sa. 6 — Mel. Pé. 7 — Sãs. Seda. ML. 8 — Abar. Mima. 9 — Facas. Tomas. 10 — Ela. Ela. Aia. 11 — Domar. Soror.

As obras da Praça do Chile

(Continuação da pág. central)

O tráfego da Companhia Carris está devidamente controlado: num grande mapa da cidade são assinalados continuamente todos os incidentes — atrasos, avarias, desastres, etc. Vai fazer um mês que, na carta, duas pequenas peças de plástico sinalizam o prédio que ameaça ruir na Avenida Duque de Ávila.

— *Estas duas peças* — informam-nos na Secção de Tráfego — *serão retiradas daqui quando o Município se pronunciar sobre a impossibilidade de desabamento do prédio em questão.*

No entanto, ou devido a dificuldades de material ou de pessoal (esta a mais provável) o reforço das carreiras de autocarros não pode ser feito de modo inteiramente satisfatório.

AINDA OUTROS CONTRATEMPOS

Outros contratempos, resultantes das obras do Metropolitano, que presentemente estão a decorrer na Praça do Chile:

Das carreiras de autocarros mencionadas, unicamente agora passam por ali a 18 e a 42 — e, no que diz respeito aos eléctricos, foi suspensa a carreira 8, circulando (com demora) as carreiras 6, 21 e 27.

A carreira de eléctricos 8 foi substituída pela de autocarros do mesmo número, sendo o seu itinerário o seguinte: Chiado, Martim Moniz, Areeiro, Abade Faria, Aetriz Virgínia, Actor Isidoro, Rosa Damasceno, Morais Soares, Cavaleiro de Oliveira, José Falcão, Francisco Sanches, Pascoal de Melo e Almirante Reis.

PASTORAL DE CARIDADE

A Cáritas Diocesana de Lisboa organiza o «1.º Curso Diocesano sobre Pastoral de Caridade». A sessão inaugural, presidida pelo bispo de Telepte, decorrerá no dia 1 de Fevereiro, ás 21 e 30, no Colégio do Sagrado Coração de Maria.

A PARTIR DE 2.ª FEIRA
E DIAS SEGUINTES
GRANDIOSO SALDO DE ARTIGOS PARA DECORAÇÃO, ESTOFOS, CARPETES E PASSADEIRAS
Tecidos de seda, Jacquard, Jutas lisas e estampadas
Goblains, Gorgorões, etc. ..... desde 20$00
Retalhos para sanefas e almofadas, desde 5$00
Voil e marquisetes lisas e fantazia desdes 9$00
Veludos de lã e algodão ..... desde 76$00
RAUL NETO, LDA.
PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2. (c/ elevador)
Esquina Rua Prata

CASACOS DE CABEDAL E CAMURÇA
SALDOS
TEMOS UM GRANDE SORTIDO PARA HOMEM E SENHORA, PRODUÇÃO DA NOSSA FÁBRICA, QUE SALDAMOS A PREÇOS BASTANTE BAIXOS.
ALFAIATARIA VERÍSSIMOS
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-C

DEFICIÊNCIAS NO HOSPITAL DE SANTA MARIA

(Continuação da 1.ª página)

se encontrava amplamente ultrapassada, pelo que tinham de fazer diligências para conseguir ainda *encaixar* o pequeno doente.

Duas crianças por cama

Com efeito, uma das médicas de serviço, demonstrando a melhor boa vontade e compreensão, informou-a, depois, conseguir-se, ainda, que o filho ficasse no S. O. — o que aconteceu. E, no dia seguinte — segundo a mesma leitora —, sendo ela, excepcionalmente, admitida no referido S. O., para ver o filho e ajudar a dar-lhe de comer, verificou que nas (acanhadíssimas) instalações, apenas com capacidade para oito camas de criança, se encontravam mais de vinte miúdos — dois por cama, e os outros aos três em macas, ali colocadas para o efeito.

De acordo, ainda, com a mesma fonte, até numa cama em que havia um miúdo numa tenda de oxigénio, tinha de estar outro, encolhido no pouco espaço vago. E o pessoal clínico e de enfermagem quase se tem de acotovelar, no diligente e profícuo exercício das suas funções.

E pergunta, parece que muito pertinentemente, a mesma leitora: inclusive do ponto de vista higiénico, não será altamente nocivo e perigoso ter as crianças assim todas juntas, quase em promiscuidade, incluindo as que, porventura, possam estar afectadas de doença contagiosa ainda não diagnosticada? E não é de estranhar que um hospital moderno como aquele (Hospital Escolar...) não seja dotado de instalações capazes, sequer com um mínimo de requisitos para atender e recolher os que têm de se socorrer dos seus serviços?

Falta de pessoal de enfermagem

Estas são perguntas que aqui deixamos para que lhes respondam aqueles a quem compete fazê-lo — e esperamos que, efectivamente, respondam como se impõe. Entretanto, adiantamos que, quanto conseguimos apurar, a situação se deve em boa parte ao facto (também comprovado por mães que ali vão visitar os seus filhos internados) de 45 das 145 camas da enfermaria de Pediatria do mesmo hospital estarem sem funcionar. Motivo — um dos mais graves problemas do sector hospitalar, e para o qual se impõe encontrar urgentemente as necessárias soluções: falta de pessoal de enfermagem. Com efeito, parece que enquanto não se resolver este gravíssimo problema, nada feito, neste como em outros sectores.

Assim, é na enfermaria que começam por faltar as camas para as crianças que têm de ficar internadas. Ora, por vezes, os pequenos doentes podiam sair mais cedo do S. O. para a enfermaria. Porém, como não há lugar, têm de continuar na Sala de Observações por mais três ou quatro dias — e a lotação vai ficando cada vez mais superlotada...

Por outro lado, sabe-se que o Hospital de Santa Maria abrange uma larga área, cujos doentes são aí necessàriamente tratados — área que vai (por exemplo) desde Vila Franca de Xira até á Musgueira. Ora, como cada vez aumenta mais a população dessas zonas, cada vez mais insuficientes e exíguas são as instalações.

E, com respeito ás crianças, há outro factor que, decerto, também contribuirá para agravar a questão: de tratar-se, muitas vezes, de gente sem meios que vive em condições péssimas (barracas, etc.), sem o mínimo de possibilidades de observar as mais simples e primárias regras de higiene. Assim, crianças que, em outras circunstâncias, poderiam ir para casa, têm de ficar internadas — pois os médicos não podem ignorar ser impossível aos seus familiares dar-lhes as condições (de instalação, higiene, etc.) indispensáveis para o tratamento da doença.

Por último, assinale-se, ainda, que, quanto nos foi dado saber, o Hospital de Santa Maria não era, originàriamente, para ter sido para o banco de Pediatria. Este só começou a funcionar em 1961, e teve de se aproveitar para ele umas precárias instalações, sem o mínimo de requisitos indispensáveis, e com carências que cada vez mais se acentuam. Além de tudo o resto, inclusive, nem sequer há instalações apropriadas e eficientes para os médicos, que têm de ficar 24 horas seguidas de serviço...

Em face de tudo que se disse — e, certamente, do muito mais que se poderia acrescentar — impõe-se, de facto, dar resposta a perguntas como as formuladas pela nossa leitora. E a outra como esta: quando se darão novas instalações (através da construção de um novo pavilhão, ou através de qualquer outro meio) para o Banco de Pediatria do Hospital Escolar de Lisboa? E quando, ao menos, se poderão aproveitar integralmente todas as instalações hospitalares que existem?

Elevadores que não funcionam e serviços em que entra água

E, já que falámos no Hospital de Santa Maria, não será de mais insistir ainda uma vez em outro aspecto que parecerá secundário, mas de facto não o é: o dos elevadores. Com efeito, tais malfadados elevadores continuam a estar constantemente avariados, além de fazerem outras partidas, incluindo uns valentes sustos a quem deles se tem de utilizar. Assim, com grande parte dos elevadores sempre avariados, muitas dos pessoas que vão visitar doentes, como todo o pessoal que ali trabalha, têm de, com enorme frequência, fazer subidas a pé através de todos os andares do imóvel de nove pisos. E nem os médicos escapam a tais maratonas pelas escadas do hospital;

Aliás, segundo julgamos saber, há, também, no mesmo hospital — cuja conservação parece se deveria impor fosse modelar — serviços em que chove, e nos quais já tem de haver baldes pelos cantos para apanhar água, como se se tratasse de um desses velhos prédios que esperam pelo camartelo municipal.

Mas, afinal, que se passa?

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ *A reforma da educação foi ontem referida de novo na Assembleia Nacional, perante numerosos deputados. Foi o deputado Miller Guerra, quem antes da ordem do dia, se referiu á sua importância. E logo adiantou, em desassombrados termos, que considerava «parcial e simples» a ideia de que fosse «o obstáculo principal da reforma» o «desassossego causado pelos estudantes». E acrescentou haver «outros obstáculos menos ruidosos, mas mais fortes», que indicou serem «as resistências institucionais e burocráticas, a oposição aberta ou oculta do grupo maioritário da hierarquia docente, junta á influência de esferas extra-universitárias».*

★ O prof. Miller Guerra, condenando a repressão violenta — «inexplicável muitas vezes, desnecessária sempre» — contra os movimentos dos estudantes, aclarou deste modo a sua posição: «Não defendo os insurrectos, mas isso não significa que lhes assaque as culpas do estado do ensino e, muito menos, os responsabilize só a eles pelos enleios que embaraçam a acção reformadora». Dado que «foram tomadas medidas disciplinadoras contra os estudantes agitados», o orador entende necessário e urgente «destruir as resistências oferecidas pela oposição conservadora», que não quer ver «o ensino transformado».

★ O prof. Miller Guerra foi ouvido com grande atenção pela Câmara e, no final, recebeu muitos cumprimentos.

★ *No mesmo período falaram os deputados Bento Levy, dos problemas de Cabo Verde; Menezes Falcão, sobre as carências de electrificação no distrito de Leiria; Alberto Alarcão, para agradecer o aumento concedido aos cantoneiros; Barreto Lara, em defesa do funcionalismo público ultramarino; Pinto Machado, para apontar certas injustiças em relação ao pessoal da Administração dos Portos do Douro e Leixões (A. P. D. L.); e Silva Soares, para se referir á necessidade de defender a costa do Furadouro (Ovar) das investidas das ondas.*

★ E entrando-se na ordem do dia, a Câmara retomou a discussão na especialidade da proposta de lei de «Protecção ao Cinema Nacional», aprovando novas bases a partir da XXXI, de modo semelhante ao que até aí se fizera, isto é, com alterações propostas pela comissão parlamentar de Educação Nacional e após explicações do deputado Veiga de Macedo.

★ *Correspondendo ao parecer da Câmara Corporativa, que teve o apoio da comissão de Educação Nacional, a Assembleia aprovou uma base nova que cria um «estatuto» para os filmes de arte e ensaio e dá ao Instituto Português de Cinema a possibilidade da «criação e manutenção de estabelecimentos técnicos experimentais».*

★ O deputado Magalhães Mota, a propósito, fez votos para que os cinemas de arte e ensaio se possam multiplicar no nosso País, para que a cultura seja acessível a todos os portugueses.

★ *Entretanto, o dr. Veiga de Macedo, socorrendo-se de informações oficiais da Direcção da Cultura Popular e Espectáculos, disse que a percentagem de cortes nos filmes tende a aumentar, dada a tendência erótica das produções modernas. Mais informou que de 10 a 12 a percentagem de cortes em filmes, em 1969, foi de 10 a 12 por cento, enquanto que em 1970 subiu já para 20 a 22 por cento.*

★ Como surgisse uma dúvida sobre uma proposta de alteração que estabelecia a proibição da exibição de filmes de publicidade com as luzes dos cinemas apagadas, o presidente encerrou a sessão, acrescentando esperar que a aprovação da proposta da lei de cinema fique hoje completada.

★ *O «Diário das Sassões» n.º 71, ontem distribuído, anuncia ter sido enviado para a Mesa o seguinte requerimento: «Requeiro que me sejam fornecidas cópias de todos os regulamentos das cadeias e estabelecimentos prisionais dependentes do Ministério da Justiça e do Ministério do Interior, bem como das instruções para a sua aplicação, se as houver.» Assina o requerimento o deputado Francisco Manuel Lumbrales de Sá Carneiro.*

MANUEL DE AZEVEDO

Regresso à normalidade administrativa da Liga Nacional Africana

— pede o deputado Barreto de Lara

A «anómala situação» em que se encontra a Liga Nacional Africana foi hoje evocada na Assembleia Nacional pelo deputado angolano Barreto de Lara, que reclamou o «imediato ingresso á normalidade administrativa e estatutária» daquela associação.

Segundo Barreto de Lara, a Liga fundada em Angola, em 1930 passou a ser dirigida, «em determinada altura da sua vida associativa», por uma comissão administrativa, o que acontece há já vários anos:

«Se anómala era a situação que determinou a imposição da dita comissão administrativa, mais anómala passou a ser que o seu mandato se prolongue e a situação perdure para além do que na Lei se estabelece» — disse o deputado, acrescentando:

«O pior é que dessa comissão administrativa, composta inicialmente por quatro membros dois são já falecidos e um afastou-se voluntàriamente, mantendo-se portanto o elenco directivo reduzido á sua expressão mais simples: um homem só a dirigir os destinos da colectividade.»

Noutra intervenção, também no período antes da ordem do dia, o deputado Alberto Alarcão chamou a atenção da Câmara para aspectos relacionados com «população e habitação», aplaudindo o Governo pela publicação do Decreto-Lei n.º 376/70, de 24 de Novembro último, e fez votos por que «da definição de uma política dos solos tendente a diminuir o custo dos terrenos possa resultar a melhoria das condições de habitação da população portuguesa, como tanto se deseja.»

Operário ataca operária para tentar violentá-la

PORTO, 29 — Cerca das 7 e 30, quando seguia pela Via Norte, próximo das instalações fabris da Efacec, a jovem Maria Manuela da Costa Araújo, de 19 anos, operária fabril, Rua dos Piconlas, 259, em São Mamede de Infesta, foi assaltada por um indivíduo que tentou violentá-la.

Aos gritos da rapariga acorreram diversas pessoas que perseguiram o assaltante e o agarraram. No posto da G. N. R. de São Mamede foi identificado: António Manuel da Silva Santos, de 25 anos, casado, operário fabril, também, residente naquela localidade, Negou, porém, a sua intenção criminosa.

Entretanto, a Maria Manuela foi levada ao Hospital de São João, sob forte excitação. Ali os médicos verificaram que apresentava contusão da região malar esquerda e escoriações nos lábios. Depois de socorrida, seguiu para o posto da G. N. R. para ser ouvida.

Nova fábrica de móveis no Porto

PORTO, 29 — Com a presença de numerosos convidados, e representando os diversos sectores da vida citadina, foram inauguradas, na Rua do Bonjardim, 506, as modernas instalações da Fábrica Jerónimo Osório de Castro (Herdeiros), Lda.

Os convidados foram recebidos pelos srs. João Henrique Osório de Castro, administrador; dr. Batalha Ribeiro, director comercial e Manuel Martins, gerente da filial da «Foc» no Porto. As novas instalações, montadas com requintado gosto, ocupam quatro andares, onde está patente ao público toda uma vasta gama de móveis metálicos e de madeira, artigos didácticos, etc., construídos por aquela fábrica nas suas instalações, em Mafra.

No final, foi servido um beberete e usou da palavra o sr. José Gonçalves de Abreu, das Industrias Tabopan, de Amarante.

Atrasos de 50 minutos na linha de Sintra

Devido a ter descarrilado uma carruagem no ramal da Sorefame (próximo da Amadora), registaram-se esta manhã atrasos na linha de Sintra da ordem dos 40 e 50 minutos.

O incidente verificou-se ás 8 e 20, perturbando a marcha dos comboios que, anteriormente, tinham partido de Sintra e do Rossio.

O tráfego ficou normalizado cerca das 10 e 30.

Não houve desastres pessoais.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Actualidade internacional

SEM PRECEDENTES EM WESTMINSTER

Os 250 deputados trabalhistas cantaram «We shall overcome»

LONDRES, 29 — (R.) — Uma manifestação sem precedentes no austero Parlamento britânico, os 250 deputados trabalhistas cantaram em coro hinos revolucionários tais como «The Red Flag» e «We Shall Overcome» após um debate que demorou a noite inteira sob a proposta de lei governamental destinada a limitar o direito á greve dos sindicatos.

Numa ruidosa manifestação de protesto contra a proposta, com grande surpresa dos espectadores que se encontravam na galeria reservada ao publico, os deputados trabalhistas levantaram-se e cantaram em coro, enquanto os conservadores, atónitos, olhavam para eles.

Os estenógrafos encarregados do Diário das Sessões ficaram por momentos perplexos sem saber se deviam registar a letra das canções, tal como fazem em relação aos discursos proferidos na Câmara dos Comuns.

Os trabalhistas, entusiasmados com a sua própria audácia contestatária, não se deixaram perturbar pelo espanto geral e continuaram batendo palmas ritmadas, fazendo pateada e dando vivas para se encorajarem uns aos outros, enquanto a austera sala forrada a painéis escuros vibrava e estremecia.

A inesperada manifestação surgiu espontâneamente depois dos deputados terem estado várias horas retidos por um debate moroso, procurando forçar o Governo a uma série de votações sucessivas sobre os vários pontos da proposta de lei.

O sistema de votação também foi tornado o mais demorado possível e durante a noite realizaram-se 22 votações, cada uma delas de 12 minutos.

Na segunda-feira passada já se tinha verificado ruidosa manifestação de deputados trabalhistas da esquerda, os quais interromperam os trabalhos da Câmara dos Comuns durante 15 minutos.

O PRESIDENTE NIXON no momento em que recebia o PRÍNCIPE JUAN CARLOS de Espanha na Casa Branca. Juan Carlos, com 33 anos, é o sucessor legal do generalíssimo Franco

COLA PARA DENTES

SALT LAKE CITY, 29 — (R.) — A forma como as lapas se fixam às rochas por meio de uma cola que produzem e que solidifica em contacto com a água deu aos investigadores da Universidade local a ideia de estudarem a aplicação dessa cola no tratamento de dentes cariados.

Mobilização parcial no Egipto

BEIRUTE, 29 — (A. N. I.) — O Egipto mobilizou algumas das suas unidades militares de reserva, antecipando-se assim ao termo do cessar-fogo no Médio Oriente, marcado para 5 de Fevereiro — anunciam notícias de origem diplomática provenientes do Cairo.

PROPOSTA FRANCESA

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 29 — (A. N. I.) — A França propôs que o Conselho de Segurança da O.N.U. estabeleça garantias para um acordo de paz no Médio Oriente com a criação de zonas desmilitarizadas e uma força internacional para a qual a França contribuiria com pessoal e pagaria a sua parte das despesas.

Sobre o prolongamento do cessar-fogo no Canal de Suez, que termina no dia 5, o embaixador, que presidiu á 53.ª reunião dos quatro grandes, declarou que não há, por enquanto, qualquer apelo para a prorrogação, mas que é possível venha ainda a ser feito.

GOLDA MEIR: ISRAEL NUMA POSIÇÃO MAIS FORTE

TEL-AVIV, 29 — (R.) — A sr.ª Golda Meir, primeiro-ministro israelita, afirmou a noite passada que o seu país tencionava prosseguir com as negociações de paz, sob os auspícios do dr. Gunnar Jarring, enviado da O.N.U.

O primeiro-ministro declarou ainda que tinha boas razões para acreditar que Israel pode enfrentar uma tentativa por parte do Egipto para recomeçar as hostilidades, partindo de uma posição mais forte do que tinha no Verão passado.

«Não desejamos que a luta recomece, mas se os egípcios atacarem, não temos quaisquer razões para ter medo» — observou a sr.ª Meir.

Ataques aéreos simulados

CAIRO, 29 — (R.) — Ataques aéreos simulados realizar-se-ão em todo o Egipto no sábado e no domingo para pôr á prova o sistema de defesa aérea do país, segundo anunciou a noite passada o ministério do Interior.

Foi pedido ao publico para observar uma ocultação parcial de luzes, incluindo a de anuncios luminosos, e a pintura a azul dos faróis dos automóveis.

CONCENTRAÇÕES EGÍPCIAS NA MARGEM DO CANAL

TEL-AVIV, 2 — (F. P.) — «Os egípcios concentraram na margem ocidental do Canal de Suez forças de importancia nunca vista» — anuncia o jornal «Maariv».

«As forças concentradas compreendem tanto artilharia e blindados como infantaria e equipamento de desembarque. Tudo isso indica claramente que o Estado-Maior egípcio se prepara para agir.»

O jornal acrescenta que, «embora reine de momento a mais completa calma naquele sector, faz-se sentir um certo nervosismo.»

Por seu turno, o «Yedioth Aharonoth» escreve que «as autoridades israelitas estão a tomar as disposições necessárias para que as suas forças não sejam apanhadas de surpresa por um eventual recomeço das hostilidades na zona do canal.»

MERCENÁRIO ABSOLVIDO

NANCY, 29 — (R.) — Um antigo mercenário frnacês foi ontem absolvido da acusação de assassinar um colega belga durante a luta no Congo, em 6 de Outubro de 1965.

O cabo Georges Seren-Rosso confessou ter morto a tiro o segundo-tenente belga Joseph Paulus, a uem acusou de cobardia durante uma retirada, após os combates em Bukavu.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Capital: Esc. 800.000.000$00
Sede: Rua do Comércio, 95 a 119, Lisboa

TROCA DE ACÇÕES
E DE
CAUTELAS PROVISÓRIAS

De harmonia com a escritura de 1 de Outubro de 1970 publicada no Diário do Governo, III série de 15 de Outubro de 1970 foi aumentado o capital social para Esc. 800.000.000$00 por incorporação de reservas e subscrição pública, havendo também sido fraccionadas as acções antigas, do valor nominal de Escudos 4.000$00, em quatro acções do valor nominal de Esc. 1.000$00.

Os Senhores Accionistas são convidados a entregar na Sede ou Dependências do Banco, com a possível brevidade:

As acções antigas, a fim de receberem em troca quatro novas acções por cada uma e, proveniente da incorporação de reservas, mais uma nova acção por cada duas das antigas.

As cautelas provisórias representativas das acções adquiridas por subscrição, a fim de serem trocadas pelos títulos definitivos.

As novas acções, do valor nominal de Esc. 1.000$00, deverão ser transaccionadas e cotadas na Bolsa a partir de 1 de Fevereiro

Veleiro afundado por uma baleia

CIDADE DO CABO, 29 — (R.) — Uma baleia chocou ontem com o veleiro sul-africano «Pioneer», que participava na corrida entre a Cidade do Cabo e o Rio de Janeiro, e o barco afundou-se no meio do Atlantico.

O veleiro, de 10 metros, encontrava-se a cerca de 1250 milhas a noroeste da Cidade do Cabo quando se afundou.

A tripulação foi recolhida da sua jangada de borracha pelo cargueiro norte-americano «SS Potomac» durante a noite passada, após 19 horas passadas na água.

O «Potomac» confirmou que todos os tripulantes se encontravam a salvo.

Entretanto, o veleiro francês «Striana» passou a comandar a corrida (relegando para o segundo lugar o barco sul-africano «Albatross II», que ia anteontem á frente.

Sekou Touré acusa a Alemanha de preparar nova invasão

ABIDJAN, 29 — (F. P. e R.) — O presidente Sekou Touré da Guiné, afirmou a noite passada que possuia informações de que uma nova invasão estava a ser preparada contra o seu país e que a Alemanha Ocidental prometera fornecer 500 homens para a operação.

Rádio Conakry, captada em Abidjan, disse que o presidente aludiu á nova ameaça de invasão numa conferência de Imprensa concedida a jornalistas que assistiram ao julgamento dos condenados por participarem no ataque contra a Guiné de 22 de Novembro ultimo.

Touré acusou a Aemanha Ocidental de ter desempenhado um papel importante no ataque de Nov-mbro.

O presidente referiu-se na sua conferência de Imprensa de uma carta que recebera — a origem da carta não se tornou clara na emissão ouvida em Abidjan — informando-o de que estavam em curso preparativos para uma nova agressão contra o seu país.

Forças aéro-transportadas participariam na operação, assim como antigos soldados guineenses, a maior parte dos quais tinha anteriormente servido no Exército colonial francês e permanecera no estrangeiro quando a Guiné se tornara independente.

A Republica Federal Alemã continuou Touré, tinha tentado expulsar a China de alguns projectos, como a reparação do caminho-de-ferro Conakry-Kankan.

Referindo-se na conferência de Imprensa ao golpe de Estado militar que ocorreu esta semana em Uganda, o presidente Touré descreveu-o como «um insulto do imperialismo á Africa revolucionária.»

RESPOSTA AO PAPA

Por outro lado, Sékou Touré enviou ontem uma mensagem ao Papa Paulo VI, na qual declara que «o cidadão Raymond Marie Tchidimbo», ou seja o arcebispo de Conakry, foi condenado a trabalhos forçados perpétuos «por ter dado o seu concurso a um empreendimento destinado a derrubar pela força o regime da Guiné.»

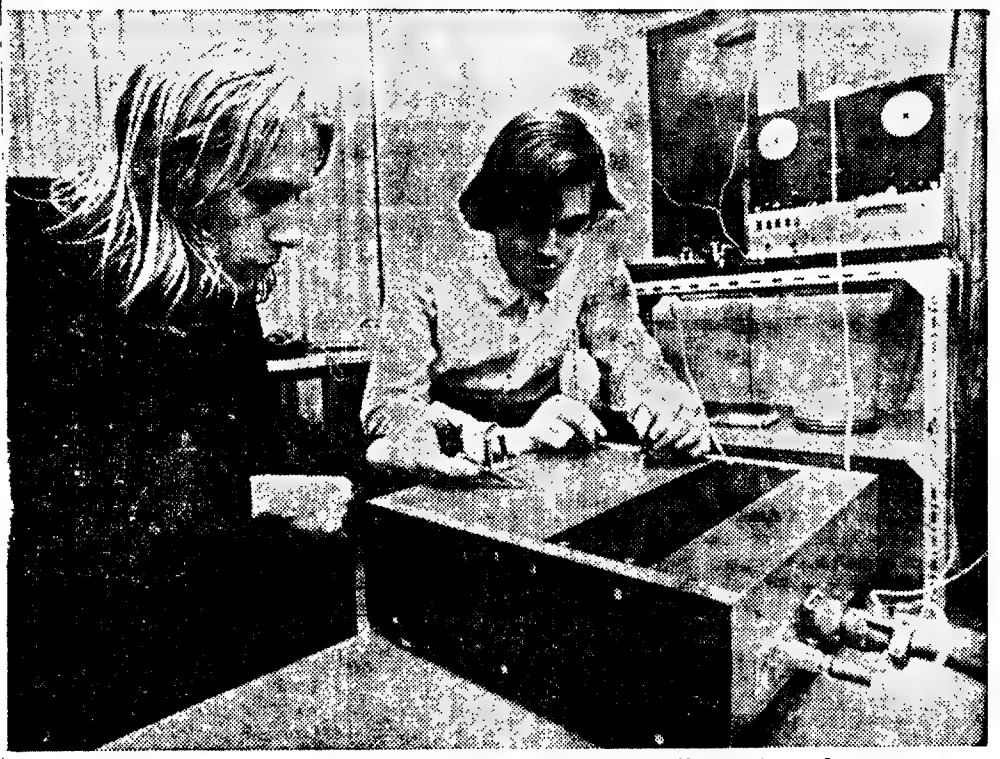
Ao julga-lo e condená-lo, acrescenta Sékou Touré, o povo da Guiné quis dissociar o homem da Igreja que representa.

Esta mensagem do presidente da Guiné constitui uma resposta á que o Papa lhe tinha enviado pedindo clemência para mons. Tchidimbo.

Prémio para um «bikini» com 27 graus negativos

MONTREAL, 29 — (R.) — Com uma temperatura de 27 graus negativos, um locutor da Rádio, George Balcan decidiu ontem oferecer um prémio de vinte e cinco dólares em prata e um vestido do ultimo modelo á primeira rapariga que se apresentasse no estudio em «Bikini».

Jennifer Pratt, uma enfermeira de 19 anos, foi a vencedora, chegando ao estudio passados 17 minutos com um «bikini» vermelho, branco e azul. Não foi, porém, a unica concorrente, e nos vinte minutos seguintes chegaram ainda mais 11 raparigas vindas de táxi, de autocarro e até de comboio, dos arredores da cidade.



A MÁQUINA MUSICAL acaba de ser inventada na Finlandia. Trata-se de um computador que compõe musica electrónica e faz discos. Na foto, além de DIMI, o computador, vemos (á esquerda) o seu inventor, Erkki Kurenniemi, e um musico que ele convidou para apreciar o invento, Jukka Ruohomäki

Sessenta «instrutores» americanos à paisana e armados circularão livremente no Camboja

PHNOM PENH, 29 — (F. P.) — Os sessenta «instrutores» americanos encarregados de entregar material militar ao Camboja serão autorizados a deslocarem-se livremente por todo o país e a andarem armados anuncia-se oficialmente nesta capital.

Dezasseis terão o seu centro de operações em Phnom Penh e os outros 44 permanecerão no Vietnam do Sul, donde poderão vir ao Camboja proceder a missões temporárias.

Para não dar á sua presença carácter militar — sublinha uma fonte oficial — estes homens andarão vestidos á paisana.

TROPAS LAOCIANAS ABANDONAM UMA LOCALIDADE

SAVANNAKHET (SUL DO LAOS), 29 — (F. P.) — As forças governamentais laocianas evacuaram ontem a pequena cidade de Muong Phalane (Su do Laos), posto avançado para os lados da pista Ho Chi Minh. Mas as forças lao-vietnamitas (Pathet Lao e norte-vietnamitas) não teriam ocupado a localidade que tem mudado muitas vezes de mãos durante a guerra do Laos.

No entanto, além dos «raids» diários da aviação americana sobre a pista Ho Chi Minh, a situação é bastante calma em toda a terceira religião militar do Laos que cobre as províncias de Khammuane e Savannakhet, situadas no Centro e no Sul do país.

EMBOSCADA NA TAILANDIA

BANGKOK, 29 — (A. N. I.) — Guerrilheiros comunistas mataram numa emboscada sete voluntários do serviço de protecção das povoações tailandesas — anunciou a Polícia, acrescentando que três voluntários desapareceram e outros tantos ficaram gravemente feridos. O ataque deu-se a sul da provincia de Narathiwat.

BOMBA NO MERCADO

SAIGÃO, 29 — (A. N. I.) — Terroristas fizeram ontem explodir uma bomba de grande potência no mercado apinhado de gente da povoação sul-vietnamita de Mo Duc, 503 quilómetros ao nordeste de Saigão, matando nove civis e ferindo vinte e dois — anunciou um informador militar em Saigão.

A missão de alunagem da Apolo 14 custará 11,4 milhões de contos

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON (Texas), 29 — (A. N. I.) — A missão de alunagem da Apolo-14 custará ao que se julga 400 milhões de dólares (11,4 milhões de contos) — mais 25 milhões de dólares do que o total gasto na missão malograda da Apolo-13, na Primavera de 1970.

Os funcionários da agência espacial afirmam que as principais razões do aumento do custo são os encargos mais elevados das operações, nomeadamente no que diz respeito ás experiências científicas mais complexas sobre a superfície lunar.

A missão da alunagem da Apolo-12 custou cerca de 375 milhões de dólares, enquanto a primeira alunagem (Apolo-11) importou entre 355 e 365 milhões de dólares.

PROBLEMA SOLUCIONADO

CABO KENNEDY, 29 — (F. P. e R.) — Ficou solucionado durante a noite passada o pequeno problema provocado por uma fuga no segundo andar do foguetão-gigante Saturno-5. A Apolo-14 está em ordem.

O foguetão, com a altura de um edifício de 36 andares, lançará no domingo, ás 15 e 32 locais (21 e 32 de Lisboa), Alan Shepard, Edgar Mitchell e Stuart Roosa rumo á Lua.

A fuga, numa das tubagens, foi colmatada sem dificuldade.

A bordo dos seus «SIMS» (simuladores de voo), os três pilotos ensaiam mais uma vez os passos mais importantes da sua ambiciosa tentativa. Trata-se, essencialmente, da colocação em órbita lunar do comboio espacial e do início da descida do LEM «Antares» para o solo selenítico, com Shapard e Mitchell aos comandos, enquanto Roosa ficará a conduzir a cápsula «Kitty Hawk» em redor da Lua, até ao regresso dos companheiros. No programa do dia figura, no entanto, uma manobra de emergência, a título de precaução excepcional: a retirada da Lua o mais rápidamente possivel dos seus dois exploradores caso surja alguma complicação imprevista.

A meteorologia prevê céu encoberto á hora do lançamento, tempo fresco, mas satisfatória apesar de tudo.

Qualquer demora séria no lançamento de domingo significará que a agência espacial terá de aguardar um mês para fazer nova tentativa.

Aumento das despesas militares dos EUA

WAHINGTON, 29 — (R.) — O presidente Nixon apresentou hoje ao Congresso um Orçamento de 229 biliões de dólares com um apreciável «déficit» destinado a criar novos empregos, numa época de economia pouco saudável, ao mesmo tempo que eleva as despesas militares para reforçar as defesas norte-americanas contra o poder naval e nuclear da União Soviética.

O orçamento federal para 1971-72, em vigor, a partir de 1 de Julho próximo, prevê uma receita de 217.6 biliões de dólares em impostos, o que equivale a um «déficit» de 11.6 biliões, não contando com uma diminuição de receitas de cerca de 18.6 biliões, calculada para o corrente ano financeiro.

O orçamento militar aumenta pela primeira vez nos últimos quatro anos e também as verbas destinadas à luta contra a poluição, exploração de recursos humanos, saude e outros programas.

ASSOCIAÇÕES

(Continuação da 1.ª página)

«tecnocrata» no Poder, deu-lhe o seu apoio.

No seu discurso ás Cortes, de 21 de Dezembro ultimo, o vice-presidente do Governo, almirante Luis Carrero-Blanco, embora rejeitando a ideia de um desenvolvimento político que repousaria num reconhecimento dos partidos, deixara entrever uma iniciativa próxima no sentido do pluralismo. «A unidade no essencial não pode nem deve ser sinónimo de uniformidade», declarou designadamente. No fim do ano o general Franco afirmou na Televisão que o seu regime não professa dogmáticamente a uniformidade das opiniões.

Quem mais ganha com o petróleo

LONDRES, 29 — (F. P.) — Enquanto o preço do petróleo e a partilha dos lucros provenientes da sua exploração são objecto de discussões nas diversas capitais, as companhias petrolíferas procederam a cálculos de onde se conclui que os principais beneficiários com a venda dos produtos petrolíferos são, na realidade, os Governos dos países consumidores.

Senão, vejamos como se decompõe o preço de venda médio na Europa dos produtos extraídos do petróleo do Médio Oriente: taxas recebidas pelos Governos dos países consumidores — 44 por cento; despesas de produção, refinação, transporte e distribuição — 36 por cento; rendimentos dos Governos dos países produtores — 12 por cento; rendimentos das companhias petrolíferas — 6 por cento.

PAPELARIA FERROS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

DOUTOR

JOSÉ MOREIRA DOS REIS

MISSA DO 7.º DIA E AGRADECIMENTO

Seu filho, nora, netos e mais família participam que amanhã, dia 30, às 11 horas, na Igreja do Campo Grande será celebrada missa pelo eterno descanso do seu ente muito querido, agradecendo a todas as pessoas amigas que se dignem assistir e bem assim a quem o acompanhou no seu funeral e que, por dificuldade de endereços não é possível agradecer directamente.

P. N. A. M.

AGÊNCIA «SRAF»
R. Pedro Nunes, 5, r/chão
Tel. [illegible]

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

1971 82 1971 RALLYE MONTE-CARLO

Ove Andersson-David Stone e a «Alpine» ganharam com «ataques» desesperados até ao último troço

MONTE CARLO, 29 — O sueco Ove Andersson, em «Alpine Renault», foi o vencedor do 40.º Rallye de Monte Carlo, que esta manhã terminou em Mónaco, depois de uma das mais renhidas provas da história da famosa prova. Com efeito, até ao ultimo momento, a vitória esteve indecisa entre Andersson, Thérier, Waldegaard e Andruet, que fizeram todo o «Rallye» separados por uma diferença no máximo, de 1 m. 16 s.

Foi particularmente empolgante a luta travada entre Andruet e Waldegaard, que fizeram três troços cronometrados em tempo igual!

No 2.º lugar da geral ficou o francês Thérier, também em «Alpine», e em 3.º, «ex-aecquo», o francês Andruet e o sueco Waldegaard. «Foi a mais bela vitória da minha carreira» — declarou-nos Andersson, enquanto os seus admiradores o regavam com uma gigantesca garrafa de champanhe. «Nem quero crer que é verdade e enquanto não vir o carro fora do parque fechado e o prémio na minha mão não acredito. Tive muitos problemas mas apenas os problemas que sempre surgem numa prova destas.»

Uma noite infernal

Poucas vezes se terá disputado uma prova tão renhidamente como este «rallye». Ontem á tarde, a partida para a prova «complementar» Mónaco-Mónaco, o famoso «circuito montanha», as diferenças de tempo entre os quatro primeiros eram reduzidíssimas. Andersson — no comando, tinha uma vantagem de apenas 32 s. sobre Andruet. Seguiam-se Thérier a 40 s. e Waldegaard a 1 m. 16 s. Munari tinha mais 3 m 22 s. que o 1.º classificado e Aaltonen a 4 m 10 s. Entre os restantes concorrentes, as diferenças eram, também, relativamente pequenas, o que dava a certeza de luta em todos os níveis da tabela.

«Telex» de AUGUSTO VILELA nosso enviado especial

Jean Pierre Nicolas foi o primeiro a partir, perante uma multidão de entusiastas. Muitos milhares de pessoas, principalmente franceses e italianos, ocuparam durante a tarde os pontos estratégicos do percurso. Nicolas, que o ano passado se classificara em 3. lugar, não teve sorte desta vez, desistindo antes do primeiro troço por se ter encravado a caixa de velocidades.

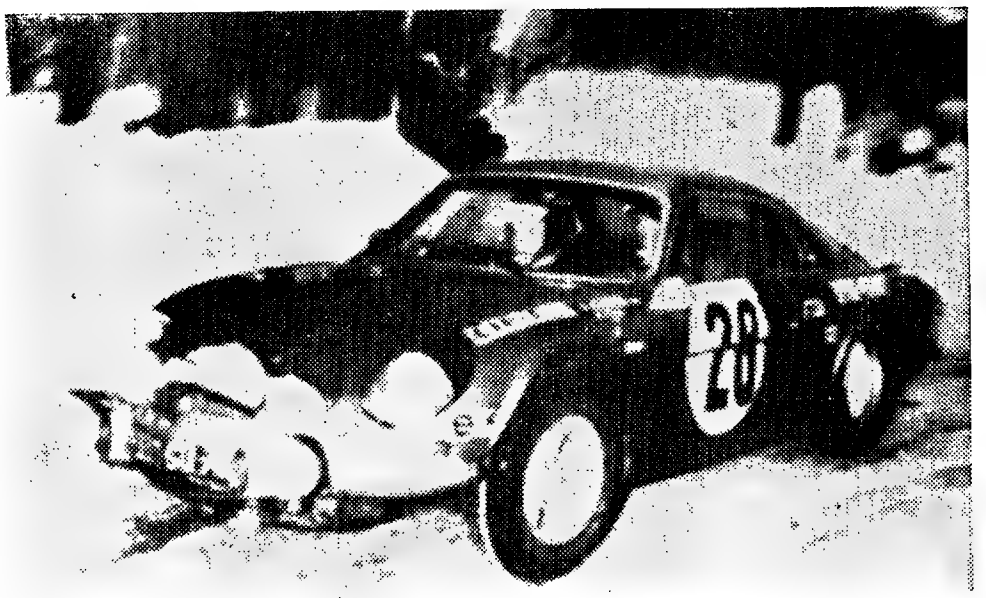
Le Moulinet era a primeira prova de classificação. Waldegaard foi mais rápido fazendo 15 m. 42 s. Seguiram-se Thérier (Alpine) 15 m. 49 s., Darniche (Alpine) 15 m. 49 s.; Andruet (Alpine) 16 m. 13 s.; Andersson (Alpine) 16 m. 21 s.; Vinatier (Alpine) 16 m. 24 s.; Lampinen (Lancia) 16 m. 44 s.; Paganelli (Fiat Spider)) 16 m. 21 s.; Vinatier (Alpine) 17 m 02 s.; Lindberg (Fiat) 17 m 02 s.; Aaltonen (Datsun) 17 m. 03 s.; etc.

No Moulinet cocentravam-se todas as assistências para as mudanças de pneus. Todos levarem pneus de neve com pregos. Darniche queixava-se da caixa de velocidaeds, mas nada foi possível fazer-lhe ali.

Pouco depos uma surpresa: Munari já não estava com o motor do Lancia gripado e Nicolas desistiu.

O segundo troço (Le Moulinot-La Bollene) tinha cerca de 23 km.

A luta era cada vez mais cerrada e impressionante o despique entre os homens da frente Andersson impôs-se, novamente, e ganhou com 22 m. 50 s., aumentando a sua vantagem sobre Thérier para 1 m. 12 s. Aaltonen foi o 3.º com 23 m 25 s., seguido de Tony Fall com 23 m. 28 s., Waldegaard 23 m. 32 s., Lampinen 23 m. 38 s, Darniche 23 m. 44 s., Lindberg 24 m. 03 s., Vinatier 24 m. 19 s., e Andruet 24 m. 22 s.



Jean-Luc Thérier, noutro «Alpine», teve uma actuação extraordinária mas não conseguiu mais que o 2.º lugar

A «Alpine» dominava a situação, mas entre os seus próprios pilotos desenhava-se a luta para a vitória final. Vinatier, com problemas de caixa de velocidades, tornou-se mais prudente, visando apenas terminar a prova.

Pelo lado de Waldegaard a réplica era brilhante, mas o sueco sentia que cada vez era mais difícil recuperar.

Em Saint Sauver-Beuil, Andruet foi o mais rápido a cobrir os 24 km do troço, e Thérier foi o 2.º melhor.

Aaltonen fez 20 m. 43 s., Waldegaard, 20 m. 45 s.; Andersson, 20 m. 52 s.; Lampinen, 21 m. 01 s.; Vinatier, 21 m. 02 s.; Darniche, 21 m. 02 s.; Ragsotti, 22 m. 10 s.; e Paganelli, 23 m. 9 s. Momento a momento, o desfecho da prova parecia mais incerto, e entre os quatro da frente tudo podia acontecer. Waldegaard estava agora a 1 m. 02 s de Ove Andersson, que se mostrava cada vez mais prudente, com todos os seus adversários bem «controlados».

Até ao final, continuou a assistir-se a um despique verdadeiramente feroz entre os quatro primeiros classificados, esfumando-se as hipóteses de Waldegaard conseguir a sua terceira vitória consecutiva na famosa prova monegasca.

Entretanto, Lampinen, talvez acicatado pela desistência do seu colega de equipa, Munari, passou abertamente ao ataque, ganhando dois troços e ascendendo ao 6.º lugar da Geral.

Só no final do último troço se soube que Andersson seria o vencedor, pois nesse mesmo troço, Thérier, que fez a prova cerca de 10 minutos antes, obteve um tempo verdadeiramente excelente.

Nas classificações por grupos, Henry Greder triunfou em Turismo de Série, com um «Commodore GSE»; Ragnoti obteve o 1.º lugar em Turismo Especial, num «Opel Kadet».

Na Taça de Senhoras, a vitória foi para a alemã Hannelore Werner (BMW 2002 TI), depois da desistência de Marie Claude «Beaumont», já então muito penalizada e ocupando o 2.º posto.

Classificação final (provisória)

Ainda que sem carácter oficial, a classificação actual do 40.º «Rallye» de Monte Carlo é a seguinte:

1.º, Ove Andersson - David Stone (Alpine Renault 1600 S), 6 h. 32 m. 4 s.; 2.º, Jean-Luc Thérier-Marcel Callewaert (Alpine Renault 1600 S), 6 h. 32 m. 44 s.; 3.º Bjorn Waldegaard - Hans Torzelins (Porsche 914/6; e Jean-Claude Andruet-Guy Vial (Alpine 1600 S), 6 h. 33 m. 55 s.; 5.º, Rauno Aaltonen-Paul Easter (Datsun 240 Z), 6 h. 39 m. 31 s.; 6.º, Simo Lampinen-John Davenport (Lancia Fulvia HF 1600), 6 h. 39 m. 31 s.; 7.º, Hakan Lindberg-Solve Andersson (Fiat 124 Spider 1600); 8.º, Bernard Darniche-Robertet (Alpine 1600 S), 6 h. 42 m. 25 s.; 9.º, Jean Vinatier-Maurice Gélin (Alpine 1600 S), 6 h. 46 m. 16 s.; 10.º, Tony Fall-Mike Wood (Datsun 240 Z); etc.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

REPARTIÇÃO DE PESSOAL, EXPEDIENTE E CONTABILIDADE

CONCURSO PÚBLICO N.º 1/71

PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE «CONSTRUÇÃO DA TORRE DE CONTROLE, SERVIÇOS TÉCNICOS E CENTRAL ELÉCTRICA DE EMERGÊNCIA DO AEROPORTO DA HORTA».

Depósito provisório: 112 802$00.

Prazo de apresentação das propostas: 30 dias.

Alvarás exigidos aos concorrentes:

I Categoria, ou 1.ª Subcategoria da I Categoria e classe correspondente ao valor da proposta.

Locais de consulta do processo:

Sede: Avenida da Liberdade — n.º 193, em Lisboa;

Direcção do Serviço de Obras — 3.ª Repartição: Edifício n.º 4 do Arruamento B do Aeroporto de Lisboa, e nos Aeroportos de Ponta Delgada e da Horta, no Arquipélago dos Açores.

Local do acto público do concurso:

Sede: Avenida da Liberdade — n.º 193, em Lisboa.

Anuncia-se que se encontra aberto o concurso público acima identificado, sendo o prazo de apresentação das propostas contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo».

O acto público do concurso realizar-se-á, pelas 10 horas, no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de trinta dias fixado neste anúncio.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 28 de Janeiro de 1971.

O ADJUNTO DO DIRECTOR-GERAL,

C. Themudo Barata

1971
MAIS DE 50 ANOS
DE EXPERIÊNCIA AUTORIZA-NOS A
SUGERIR A ESCOLHA EXACTA

VAUXHALL
"H.B." OU "H.C."
GENERAL MOTORS

PARA ENTREGA IMEDIATA
DE: 58.000$00 A 79.500$00

AUTO-INDUSTRIAL GM
Lisboa–Avenida Duque de Loulé, 93–95B–Telefones: 538082/562551
Coimbra–Leiria–Caldas da Rainha–Torres Vedras
Estoril–Avenida de Nice–Telefones: 263550/263396

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

CRIADAS

Organismo Oficial admite criadas com o salário mensal de 1200$00 — 1300$00 no caso de não terem vagas nas camaratas — com direito a reforma.

Devem possuir a habilitação da 4.ª classe e idade compreendida entre 18 e 34 anos.

Resposta a este jornal ao n.º 707.

HÓQUEI EM PATINS

VITÓRIA DA CUF SOBRE O PAÇO DE ARCOS

A Cuf venceu o Paço de Arcos (5-4) no jogo mais importante da jornada de ontem do Torneio de Qualificação para o Nacional de Hóquei em Patins. Um triunfo que, sem constituir surpresa total, tem foros de sensacional e igualou os cufistas aos seus adversários no comando do Campeonato.

Nos outros jogos: o Sporting venceu o Cascais por 5-3 e o Oeiras bateu a Liga de Algés por 6-3.

Alinharam e marcaram:

PAÇO DE ARCOS — Monteiro; Rafael (1), Rosa Soares (1), Abreu (1), Correia dos Santos (1).

CUF — Vítor Domingos; Mário Ferreira, Almeida (1), Leonel (1), Carlos Nunes (1), José António (2).

Ao intervalo: 2-3.

CASCAIS—Paulino (Quim); Luís Costa (1), Sombreireiro, Cunha, Barros (2) e Artur Agostinho.

SPORTING — Vítor Ferreira; Reis (1), Adriano (2), Paulo (1), Lourenço, Barata e Puskas (1).

Ao intervalo: 0-2.

OEIRAS — José Pereira; Carvalho (1), Rosado (1), Nunes, Salema (3), Cristóvão e Ricardo (1).

ALGÉS — Cerca; Moreira (1), Barraló, Moita, Luís Alberto (1), Henrique e Oliveira (1).

Ao intervalo: 1-2.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O PORTO-BENFICA DOMINA A JORNADA

• Cresce o interesse • Minguam os lugares • Aumenta o preço dos bilhetes

Meia hora após todos os outros actuantes de domingo, os «patrões» da 18.ª jornada do «Nacional» de futebol descerão ao relvado das Antas. Atraso de «luxo» em encontro de alto nível. Na extensa mesa verde da conferência, dois pontos em discussão. Dois pontos que andarão de lá para cá e de cá para lá. Noventa minutos depois, a divisão estará feita — mas, até lá, os adeptos da bola viverão momentos de forte expectativa (para já) e de intensa emoção (a partir das 15 e 30 de domingo). E tudo isto, afinal, mais não traduz que o clima inerente aos grandes jogos de futebol.

Incontroverso.

Certo que, com a «embrulhada» que este disputado campeonato proporcionou, tanto no alto como no baixo da tabela, todos os jogos são de «arraza» — autênticas finais.

Mas o Porto-Benfica — esse é dos que justificam... bancada especial.

Justifica, fez-se, mas não será utilizada. Segurança não se compadece com «aficion» e, assim, entre boatos e certezas, desde uma primeira vistoria á bancada provisória, que permitiria a mais «uns três milhares» ver o grande jogo, confirmou-se, ontem, o embargo á sua utilização.

Três mil lugares a mais seriam uma gota de água no oceano, mas uma gota de água capaz de iludir a sede a muitos mais: a esperança de que um lugar na «bicha» seja compensado.

Mas, baldadas as esperanças, o «mercado negro» ficou mais negro. «Preço de ouro» é moeda corrente para um bilhete... mas quem o tem chama-lhe seu — salvo os «candongueiros», que esfregam as mãos com esta alta na «Bolsa».

Enfim.

Era uma vez uma bancada... Ontem, uma ultima vistoria confirmou o embargo e «matou» as esperanças de mais uns milhares...

No Benfica: todos OK menos um

Nos meios afectos ao Benfica, a efervescência é enorme. Pode dizer-se que os mais «frios» serão, ainda, os intervenientes directos no encontro: jogadores, técnicos, dirigentes e auxiliares. Frieza que não implica ausência de actividade, como é óbvio. O departamento médico e de «recuperação» dos «encarnados», por exemplo, não teve mãos a medir: Humberto Coelho e Malta da Silva constituíram casos difíceis — mas são, já hoje, «casos» resolvidos. Eles estão OK para o jogo — tal como Torres e Matine se encontram aptos a alinhar se o fleumático Jimmy Hegan entender que isso é conveniente.

Mas dentre estas «certezas» agradáveis, há uma que o não é: corresponde a Zeca, a contas com um problema «do joelho» resultante da partida em Guimarães. Ele estará ausente das Antas.

Entretanto, a equipa treinou esta manhã na Luz — recolhendo, depois, ao estágio que decorre em Carcavelos.

Amanhã, novo treino no seu estádio, seguindo a comitiva benfiquista para o Porto no avião das 17 e 30.

Até ao momento de seguir para as Antas, a turma lisboeta permanecerá instalada no Hotel Nave.

ENTRA A FEDERAÇÃO...

Não tendo sido autorizada a utilização da Bancada Metálica instalada no Estádio das Antas, é anulada a emissão de bilhetes para a referida bancada, devendo os possuidores de bilhetes que eventualmente tenham chegado a ser vendidos, solicitar o reembolso do seu custo no local onde os adquiriram.

F. C. Porto: treino, sob o signo do optimismo. Não há problemas na equipa. Lemos recuperou. Será a «máxima força» contra o Benfica

F. C. Porto: máxima força

Enquanto isto (a exaltação é geral pela falta do tal «papelinho») reina o melhor dos optimismos no sector futebolístico das Antas. A importância do jogo parece não ter afectado qualquer dos atletas. E disso nos apercebemos durante o treino de conjunto ontem efectuado. Os elementos que, no domingo transacto, defrontaram o Barreirense, jogaram contra os reservistas, e não contra o Riopele, como estava previsto.

Houve alegria, e até algumas brincadeiras, bem demonstrativas da boa disposição que reina nos atletas «azuis-brancos». Lemos também esteve presente, já que recuperou bem da contusão sofrida no Campo D. Manuel de Melo, pelo que não deverá haver alteração no «onze» que derrotou o Barreirense.

Abel. Um ex-benfiquista que se «encontrou» no F. C. Porto

Aliás, este encontro com os «encarnados» foi encarado como qualquer outro. A preparação dos portistas foi absolutamente normal, seguindo-se o esquema perfilhado desde o início da temporada.

Só ontem, tarde, os futebolistas do clube das Antas entraram em estágio. De manhã foram submetidos a banhos de imersão e massagens, após o que se concentraram, indo almoçar a um hotel das redondezas da cidade, onde ficarão instalados até horas antes do jogo.

Humberto Coelho: certeza (agradável) na equipa do Benfica

Antoninho no Boavista

Antoninho, o ponta de lança que estava preso ao Benfica, mas que presentemente se encontra a prestar serviço militar no Porto, assinou ontm, à noite, um contrato com o Boavista.

O jogador não poderá, contudo, dar, tão cedo, o seu concurso á equipa.

CICLISMO

«Nacionais» de «Ciclo-cross» no domingo

A Federação Portuguesa de Ciclismo marcou para domingo, em Sangalhos (terrenos anexos á pista da Bairrada) os campeonatos nacionais de «Ciclo-Cross», por amadores e profissionais.

Ao campeonato de profissionais (12 voltas, num total de 14,280 km) concorrem onze corredores, de três clubes: Porto, Sangalhos e Âmbar.

Partida ás 11 horas.

Na corrida de amadores (10 voltas — 11,900 km) estão considerados 21 ciclistas, do Porto, Âmbar, Coelima, Sangalhos e Arcozelo.

Partida ás 10 horas.

Convite ao F. C. Porto para a Volta à Suíça

A secção de ciclismo do F. C. Porto, recebeu um convite da Suíça, para que a sua equipa se fizesse representar na volta daquele país, que se disputará de 11 a 18 de Junho próximo.

Tal convite está sendo devidamente estudado, tudo levando a crer que será uma realidade a presença dos ciclistas «azuis-brancos» no «Tour» suíço.

O início daquela competição está, porém, programado para o dia seguinte ao da realização do «clássico» Porto-Lisboa. A ser aceite o convite recebido, é quase certa a ausência do Porto na importante prova nacional.

«A BOLA»

Completa hoje 26 anos de existência o popular trissemanário desportivo «A Bola». Por tal motivo e na pessoa do seu director, dr. Vicente de Melo, apresentamos a quantos lá trabalham as nossas felicitações.

OS «EUROPEUS» DE FUTEBOL

Primeira convocação para as equipas nacionais

Com vista aos próximos jogos das Selecções A e de Esperanças, o seleccionador nacional, Gomes da Silva entregou a primeira lista de convocados, num total de 32.

SELECÇÃO A — Damas, José Carlos, Hilário e Peres, do Sporting; José Henrique, Malta da Silva, Humberto Coelho, Simões, Matine, Eusébio e Artur Jorge, do Benfica; Rebelo, Vítor Baptista e Guerreiro, do Vitória de Setubal; Rui Rodrigues, da Académica; e Pavão, do F. C. Porto.

ESPERANÇAS — Bento, do Barreirense; Tibi, do Leixões; Artur e Alhinho, da Académica; Freitas e Quinito, do Belenenses; Toni, Vítor Martins e Nené, do Benfica; Bastos, do Farense; Laranjeira e Chico, do Sporting; Lemos e Ricardo, do F. C. Porto; Octávio, do Vitória de Setubal; e Marques, do Varzim.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O ARRENDAMENTO DAS LOJAS N.os 15-A e 15-B, SITUADAS NA RUA MAJOR ROSA BASTOS DO BAIRRO DE SACAVÉM

1 — Faz-se público que às 16,30 horas do dia 25 de Fevereiro do corrente ano se procederá, na Sede do Fundo de Fomento da Habitação — Rua Marquês de Fronteira, 76, em Lisboa —, ao concurso acima designado.

2 — Os processos de concurso encontram-se patentes na Sede daquele Organismo — Repartição Administrativa, 6.º andar — onde podem ser examinados durante as horas de expediente.

3 — As propostas podem ser entregues pelo concorrente ou um seu representante até às 17 horas do dia anterior ao do concurso público, ou remetidas pelo Correio, sob registo e com aviso de recepção, por forma a darem entrada no Fundo de Fomento da Habitação até uma hora antes da indicada para a realização daquele acto.

Lisboa, 27 de Janeiro de 1971

O PRESIDENTE
Jorge Carvalho de Mesquita
Engenheiro

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Em 77.ª audiência, prosseguiu o julgamento do caso da herança Sommer em curso no 1.º Juízo Criminal da Boa Hora, sob a presidência do corregedor Bernardino de Sousa.

A audiência de ontem foi preenchida com o interrogatório feito ao sr. Henrique Champalimaud pelo dr. Antero Monteiro Dinis, adjunto do procurador da República, nomeadamente acerca de diversos pontos da contestação elaborada pelo dr. Sidónio Rito, patrono do industrial sr. António Champalimaud. Inicialmente aquele magistrado versou os problemas referentes ao inventário que correu por óbito de Henrique Sommer.

Depois de o sr. Henrique Champalimaud marcar o seu ponto de vista em relação á primeira instancia, ficou exarado na acta o seguinte:

«Exibidos ao declarante os documentos de fls 8810 e 8812 e havendo-lhe sido perguntado se sobre os mesmos podia prestar quaisquer esclarecimentos, nomeadamente, quanto a um lançamento efectuado em Maio de 1945 e a razão de ser do mesmo, por ele foi dito que sobre tal matéria não lhe é possivel fornecer qualquer elucidação por sobre ela não ter qualquer ideia; os lançamentos feitos na conta a que tais documentos se referem — «António Champalimaud, conta especial» — eram efectuados com base em instruções directas de seu irmão António, instruções essas dadas ao chefe da contabilidade da casa Sommer, Julio Costa.

O declarante nunca recebeu até ao momento presente qualquer acção da Companhia Cimento Tejo proveniente da herança de seu tio Henrique; também nada recebeu, que se recorde, da Sociedade Comercial do Ambriz.

No tocante á Sociedade Fábricas Vulcano e Colares, Lda., toda a sua conduta posterior ao óbito de seu tio se limitou a concretizar e executar tarefas determinadas e especificas provenientes de seu irmão António.

O representante do Ministério Publico salientou ao declarante que existiam nos autos vários documentos por ele assinados que mostravam uma intervenção activa do sr. Henrique Champalimaud na dissolução e liquidação das Fábricas Vulcano e Colares.

O declarante respondeu que tudo quanto possa emergir dos documentos de fls 8806, 8855, 10 441, 10 536, e outros, se insere na linha de conduta que anteriormente traçou — mero executor de ordens ou instruções emanadas de seu irmão António Champalimaud.

No tocante ás declarações da fls. 6759 e segs., datadas de 31-3-48, das quais se pode extrair conclusão ao menos parcialmente diversa daquela a que antes o declarante chegou, refere que essas declarações foram assinadas por si com base numa total e inteira confiança que então depositava no seu irmão mais velho, não curando saber da exactidão ou inexactidão de que porventura tais documentos se revestiam. Assinou-os como antes e depois muitas vezes fez, sempre nas mesmas circunstancias, com base na ilimitada confiança e amizade que áquele seu irmão dedicava.

Acrescenta, aliás, que só depois de haver assinado essas declarações — e até por causa delas — é que seu irmão António Champalimaud lhe comunicou que todas as acções da Empresa de Cimentos de Leiria que haviam pertencido a Henrique de Sommer se transmitiram por morte deste aos seus herdeiros. Neste particular, as declarações que assinou nem lhe suscitaram quaisquer duvidas, devido ao que acaba de deixar referido.

Quando teve conhecimento de que as acções da Empresa de Cimentos de Leiria, antes aludidas, haviam ficado para os herdeiros e não para as tias, como primeiramente esteve convencido — na sequência de uma informação de seu irmão António Champalimaud, em condições já relatadas —, não se preocupou em provocar a alteração do texto dessas declarações, pois a confiança a que já aludiu era tanta que nem sequer podia imaginar que seu irmão viesse um dia a fazer uso desses documentos como prova de uma realidade que nunca existira; isto é, procurando negar uma evidência.

O declarante disse estar convencido de que sua tia D. Palmira nem acompanhou de perto a evolução do inventário por morte do marido, nem tão-pouco sabia que este havia sido quase totalmente simulado, como seu irmão António Champalimaud refere no art.º 31 da contestação. Com efeito, sua tia, em dada altura da vida passou a ter uma posição económica mais avultada que a do marido, posição económica essa que estava conexa com a de uma sua irmã.

Estas duas circunstancias impediam, por certo, Henrique de Sommer de uma intervenção directa nos interesses de sua mulher, pois, além de estes serem superiores aos seus próprios, estavam ainda ligados a outros que por seu turno eram dirigidos pelo cunhado de sua tia Palmira.

Tudo isto determinou no espirito de sua tia um desinteresse pelas posições economicas da família Sommer, nomeadamente de seu marido Henrique de Sommer; e reflectiu-se aquando da morte deste na posição que tomou ou teria tomado no inventário, a qual se limitaria apenas e unicamente a saber qual o destino dos bens comuns do casal, ou seja, aqueles que o dr. Octávio de Brito indica na carta de fls. 8792: um automóvel «Packard», um automóvel «Lancia» e metade do prédio na Avenida João Crisóstomo.

As cartas de sua tia Palmira juntas por fotocópias a fls. 8793 e 8795, de cujo conteúdo o declarante agora teve conhecimento, segundo sua convicção, foram escritas por essa senhora, por certo com base em indicações que lhe eram fornecidas pelo cunhado a que antes se aludiu. O texto delas vem vincar o pensamento do declarante, relativamente ao desinteresse que sua tia votou a tudo do inventário que não estivesse relacionado com a parte em que tinha comunhão.

Além de tudo o que já exprimiu relativamente ao desinteresse de sua tia Palmira pelo inventário por óbito do marido, acresce que seu irmão António Champalimaud, dado o seu temperamento e maneira de ser, nunca permitiria que essa senhora orientasse o referido processo pois sendo nele interessado era ele quem necessàriamente [illegible] o comando.

O julgamento prossegue hoje.

BASTIDORES DA SAÚDE E DA MEDICINA

(Continuação da 1.ª pagina)

(tendo sempre em vista a protecção dos manaciais;

— sistema de retenção das águas pluviais (no caso das construções isoladas — por ex.: os *montes* alentejanos).

Problema afim: o da desinfecção da água em pequena escala, quando seja para consumo doméstico.

C) Eliminação de dejectos

Começa a ser tempo de pensar a sério na instalação de redes de esgotos nos meios rurais, com as respectivas estações de tratamento. O problema é fundamental: em poucas palavras, a água corrente serve frequentemente para o transporte dos detritos das cozinhas, das instalações sanitárias (ou funcionando como tal), das industrias...

Os produtos organicos, sólidos ou líquidos, transportados na água sob a forma de detritos, e conspurcando-a, deveriam ser decompostos (em estações de purificação) por flora bacteriana, a mais barata ao serviço do homem, em compostos estáveis elementares — anidrido carbónico, nitratos etc. Estamos a pensar na melhor oxigenação da água na boa exposição aos raios solares, nos tratamentos de floculação, na sedimentação na filtragem em areia, finalmente na clorinação. Todas estas passagens deverão fazer-se numa zona intermédia entre a produção dos esgotos e o local em que estes já purificados, são vertidos na corrente de água mais próxima. Só assim se poderá proteger efectivamente os abastecimentos de água.

SR. CAPITALISTA

Faça progredir o seu capital com um bom e seguro rendimento, investindo-o com sólidas e reais garantias em HIPOTECAS de propriedades.

ORCOSI

Rua 1.º Dez.º 45-3.º, Esq. — Lisboa — Tel. 323172/367444

j. pimenta

CASCAIS

APARTAMENTOS MOBILADOS

ANDARES-VIVENDAS

6.000 Clientes satisfeitos

Informações para aluguer e venda:
Lisboa - Pr. Marquês de Pombal, 15 - Telef. 45843-47843

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	500$
Consolidado 3%	502$	—	502$
Consolidado 3 1/2%	—	—	6[illegible]2$
Centenários 4%	—	—	1.400$
Obrigs. Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo ' Série	—	550$	—
Externo ' Série C	—	550$	—
Externo 4.ª Série	—	690$	700$
Externo 3.ª Série C	—	700$	800$
Cautelas 3.ª Série	—	152$	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P T 5% 56	—	850$	—
A P T 5% 58	—	850$	—
C P 4 1/2% 65	—	810$	—
C P 5 1/2% 67	—	920$	—
C U F 6%	930$	920$	940$
C U F 6% 68	—	910$	—
Gás Elect 4% 48	—	842$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	830$	—
Gás Elect 5% 54	—	—	—
Gás Elect 5% 58	735$	730$	740$
Gás Elect 5% 59	—	720$	750$
Gás Elect 5% 64	—	—	—
Gás Elect 5% 63	—	—	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	920$	930$
H E A Alentejo 5%	—	780$	800$
H E Cávado 5%	—	725$	—
H E Cávado 6%	—	940$	—
H E Douro 5%	725$	725$	—
H E Douro 6%	—	940$	—
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	—	—
H E Zêzere 5% 55	—	910$	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	—	780$
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	895$	—	900$
Moçambique 5%	—	915$	—
Nac Elect 5%	—	—	—
Nitratos 5%	735$	730$	—
Nitratos 5% 60	750$	—	—
Petroquimica 5%	—	—	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	940$	950$
Siderurgia 5% 2.ª	—	820$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	745$
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	745$
Sonefe 5%	745$	—	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	710$	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	70$	71$
U E P 5% 60	—	700$	720$
U E P 5% 63	—	820$	—

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Ag S Tomé e Príncipe	210$	205$	2 5$
Boror	—	130$	170$
Buz	—	—	—
Cabinda	209$	208$	219$5
Diamantes Angola	—	2 260$	2 275$
H E Revué	—	—	—
Ilha do Principe	—	—	—
Moçambique	194$5	193$	94$5
Sonefe n	—	440$	450$
Sonefe p	452$	451$	453$
Zambézia	77$	77$	79$
Diversas			
[illegible]dla	—	5 600$	6.800$
Cim Leiria	—	—	—
Cim Tejo	—	7.700$	8.000$
Col Navegação	—	—	1.620$
C U F	—	1.500$	1.630$
Inc Aliança	—	—	—
Nac Navegação	4.220$	4.200$	4.240$
Petroquimica	—	1.600$	1.620$
Port e Colónias	—	1.305$	—
Port Celulose	4.050$	4.050$	4.150$
Port Pesca	1.080$	1.060$	1.100$
Port Tabacos	—	670$	680$
Sacor	4.050$	4.030$	4.070$
Siderurgia Nac	—	2 530$	2.540$
Socel	3.500$	3 500$	3.550$
Tabacos de Portugal	—	1.450$	1.600$
Tabaqueira	6.600$	6.550$	6.600$
U F Azoto	—	765$	780$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	—	400$	—
Aguas Lisboa 34	—	410$	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
C P Electricidade	1.200$	1.198$	1.202$
C P Electricidade nom	—	1 185$	—
C P Electricidade 969	—	—	—
Eléc Beiras	1.700$	1.700$	1.710$
Gás Electr	451$5	451$	451$5
H E Alto Alentejo	184$	184$	184$5
H E Norte Portugal	—	230$	240$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	204$	203$	205$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F Atlântico	—	203$9	210$
[illegible]	—	124$2	127$9

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel 366066/7

Teleg ALMEIRO — Telex 47[illegible], ALAP P

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.695$	2.695$	2.700$
Alentejo	1.190$	1.185$	1.195$
Angola	3.850$	3.850$	3 8[illegible]$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	6.800$	6.800$	6.900$
E Santo	—	27.200$	—
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	20.500$	—
Fomento	—	2.420$	2.500$
L G Açores p	—	—	—
L G Açores n	—	—	—
P Atlântico p	—	6.300$	6.400$
Portugal n	—	3 200$	—
Portugal p	4.250$	4 250$	4.400$
Totta Açores	5 850$	5 810$	5.860$
Ultramarino n	3.990$	3.970$	4 000$
Ultramarino p	4.290$	4.287$	4.295$
Seguros			
Alentejo	149$5	149$	150$
Douro	—	—	—
Mundial	1.170$	1.160$	1.170$
Sagres	—	2 200$	—
Tranquilidade	—	—	10.000$
Ultramarina	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	785$	785$	800$
Ag Cassequel	610$	608$	612$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	430$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	[illegible]/1/71	[illegible]/1/71	[illegible]/1/71
GERAL	154.3	155.7	156.0
METROPOL.	149.4	150.9	151,2
ULTRAM.	190,3	191,2	191,3

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	35$50	38$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
America		
—Dollars de 1 e 2	27$90	28$40
— » de 5 a 20	28$30	28$70
— » de 50 a [illegible]000	28$40	28$80
Argentina — Peso Novo	5$50	7$00
Austria — Schilling	[illegible]$10	$[illegible]6
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$5[illegible]	5$80
Canadá — Dólar	27$7	8$20
Dinamarca — Coroa	3$7[illegible]	4$00
Espanha — Peseta	$40	$41,5
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$8[illegible]	8$[illegible]0
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$[illegible]5
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suiça — Franco	6$58	6$78
Ouro		
Inglaterra — Libra (sobe)	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	35$50	37$50

I BURNAY, L.DA — Notas estrangeiras — Papéis de crédito

RUA DO OURO 72 — Tel. 231273

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — O RÉPTIL — SÃO LUIZ e ALVALADE

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
Um filme de emoção!
ÚLTIMO DOMICÍLIO CONHECIDO
com
Marlene Jobert, Lino Ventura
Eastmancolor

VOX
(Adultos) Tel. 720808
As 15.15, 18.30 e 21.45
12.ª Semana de Sensação!
Eastmancolor
O filme decisivo de
Claude Chabrol
REQUIEM PARA UM DESCONHECIDO
com **Michel Duchaussoy, Caroline Celier e Jean Yanne**
DOMINGO, ás 11 h. (M. 6 anos)
Theodore Bikel e Teddy Eccles
no sugestivo e maravilhoso filme
A MINHA MONTANHA
Panavision e Technicolor

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
5.ª SEMANA
Um filme de ROGER VADIM
com BRIGITTE BARDOT
E DEUS... CRIOU A MULHER
Jean-Louis Trintignant e Curd Jurgens
EASTMANCOLOR - SCOPE

BERNA
(M 12 anos) Tel. 776098
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE ÊXITO!
John Philippe Law, Mimsy Farmer e **Claudio Gora** vivem, nas famosas estepes russas, uma grande e inesquecível história de amor!
STROGOFF
Panavision e Technicolor
Nova versão do imortal romance de **Julio Verne**
(A Av. Marquês de Tomar)
Domingo, ás 11 h. (M. 6 anos)
O maior **herói** de todos os tempos, numa sensacional aventura!
ASTÉRIX, O GAULÊS
— Desenhos coloridos —

IMPÉRIO
(M. 12 anos) Tel. 555134/5
2.ª SEMANA
Às 15.15 e 21.30
Lee Marvin, Jeanne Moreau e Jack Palance
MONTE WALSH, UM HOMEM DIFÍCIL DE MORRER
Panavision — Color

ESTÚDIO
(Adultos)
4.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
Segundo a obra de Dostoiewsk: um filme de Robert Bresson
UMA MULHER MEIGA

CONDES
(Adultos)
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Um encontro com cinema de qualidade
O filme de **Claude Chabrol**
O CARNICEIRO
(LE BAUCHER)
com Sthephane Audran e Jean Janne
COLORIDO

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Em continuação de estreia hoje, ás 21.30
UM HOMEM A QUEM CHAMARAM CAVALO
Às 15.15 — Ultima exibição
(Adultos)
TERROR NO COLÉGIO
SÁBADO E DOMINGO
MATINÉES INFANTIS
Às 18.15 (M. 6 ANOS)
Formidáveis — inesquecíveis — incomparáveis
O MELHOR DE BUCHA E ESTICA
com a maior dupla cómica do cinema

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
Às 21 horas
O PROCESSO DOS BILHETES PARA O MÉXICO

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
As 15 e às 21 h
Em continuação de estreia
O PASSAGEIRO DA CHUVA
100 000 DÓLARES POR RINGO

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel 50595
As 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
Uma comédia de Jean Reguleso, passada na Costa Azul, Paris e Marselha
Michael Crawford, Curt Jurgens e Genevieve Gilles
na encantadora comédia
O AMOR, A MAIOR RIQUEZA

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Moderno! Picante! Malicioso!
4 CASOS DE AMOR
(LE BAUBELE)
c/ **Gina Lollobrigida — Virna Lisi — Monica Viti**

MUNDIAL
(Adultos)
Às 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
DE ENCHENTES!
Julie Andrews e Rock Hudson
pela primeira vez juntos numa alta comédia musical!
DARLING LILI
Panavision e Technicolor
O mais surpreendente sucesso da nova temporada!
(Metro: Estação Picoas)

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
As 15 e 21 horas
6.ª SEMANA
Uma história de amor filmada por **David Lean**
A FILHA DE RYAN
com **Robert Mitchum**
QUINZENA WESTERN
Hoje — 18.45 — (Adultos)
EMBOSCADA NA SOMBRA
de **Robert Mullingan**
com **Gregory Peck e Eva Marie Saint**

ROYAL
(Adultos) Tel. 865037
Às 15 e 21 horas
A ESTRADA DA VIDA
com **Paulo Renato e Laura Soveral**
RAPAZES DE TÁXI
com **Tony de Matos e António Calvário**

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
HOJE, ÀS 21.30 H.
ESTREIA SENSACIONAL
O REPTIL
com **Henry Fonda e Kirk Douglas**
Colorido
Às 15.15, 18.45 — Ultimas exibições — **UMA SENHORA NUM AUTOMÓVEL COM ÓCULOS E UMA ESPINGARDA**

ALVALADE
(Adultos) Tel. 717480
HOJE, ÀS 21.30 H.
ESTREIA SENSACIONAL
O REPTIL
com **Henry Fonda e Kirk Douglas**
Colorido
Às 15.45 — Ultimas exibições — **UMA SENHORA NUM AUTOMÓVEL COM ÓCULOS E UMA ESPINGARDA**

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel 779095
4.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
O filme que devolve ao cinema o seu lugar de honra
O SILÊNCIO DO AMOR
com **Marie Dubois e Matthieu Carriere**
EASTMANCOLOR

POLITEAMA
(Adultos) T. 326305
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e ás 21.30
Em 2.ª semana de êxito sempre sensacional
com **Alain Delon** e **Jean-Paul Belmondo**
BORSALINO
A ODISSEIA DE 2 «GANGSTERS» DESVAIRADOS NA SENDA DO CRIME

SÃO JORGE
(M 17 anos) Tel 54154
Hoje, ás 15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Selvagem! Impetuoso! Deslumbrante!
O SENHOR DAS ILHAS
Charlton Heston — Geraldine Chaplin
DOMINGO
Às 11 horas da manhã
CINEMA COM CRITÉRIO
2001 — ODISSEIA NO ESPAÇO
Um filme imoortante de **Stanley Kubrick**
Patrocínio do Cineclube Católico
Bilhetes á venda: 15$00

RESTELO
(17 anos) Tel. 6103075
As 21 e 30
MAIS ESCURO QUE ÂMBAR
com **Rod Taylor**

LIDO
(M. 17 anos) Tel. 937539
Às 21.30
Um dos maiores êxitos da presente temporada!
AEROPORTO
com **Burt Lancaster, Dean Martin** e **Jean Seberg**

CASINO ESTORIL
(M. 17 ano[illegible] [illegible]4021
Às 17 h. e 21.30 h.
AMAR SEM AMOR
c/ **Jean Simmons, John Forsythe, Shirley Jones** e **Teresa Wright**
Sábado — «Matinée» Infantil
Às 15.30 — (M. 6 anos)
FESTIVAL TOW & JERRY

LUMIAR
(Adultos) Tel. 538743
Às 21 horas
QUANDO A MULHER ODEIA
O HOMEM SOLITÁRIO

ODEON
[illegible] [illegible]83
HOJE, À NOITE — ÀS 21.30
DUAS ESTREIAS DE CINEMA E DE «MUSIC-HALL» NA TELA E NO PALCO
VER ANÚNCIO ESPECIAL

CHIADO TERRASSE
Às 15 e 21 h. (M. 12 anos)
SE O MEU CARRO FALASSE
OLÁ! AMIGOS

outros espectáculos

LISBOA

TRINDADE — Às 21 e 30: «O último inquilino» (17 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «O Inocente» (17 anos).
CASCAIS — Às 22: «Sotoba Komachi» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 45: «Sexta-feira, 4 e um quarto» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «E o Zé faz tudo» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «A casa das cabras» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O preço» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Pimenta na língua» (17 anos)
A B C — Às 21 e 45: «O Santo e a Porca» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Querida mamã» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «O Homem Sinistro» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «A Lei do Zorro (12 anos)
ARCO ÍRIS — Às 21: «Os dias da ira» (12 anos)
SALÃO LISBOA — Às 21: «Onde estavas tu quando as luzes se apagaram! (17 anos).
JARDIM — Às 21: «1000 bombardeiros» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Cromwell» (12 anos).
PARIS — Às 21: «A vida íntima de Sherlock Holmes» (17 anos).

Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «As Pupilas do Sr. Reitor» e «Portugal do Meu Amor» (12 anos)
ESTORIL — PALÁCIO — Às 21 e 30: «Que Rico Par» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «David Copperfield» (12 anos).

Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Uma Aventura em Veneza» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Nem Sempre se Pode Ganhar» (12 anos).

Outra banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Barrabás» (12 anos).

PORTO

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «O Vison Voador» (17 anos)
ANTÓNIO PEDRO — As 22: «Fim de Festa» (17 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 2 e 30: «O último adeus» (17 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Canhões para Cordoba» (17 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «A Filha de Ryan» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «A vida é sempre igual» (12 anos).
BATALHA — As 2 e 30: «Com Jeito Vai ... Comprista!» (17 anos
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «O americano» (17 anos)
ÁGUIA DOURO — As 2 e 30: «Darling Lili» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «O preço de cinco jogadores» e «O Corsário Lafitte» (12 anos).
JÚLIO DINIS — As 2 e 30: «Tempo dos lobos» (17 anos).
OLÍMPIA — As 2 e 30: «Provem sangue de Drácula» (17 anos
NUN'ÁLVARES — Às 21 e 30: «Sangue do Vampiro» (17 anos)

COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «O passageiro da chuva» (17 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «O exército sombra» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Waterloo» (12 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA — Moura, Travessa do Memória, 55 (telef 630944)
ALCÂNTARA — Bairrão, R Prior do Crato, 25 (tel 661321); ✲ **Biotifar,** Rua D João de Castro, 27-B (tel 638824).
ALVALADE — Zil, Av. da Igreja, 9-D (tel 711780) ✲ **São João de Deus,** Rua Pedro Ivo, 7-A (tel. 725140) ✲ **Roma,** Avenida de Roma, 85-B (tel 772466)
ANJOS — Confiança, Av Almirante Reis, 46 (telef. 42453)
AREEIRO — Garantia, R Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (tel 727300) ✲ **Imperial,** Av. Guerra Junqueiro, 30-B (tel. 726860).
AVENIDA DA LIBERDADE — Fernandes, Rua de S. José, 187 (tel. 326476).
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Avenida da República, 74-A (tel. 771379) ✲ **Vale,** Avenida Marquês de Tomar, 45 (tel. 773043) ✲ **Delva,** Avenida Duque de Ávila, 125 (tel. 45225)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 41 (tel 311216).
BAIRRO DA LIBERDADE — Salutar, Rua R, 75-A (tel. 683694)
BAIXA — Azevedo, Rossio, 31 (tel. 327478).
BENFICA — Lavinha, R. Eng Paulo de Barros (ex-Rua C, á Rua da Casquilha), 28-A (tel. 708242) ✲ **União,** Estrada de Benfica, 592 (tel 700092) ✲ **Alegria,** Estrada de Benfica, 380-A (tel 780511)
CAMINHOS DE FERRO — Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90 (tel. 847019)
CAMPOLIDE — Pinto, Rua de Campolide, 11 (tel. 682610).
CAMPO DE OURIQUE — Nobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (tel. 688807) ✲ **União,** Rua Saraiva de Carvalho 119 (tel 663643)
CASTELO — Ziler, Rua S. Tomé, 54 (tel 862835)
CHELAS — Banha, Estrada de Chelas, 173 (tel. 382241)
ENTRECAMPOS — Alcântara, Av. da República, 11 (tel. 682610).
ESTEFÂNIA — Mundial, Largo de D. Estefânia, 9 (tel. 45578)
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av Infante Santo, 66-B (tel 666971)
LAPA — César, Rua das Trinas, 102 (tel 662631)
LUMIAR — Central, Rua do Lumiar, 77 (tel. 790480) ✲ **Douro,** Alameda das Linhas de Torres 98-A (tel. 791131)
OLIVAIS — Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (telef. 311237).
PENHA DE FRANÇA — Central da Penha, Rua da Penha de França, 58 (tel. 849245) ✲ **Vitális,** Rua Morais Soares, 66-A (tel. 848011)
PICHELEIRA — Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (telefs. 728395-720703)
POÇO DO BISPO — Freitas, Rua Zófimo Pedroso, 11-13 (tel 381136)
REGO — Baptista, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (tel. 771873)
SANTO AMARO — Correia de Azevedo, Rua Luís de Camões, 42-B (telef. 638626).
S. BENTO — Moz Teixeira, Rua do Poço dos Negros 115 (tel. 679961).
S. MAMEDE — Albano, Rua da Escola Politécnica, 59 (tel. 326750).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (tel. 48642)
✲ **Sousa Martins,** Rua Sousa Martins, 25 (t 553468).

Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av Comb G Guerra, 29 (Tel 212081)
CAXIAS — Nova — R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242859)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R Costa Pinto 186 (Tel 2432034).
OEIRAS — Godinho — R Cândido dos Reis 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Macau — R. Elias Garcia, 62-B (Tel. 2471785)
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque 3 (Tel 260'91)
CASCAIS — Cordeiro, Av Comb G Guerra 40 (T 280170. ✲ **Nova,** Estrada de Alvide — Fontainhas (Tel 281044)
S. PEDRO DO ESTORIL — S Pedro (T 263052)

Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco, R Elias Garcia 409 (Telefone 930090) ✲ **Fiama,** R Elias Garcia 18-B (Tel 932485) ✲ **Confiança,** Av D Nuno Alvares Pereira 5-A (Tel 938149)
DAMAIA — Damaia — Praça Alexandre Gusmão, 9 (Tel 970523)
QUELUZ — Gil, Av Miguel Bombarda, 28 (Telef 950'17 ✲ **Simões Lopes,** Av Elias Garcia, 91 (Tel. 950'23
CACÉM — Centro — R Elias Garcia, 55 (Telefone 2940044)
MEM MARTINS — Guimie Est Mem Martins, 485 (T. 291001'2)
S PEDRO DE SINTRA — Valentim (T 980456)
SINTRA — Marrazes, L Rainha D. Amélia, 20 (Tel 980155).
COLARES — Colares, Azenha (Tel 299088).

Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef 234 31)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av do Belo Rosa, 8 (Te 224250)
ALMADA — Algarve — R Fernão Lopes, (Tel 270271)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança Estrada Nacional, 174 (Tel 224302)
BARREIRO — Higiénica, R. D Manuel I, 178 (Telef 2273017)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est das Barrocas 50-A (Telef 2760182)
MOITA — União Moitense — Av Dr Teófilo Braga (Telef 239025).
MONTIJO — Moderna, R Bulhão Pato, 60 (Telef 230'56)
SESIMBRA — Lopes — Rua Bandeira dos Reis, 67 (Tel 229028).
SETUBAL — Marques, R Arronches Junqueiro (T 22788 ✲ **Bonfim,** Av Rodrigues Manieta, 2 (Telefone 24558)
SEIXAL — Godinho — L da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

PORTO

Anacleto de Barros, Rua do Loureiro, 104 (Telefone 35075) ✲ **Cameira,** Rua do Heroísmo, 90 (Telefone 52583) ✲ **Canavarro,** Rua da Restauração, 53 (Tel. 60754) ✲ **Confiança,** Rua de Santa Catarina, 960 (Tel 22884) ✲ **Costa Cabral,** Rua de Costa Cabral, 1832 (Tel. 40780) ✲ **Figueiredo, Lda.,** Rua de Cedofeita, 25 (T 21620) ✲ **Fonte do Moura,** Rua de Tânger, 1463 (Telefone 681444) ✲ **Monte dos Burgos,** Rua do Monte dos Burgos, 802 (Tel. 62279) **Monte Cativo,** Rua Monte Cativo, 444 (T 41687) ✲ **Nova Avenida,** Av Fernão de Magalhães, 692 (Telefone 52250) ✲ **Pedrão,** L. do Padrão, 342 (T 52149) ✲ **Perante,** Rua das Flores, 114 (Tel 21611) ✲ **Pombeiro,** Campo dos Mártires da Pátria, 152 (Telefone 31295) ✲ **Sá da eBndeira,** Rua de Sá da Bandeira, 236 (Tel. 22164) ✲ **Nacional,** Rua Senhora da Luz 156-Foz T. 680883).

COIMBRA

Estádio — Rua do Brasil (tel. 24410) ✲ **Miranda —** Praça do Comércio (tel. 23261) ✲ **Baptista —** Praça da Republica (tel 23747).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

MAIS DE 1 200 000 CONTOS PARA A ACÇÃO DA SECRETARIA DE ESTADO DO COMÉRCIO

— ANUNCIOU O CHEFE DO DEPARTAMENTO AO INAUGURAR UMA ESTAÇÃO FRUTEIRA

CASTANHEIRA DO RIBATEJO, 29 — O secretário de Estado do Comércio, dr. Xavier Pintado, presidiu, hoje, no Vale das Rãs, á inauguração oficial da estação fruteira que a Junta Nacional das Frutas ali construiu.

Durante a cerimónia, aquele membro do Governo proferiu um discurso em que começou por dizer que, nos últimos 20 meses, registou-se a elevação para o sextuplo, da capacidade util das estações fruteiras da Junta, que neste momento ascende a cerca de oito mil toneladas, correspondente a um volume de 50 mil metros cúbicos de câmaras de frigorificação.

Mais adiante, o dr. Xavier Pintado aludiu á imprescindibilidade e urgência de uma política de lançamento de infra-estruturas de apoio á comercialização dos chamados produtos perecíveis: carne, peixe, frutas e produtos hortícolas, sobretudo. A propósito, disse:

— É por isso que, no tríptico em que se desdobra o programa de acção da Secretaria de Estado do Comércio, para o presente triénio — I. Investimentos em equipamento de apoio á comercialização (estações horto-frutícolas, matadouros industriais e respectiva rede de distribuição e mercados abastecedores); II. Apuramento dos mecanismos de actuação e intervenção no mercado (reforma institucional e aperfeiçoamento da legislação que regula o seu funcionamento); III. Políticas integradoras respectivas — o equipamento de base corresponde ao que tem sido designado por «mercados de origem» (matadouros industriais com os seus centros de recolha e estações de produtos horto-frutícolas, sobretudo) e por «mercados de destino» («mercados abastecedores») assume papel fundamental e carácter altamente prioritário, envolvendo investimentos que, no triénio, deverão ascender a mais de um milhão e duzentos mil contos.

Trata-se de construir, ampliar ou equipar mais de uma dezena de estações fruteiras; de construir três novos matadouros industriais na zona interior do País e de equipar convenientemente dois dos já existentes (Porto e Coimbra); de construir quatro mercados abastecedores (Lisboa, Porto, Portimão e Funchal) — dois já com terreno adquirido e dois em fase de aquisição — um entreposto fruteiro em Lisboa em fase de adjudicação do anteprojecto.

A concluir disse:

— Não se justificaria, nem seria possivel, que o Estado financiasse com subsídios um sector perfeitamente rentável, quando há que suportar importantes encargos com a reconversão de produções menos rentáveis ou anti-económicas. Para além da justiça e sentido de realismo desta política, ela terá para a lavoura o poder de retirar fundamento á crítica — infelizmente em larga medida fundamentada — de que as cooperativas de produção em Portugal não têm correspondido com a participação de capital dos seus associados aos esforço que o Estado tem vindo a desenvolver em seu benefício.

De resto, não lhes faltará o apoio público no lançamento do equipamento de armazenagem e conservação de que necessitem e mesmo na instalação de locais de distribuição directa ao consumidor, encontrando-se em aberto a promessa que fizemos de subsidiar as cooperativas que, através de uma união, queiram lançar uma cadeia ou cadeias de distribuição dos seus próprios produtos. Em aberto, igualmente, se encontra a oferta feita da atribuição de lugares de mandatário nos mercados de frutas de Lisboa e Porto, deixados propositadamente de reserva para as associações de produtores que os desejem.

O tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente encoberto e o vento era fraco a moderado dos quadrantes de Sul e de Oeste. Chovia e caíam aguaceiros em vários locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 16°,2; mínima: Penhas da Saúde, —3°,5.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 5°; Penhas Douradas, —1°; Coimbra, 5.° Portalegre, 3°; Lisboa, 7°; Faro e Funchal, 14°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 9°; na água do mar: 14°,2.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Tempo instável, com aguaceiros alternando com abertas; quedas de neve nas terras altas do Norte; vento fraco a moderado dos quadrantes de Oeste, soprando por vezes com rajadas; possibilidade de trovoadas dispersas.

Amanhã
Nascer ás 8 e 46
Ocaso ás 18 e 55

Dia 2 Dia 10 Dia 18 Dia 25

MARÉS:

PREIA-MAR. Hoje — 6 (4,3 m); 18 e 27 (4 m). Dia 30 — 6 e 42 (4,2 m); 19 e 06 (3,9 m). Dia 31 — 7 e 26 (4,1 m); 19 e 48 (3,8 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 11 e 21 (0,6 m); 23 e 56 (0,8 m) Dia 30 — 12 e 04: (0,7 m). Dia 31 — 0 e 24 (0,9 m); 12 e 53 (0,9 m).

NA QUADRANTE

Ao fim da tarde, na Livraria Quadrante, Isabel Leiria apresentará o seu primeiro livro de poemas, intitulado «Uníssono».

Jair Rodrigues em Lisboa

Vinda de Amsterdão onde hoje á noite se exibe num espectáculo transmitido directamente para a Eurovisão, chega amanhã a Lisboa a delegação que representou o Brasil no Festival do Midem - 1971, em Cannes, e que é constituída por Jair Rodrigues e «Os Originais do Samba». Amanhã mesmo, ao fim da tarde, Jair e «Os Originais do Samba» farão a sua estreia no Teatro Maria Matos.

É esta a segunda vez que Jair Rodrigues actua em Portugal. Da primeira veio com Elis Regina, quando ambos formavam a célebre dupla «Dois na Bossa».

CÂMARA DE COMÉRCIO BELGA

Cerca de uma centena de convivas participou no jantar anual da Câmara de Comércio Belga, que se efectuou ontem no Casino do Estoril. Entre os numerosos membros da colónia daquele país radicados em Portugal destacavam-se algumas personalidades portuguesas ligadas á actividade daquela Câmara de Comércio. Receberam os convidados os srs. eng. Emmanuel Michez e Osvaldo Saraiva, respectivamente presidente e director de promoção e produtividade daquele organismo.

Nova taxa sobre bilhetes de passagem aérea

As companhias de aviação associadas na IATA decidiram adoptar uma taxa sobre os bilhetes de passagem e sobre os conhecimentos de mercadoria, procurando, assim, ressarcir-se dos prejuízos sofridos nas instalações da navegação nas rotas internacionais. A medida entrará em vigor no dia 1 de Novembro próximo.

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

A melhoria de alguns elementos em serviço, obriga a interrupções de fornecimento para a sua efectivação. Assim, no próximo Domingo, cortar-se-á a corrente nos seguintes Sectores e Zonas:

1.º — Sector — **Concelho de Lisboa:** Largo do Galvão, Rua das Terras, Rua Domingos Tendeiro, L.º do Figueiredo, Trav. do Galvão e imediações e Rua da Correnteza. (Das 8 às 12 horas).

4.º — Sector — Rua S. Filipe Nery 14 a 76. (Das 8 às 12 horas).

5.º — Sector — Rua do Alecrim 1 a 25. (Das 8 às 12 horas).

6.º — Sector — Av. da Liberdade entre 114 a 160 (lado pares). Das 8 às 12 horas).

6.º — Sector — Rua D. Antão de Almada 1 a 5-C (lado ímpar). (Das 8 às 12 horas).

8.º — Sector — Rua Camilo C. Branco de 1 a 39. Av. Duque de Loulé do 121 a 131-A. (Das 8 às 12 horas).

1.ª — Zona — **Concelho de Oeiras: Dafundo:** Rua Sacadura Cabral, Rua Joseph Bleck, Rua Paulo Duque, Rua José Maria da Costa, Rua 7 de Junho de 1759, Rua Direita, Est.ª Marginal, Rua São João de Deus, Rua Egas Moniz e imediações. (Das 8 às 15 horas).

2.ª — Zona — **OEIRAS:** Bairro da Medrosa. (Das 8 às 15 horas).

4.ª — Zona — **AMADORA:** Rua Projectada, Rua Infanta D. Maria, Rua Guerra Junqueiro, Av. Marechal Carmona e imediações. (Das 8 às 15 horas).

5.ª — Zona — **Concelho de Sintra:** RINCHOA e MERCÊS (parte). (Das 9 às 15 horas).

6.ª — Zona — RAMALHÃO/COSTA DO PÓ/Colónia Penal de Sintra, Ribeira de Penha Longa e toda a zona do Linhó. (Das 8 às 15 horas).

7.ª — Zona — MACEIRA. (Das 8 às 15 horas).

8.ª — Zona — **Concelho de V. F. de Xira:** Alhandra. (Das 8 às 14 horas).

9.ª — Zona — **VILA FRANCA DE XIRA:** Rua Vasco da Gama, Cd.ª da Costa Branca, Rua do Hospital, Rua António Palha, Rua Manuel Afonso de Carvalho e imediações. (Das 8 às 14 horas).

10.ª — Zona — **VILA FRANCA DE XIRA:** Cd.ª da Fonte Nova, Est.ª da Pedra Furada, L.º Conde Ferreira, Rua Palha Blanco, Rua Almeida Garrett e imediações. (Das 8 às 15 horas).

11.ª — Zona — **Concelho de Cascais: CARCAVELOS:** Est.ª da Torre, Quinta das Palmeiras, Lombos. (Das 8 às 15 horas).

12.ª — Zona — **PAREDE:** Bairro da Madorna, B.º Alentejano, Mato Largo e imediações. (Das 8 às 15 horas).

13.ª — Zona — **ESTORIL:** Rua de Trás-os-Montes e imediações. (Das 8 às 15 horas).

14.ª — Zona — Birre. (Das 8 às 15 horas).

15.ª — Zona — Birre, Estrada da Torre. (Das 8 às 15 horas).

16.ª — Zona — Torre. (Das 8 às 15 horas).

17.ª — Zona — **Concelho de Mafra:** Venda do Pinheiro (parte). (Das 11 às 15 horas).

CONSELHO SUPERIOR DE DEFESA NACIONAL

Sob a presidência do prof. dr. Marcello Caetano reuniu, esta tarde, no Palácio da Assembleia Nacional, o Conselho Superior de Defesa Nacional.

RESTOS DE COLECÇÕES

CAMISAS POPELINE INGLESAS E SUIÇAS E DE NOSSO FABRICO
SOBRETUDOS
FATOS INGLESES E NACIONAIS
GRAVATAS FRANCESAS, INGLESAS, ITALIANAS DE VÁRIAS MARCAS
MALHAS ESTRANGEIRAS E NACIONAIS
GABARDINES
CASACOS SPORT — INVERNO/VERÃO
CALÇAS — INVERNO/VERÃO
CALÇÕES DE BANHO

A PARTIR DE 1/2/71

Gala
R. STA. JUSTA, 46

BAB
BIBLIOTECA ARCADIA DE BOLSO

UMA BIBLIOTECA EM PERMANENTE ACTUALIZAÇÃO

Colecção destinada a todo o público, cobre a generalidade dos interesses culturais do homem moderno. As suas características enciclopédicas resumem ao essencial e ao indispensável o tempo consagrado à leitura, considerando igualmente o problema muito importante do poder de compra.

O LIVRO DA QUINZENA

A CHINA ANTIGA
Jacques Gernet

Das origens da civilização chinesa, até à fundação do Império 221 anos AC., cerca de 1500 anos perpassam neste livro, que descreve a sua prodigiosa evolução conduzindo à formação de um vasto Império centralizado, comparável ao de Roma, mas muito mais povoado e muito mais avançado nas suas técnicas. Esta é, portanto, das mais fabulosas e interessantes histórias da humanidade, tão mal conhecida do mundo ocidental.

vol. 123 — 20$00

os bónus da quinzena

TERESA RAQUIN — Emilio Zola — vol. 38 — 15$00
OS OLHOS E O SOL — S. Vavilov — vol. 6 — 15$00

Por bónus entende-se a venda destes livros a preço reduzido. Este preço reduzido só é praticado até 31 de Janeiro, data a partir da qual os mesmos livros retomam o seu preço normal.

EDITORA ARCÁDIA S. A. R. L.
Campo de Santa Clara, 160 — Lisboa 2

ACIDENTES RODOVIÁRIOS

O que se faz para evitá-los?

A dr.ª Iolanda Whannon, matemática do Gabinete de Planeamento de Transportes Terrestres, é a única técnica que, até agora, abordou organizadamente o estudo dos acidentes rodoviários portugueses. Daí o interesse que teria para nós uma entrevista sobre este importante assunto.

Dr.ª Iolanda Whannon

INEXISTÊNCIA DUM ESTUDO COERENTE

Mesa-Redonda — Existe algum estudo sistematizado dos acidentes rodoviários?

DR.ª IOLANDA WHANNON — Um estudo sistematizado e coerente dos acidentes rodoviários em Portugal, torna-se extraordinàriamente difícil por carências duma informação estatística adequada, apesar de existir um material básico que, convenientemente tratado e completado com determinadas informações, poderá conduzir a resultados de interesse para os estudos estatísticos-económicos sobre acidentes rodoviários.

Actualmente, pela forma simplificada como foram tratados, esses elementos pouco mais permitem do que a constatação do acidente.

Não é possível, por exemplo, através dos dados publicados, estabelecer a relação hora-dia do acidente, tipo de veículo — lugar ocupado pela vítima, tipo de veículo — configuração ou categoria da estrada, etc. Dizer-se que, em 1969, se verificaram 320 atropelamentos mortais em zona urbana, é muito pouco se não se completar a informação com algo de mais específico que caracterize até os centros urbanos onde se verificaram tais atropelamentos. Também é evidente que o constatar-se que 95 % dos acidentes ocorridos em 1969 se processaram em estradas de sentido duplo, sem pista ciclista e sem separação, pouco diz, já que as estradas do País são na grande maioria desse tipo.

Por outro lado, o conceito de morte por acidente utilizado em Portugal não permite que se fique sequer a conhecer a totalidade das vítimas da estrada. Apenas nos surgem, estatisticamente como falecidos em acidente as pessoas cuja morte sobrevem no local em que aquele se verificou, durante a sua transferência para fora desse local ou imediatamente após esta. Ora, a Comissão Económica para a Europa das Nações Unidas, tem já uma definição proposta e que me parece mais lógica, sob o ponto de vista da realidade: considera como morta por acidente a pessoa falecida após este ou nos trinta dias que se lhe seguem por motivos que se lhe possam atribuir.

NECESSIDADE DUM GRUPO DE TRABALHO

Poderiam acrescentar-se muitos outros elementos necessários para um estudo profundo sobre acidentes, sobretudo para ajudar a definir concretamente a dimensão do problema. Ocorre-me neste momento referir que é indispensável estabelecer-se, com mais pormenor, o conhecimento permanente da evolução e idade do parque automóvel e ainda as vantagens que adviriam de uma colaboração mais estreita entre todas as entidades interessadas, incluindo as companhias de seguros. Só assim será possível estabelecer as cartas dos chamados «pontos negros», como base segura de informação.

Cont. na pág. central

MESA REDONDA

Fatalidade?...

Os acidentes rodoviários em Portugal são uma fatalidade que infelizmente nos caiu cá em casa, com muitos mortos e feridos, fatalidade que as boas consciências precisam de recordar, para que os portugueses se arrependam se tornem mais educados e andem mais devagarinho em 1971, com muitos menos feridos. A causa de tudo (está-se mesmo a ver, não é?) é a má educação dos portugueses camionistas, dos portugueses motoristas de táxi, dos portugueses volantes-de-todos-os-dias, dos portugueses peões-de-todos-os-dias que nos colocam nas estatísticas europeias como companheiros habituais da Turquia. Com afirmações deste tipo inundámos a opinião pública.

Contra este senso comum, contra os acidentes-calamidade poucas questões têm sido postas organizadamente. O acidente isolado, com não sei quantos mortos e feridos, surge a duas ou três colunas de jornal, a preocupar e a aumentar ainda mais a tensão do automobilista. Os acidentes no seu conjunto, anualmente contabilizados, pesam na consciência dos cidadãos, no início dos novos anos rodoviários, com título do estilo dum «Até quando portugueses?»

Mesmo assim, surgem por intuição, algumas regularidades: os títulos chamam a atenção para a incidência numa determinada estrada, curva ou recta. Outras vezes nota-se uma referência á idade do motorista — «um jovem morto na estrada» — á hora do acidente — «Camionista morre de madrugada»; ao estado dos veículos — «Automóvel sem travões provoca grave acidente»; ás condições da estrada — «Irregularidades do piso: 3 mortos e 2 feridos.»

Existirão condições para o estudo organizado destas incidências com o sentido na multiplicação das condições interdependentes de segurança, em relação com as reais condições dos veículos, estradas e condutores? É possível conhecer quais as estradas o tipo de automóveis e a idade dos veículos em que surgem acidentes? E em relação aos condutores? Será possível saber o número de horas de trabalho nocturno e contínuo dos profissionais acidentados?

J. J. L.

Trabalho diurno para os padeiros

— Sugestão que parece vingar

EM 28 DE AGOSTO, publicámos neste Suplemento uma entrevista com diversos operários da indústria de panificação, na qual, a par de outros problemas, foi levantada a grave questão profissional do trabalho diurno para a numerosa classe. Esta constituía, aliás, a reivindicação mais sentida pelos profissionais directamente interessados, sem pretendermos negar a premência de salários mais justos e do pagamento do oitavo dia — aspiração esta tão lógica quanto o trabalho correspondente é efectivamente prestado, através de um aumento substancial do horário dos sábados.

Recordamos este facto, agora que tudo parece conjugar-se para que essa aspiração — o trabalho diurno, como a maioria dos trabalhadores — se concretize. Julgamos saber, (e as palavras do consultor corporativo do respectivo Sindicato, proferidas numa assembleia geral recente parecem confirmar a convicção) que não haverá entraves à homologação de um novo contrato colectivo que prevê essa cláusula. Embora em outros aspectos as pretensões dos profissionais de panificação não sejam cabalmente atendidas — nomeadamente quanto ao nível de salários — é justo realçar esta vitória parcial, por certo devida, em boa medida, ao facto de alguns sindicalizados saberem apontar a tempo as questões que mais preocupam, há dezenas de anos, milhares de colegas.

De resto, como costuma dizer-se, o tempo corre a seu favor: a mão-de-obra começa a escassear, a profissão, por um ror de motivos, é pouco atractiva — embora essencial. Há que torná-la atraente e reconhecer, na prática e efectivamente, os direitos de quem nela trabalha. O que nem sempre tem acontecido — de acordo com as muitas queixas de quem fabrica o pão nosso de cada dia.

A batalha do progresso

Nesta bela fotografia, uma sugestão da vontade férrea dos homens oprimidos pela miséria, agora comprometidos na batalha do progresso. É um convite para a leitura de mais um testemunho sobre emigração portuguesa (páginas centrais)

A propósito da concordata

DOMINGOS MANUEL MEGRE

O dr. Sá Carneiro levantou, na Assembleia Nacional, um problema de evidente actualidade.

Como é natural e saudável, logo alí foi contestado ou aplaudido e, no dia seguinte, um outro deputado, alargando o debate, marcou também a sua posição deixando expressas algumas apreensões.

Este arejar dos nossos problemas, e que são muitos, deveria ser o caminho normal de uma convivência em que a inteligência não fosse apenas uma palavra mas o exercício permanente da faculdade crítica do homem.

Aconteceu, no entanto que, estando nós desabituados dum tal exercício, as palavras do dr. Sá Carneiro — e nem cuido agora de confrontá-las com o meu próprio modo de ver — caíram, nalguns sectores, como uma bomba, fazendo imediatamente funcionar todos os mecanismos da intolerância e da incompreensão.

É disso exemplo típico um recente editorial do jornal «Novidades» sobre a matéria, enquanto nos reconduz ao velho sistema de resolver os problemas ignorando-os ou, o que é pior, fazendo que se ignorem para não terem de se resolver ou, apenas, de sobre eles pensar alto.

Mas, passo a palavra ao editorialista das «Novidades». «Se, até há pouco, os ataques se reduziam quase exclusivamente á proibição de divórcio para os católicos, o deputado que ontem investiu contra a Concordata no Palá-

Cont. na pág. 4

ASSIM VAI O MUNDO

Aliança

Chu En Lai disse aos diplomatas ocidentais numa recepção recente em Pequim: «A era que está a começar é a do imperialismo soviético, do expansionismo económico japonês e do poderio, talvez conjugado, das duas Alemanhas». E no tocante á República Federal Alemã, não há dúvida que Brandt se comporta com uma independência chocante aos olhos dos americanos, a ponto de Henry Kissinger comentar: «Deixaram de se referir á fidelidade á Aliança Atlântica, como era seu costume. Desde os tratados com Moscovo e Varsóvia, Brandt tende a tomar as suas distâncias em relação a nós, e a praticar uma política autónoma». Começou já a cumprir-se a previsão chinesa?

Explicação

Foram interrompidos, por decisão do Governo cubano os voos Varadero-Miami, que desde Dezembro de 1965 tinham levado de Cuba 40 000 pessoas que, por um motivo ou por outro, quizeram abandonar o país. Foram também interrompidas as possibilidades de abandonar Cuba vias Mdrid e Cidade do México, pelas quais sairam, nos últimos 5 anos, á volta de 5000 pessoas.

Eis a explicação que a revista «Cuba Internacional» de Novembro de 1970, dá da nova política cubana: O país vive hoje um novo momento determinado em primeiro lugar pela consolidação da sua economia, que lhe permitiu entre outras coisas superar o «record» histórico da produção do açucar. Os grandes investimentos na agricultura começam a dar os seus frutos e o Estado busca as suas próprias formas de institucionalização e reordenação.

A força militar de Cuba — que torna longínqua qualquer possível agressão mercenária — e a sua própria imagem robustecida no exterior, propiciam este pequeno desafio que, frente aos não integrados, a própria Revolução se impõe com vista a fortalecer estratégicamente o país, que continua em luta contra o colosso do Norte».

Aí fica a explicação oficiosa da medida, com uma dúvida: será exacto falar de «consolidação da economia» cubana?

Prospectiva

Como evoluirá a crise manifesta do sistema politico norte-americano? Eis a «prospectiva» de Pierre Dommergues, num seu estudo recente intitulado «Estados Unidos: uma crise de confiança radical»: «Nos Estados Unidos um «putsch» militar é tão provável como a revolução socialista integral. A criação de um terceiro partido, poderoso, é também pouco verosimil. Pelo contrário, um reagrupamento das forças democráticas de esquerda não é impossível. Para lá de uma oposição formal á politica oficial dos Estados Unidos, para lá das divergências teóricas que separam os oposicionistas, criou-se no curso dos dez últimos anos um terreno de entendimento á volta de alguns pontos precisos: 1) a consciência do fracasso da sociedade de consumo; 2) o regresso ás ideias dos fundadores da República; 3) pôs-se em causa irreversívelmente a concepção de um poder central — a todos os niveis: o do Estado, o do município, o da fábrica, o da Universidade, o da família; 4) a vontade de um trabalho de equipa em projectos concretos, limitados, livremente escolhidos pela comunidade. É sobre tais linhas que se pode estabelecer um acordo entre radicais revolucionários e liberais radicalizados».

Tempo

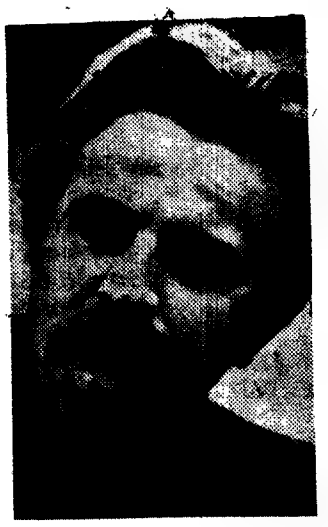
Ernest Jünger, considerado um dos maiores escritores alemães contemporâneos, numa entrevista a Frédéric de Towarnicki: «Creio que a ausência de tempo faz perder o sentido da felicidade. A felicidade é muitas vezes pensada em termos de dinheiro: «o tempo é dinheiro». É mais importante ter tempo do que ter espaço. Porque o espaço, o poder e o dinheiro são prisões se não proporcionam tempo. A liberdade tem a sua sede no tempo. O indivíduo possui neste domínio um grande poder, estando mesmo em condições de suprimir o tempo. O combate que ele trava contra a sociedade, e cujo objecto é a soberania e a liberdade do indivíduo, acaba por ser, no fim de contas, uma disputa sobre o direito de dispôr do tempo. O indivíduo deve ser proprietário do seu tempo».

E o que é preciso para que o indivíduo seja proprietário do seu tempo? Ou melhor: do maior tempo «possível?».

Petróleo

Foram descobertos jazigos de petróleo em Ekofisk, águas territoriais da Noruega.

Ainda que estes jazigos não tenham a importancia dos do Alasca, e os descobertos há anos no Mar do Norte se hajam saldado por um desilusão, as Companhias mostram bastante interesse pelos jazigos de Ekofisk, que poderiam tornar a Europa menos tributária do incerto Médio-Oriente.



Incitação

Régis Debray, na sua primeira entrevista após ter sido libertado, nega a validade continental da «experiência chilena», mas reconhece uma certa influência (já vamos ver qual) do triunfo da Allende na política latino-americana.

«Nenhuma fórmula táctica, seja qual for, pode ter validade, para o continente. Portanto, ainda que no Chile este caminho tenha sido possível, pois correspondia ás condições existentes, pensar em exportá-lo seria uma estupidez. Sem dúvida, o triunfo de Allende relaciona-se com uma conjuntura onde os eleitoralistas encontram vento em pôpa para os seus argumentos. Mas enganam-se muito. Enganam-se a despeito de existir um poder de incitação, positivo em todo o caso, para os países vizinhos. Pode ser que a vitória da unidade popular no Chile dinamize o processo até na própria Bolívia, onde se bem que toda a gente saiba que não se ganharão nunca eleições, a unidade popular chilena precipita, digamos, a unificação. A consciência da importância da unidade, afirmada na base de um programa mínimo, revitaliza as esperanças, ainda que estas não se possam cumprir aí (na Bolívia) «eleitoralmente».

Óscar Lewis

Morreu Oscar Lewis, o falado autor das «Crianças de Sanchez». Numa notícia necrológica, o sociólogo Jean Duvignaud resume nos termos seguintes o ideário do seu camarada norte-americano: «Lewis considera que o extremo enriquecimento e o acréscimo industrial longe de criarem um mundo equilibrado, acentuam a miséra e aumentam a riqueza. Para os homens acantonados nos bairros miseráveis e que sabem o que poderiam obter e nunca obterão, só a frustração resta».

ASSIM VAMOS NÓS

Balança

Diz o «Jornal Português de Economia e Finanças» (n.º 235): «Entre Janeiro/Outubro de 1969 e Janeiro/Outubro de 1970 o saldo negativo da balança comercial portuguesa elevou-se verticalmente, passando de 6 078 000 contos para 13 892 000, sem que estejam em curso no País quaisquer obras de vulto no sector industrial e na construção de infra-estruturas (as obras de renovação da via na C. P. estão no início).

As previsões mais optimistas para o ano de 1970 colocam o défice comercial entre 16 e 17 milhões de contos. Mesmo se a este defice se deduzirem as receitas provenientes da emigração, ainda assim se verificará um desequilíbrio da ordem dos 12 milhões de contos».

Grémios

Trecho de uma carta dirigida pelo presidente do Conselho Geral do Grémio da Lavoura de Castelo Branco ao director do «Jornal do Fundão» e publicada por este prestigioso órgão das Beiras, a comemorar o seu 25.º aniversário:

«O Grémio da Lavoura, não sei se sabe, está de cama, doente, magro e amarelo, e da sua recuperação está a tratar com todo o interesse, o Ex.mo Delegado do Instituto Nacional do Trabalho. Eu limito-me a pôr-lhe botijas, vigiar a temperatura, e a escutar as suas queixas. Mais não posso fazer, além das providências que tomei junto das entidades oficiais».

O Grémio em causa está sem direcção e é reconhecido no distrito o «desinteresse dos agremiados, a apatia dos funcionários, impreparação dos quadros, escassez de meios»

43 mil

Quarenta três mil exemplares, esta a tiragem de «O Escritório», boletim editado pela Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes.

O ultimo numero publicado, refere-se ainda ao mês de Junho do ano anterior, e nele é apresentado o relatório e contas de 1969, onde a abrir se afirma:

«Até há bem pouco tempo os Sindicatos eram olhados sendo com cínico desprezo pela grande maioria, pelo menos com soberana indiferença.

Hoje, felizmente, cada qual quer inteirar-se do que se faz, de como se faz e exige o que é preciso fazer-se»

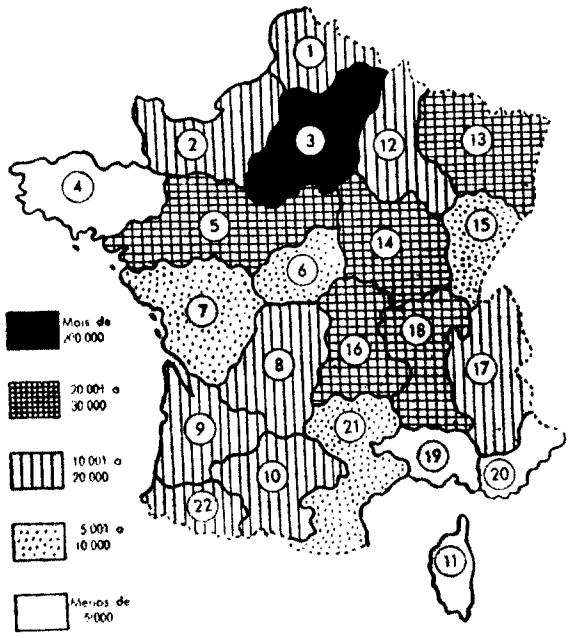
Automóveis

Outra informação colhida na mesma fonte: os automóveis novos sofreram, no nosso País, uma nova e fortíssima tributação «atribuída ao Fundo de Fomento de Exportação»: carros até 50 contos+10 %; até 60 contos+12 %; até 70 contos+14 %; até 80 contos+16 %; até 90 contos+18 %; até 100 contos+21 %; até 110 contos+24 %; até 120 contos+27 %; até 130 contos+30 %; até 140 contos+33 %; até 150 contos+36 %; até 160 contos+40 %; até 170 contos+44 %; até 250 contos+50 %; até 400 contos+60 % e mais de 400 contos + 100 %

Concentração

Quarenta por cento dos emigrantes portugueses em França, vivem e trabalham, numa unica região: Ile de France-Picardie (Zona de Paris). Os 220 000 portugueses ali referenciados, ultrapassam de longe os departamentos a seguir mais procurados, com 20 a 30 mil portugueses: Vale do Loire (26 042), Lourraine-Vosges-Alsace

DISTRIBUIÇÃO, POR PROVÍNCIAS, DOS PORTUGUESES RESIDENTES EM FRANÇA EM 31 DE DEZEMBRO DE 1969



(20 016), Borgonha (20 527), Auvergne (24 768), Lyon-Vale do Rhône (23 233 emigrantes).

As regiões com menos de cinco mil portugueses são apenas quatro: Córsega, Bretanha, Riviera-Côte d'Azur e Provença. A Córsega (725 emigrantes) é a região onde trabalham menos portugueses.

HUNGRIA:

Novo plano quinquenal

Em Janeiro de 1971, começou na Hungria, um novo plano quinquenal. Os objectivos fundamentais do plano são:

1.º — *Aumento de consumo igual ao de acumulação* — o desenvolvimento da renda nacional terá em consequência um acréscimo entre 30 e 32 por cento.

2.º — *Prioridade aos ramos não produtores e em primeiro lugar a edificação de habitações* — aumento de 50 por cento de investimento na infra-estrutura e concretização do projecto de construção entre 1960 e 1975 de um milhão de habitações (600 000 construídas até 1970).

3. — *Os trabalhadores ficarão cada vez mais diferenciados segundo a sua capacidade profissional e rendimento* — aumento de 30 por cento do consumo total da população, aumento da diferença e o soldo dos trabalhadores, segundo a sua capacidade e rendimento.

4.º — *O plano é caracterizado por maior eficácia económica* — correspondência quase completa entre o aumento de renda nacional e de produção industrial.

5.º — *Influência directa dos princípios de colaboração internacional* — parte dos investimentos destinam-se a modificar as estruturas de produção de acordo com os planos dos outros estados socialistas: ampliação da cooperação técnica e de produção com os países capitalistas mais desenvolvidos.

Temas para um debate

Reforma universitária: Do geral ao ambíguo

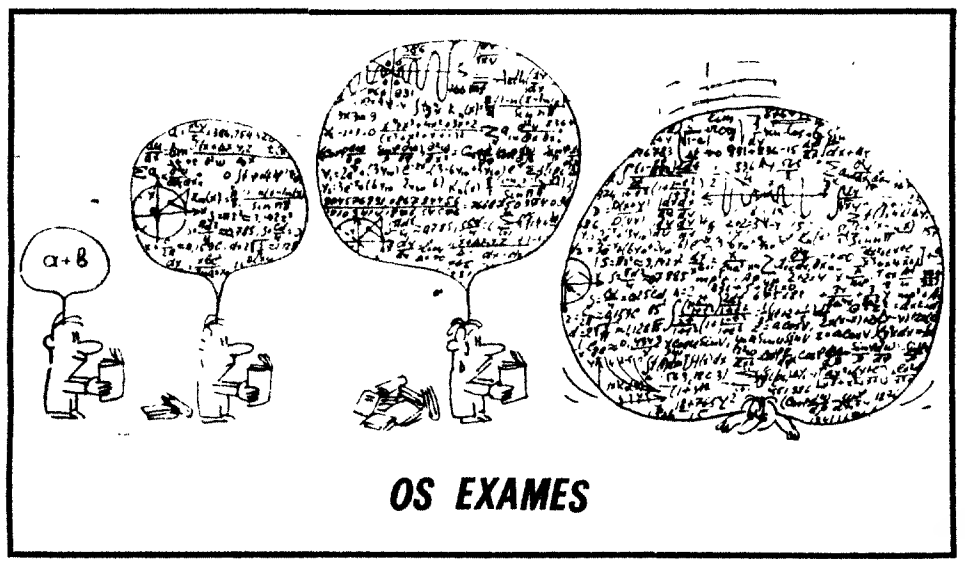
JOSÉ A. SALVADOR

1 — O ministro da Educação Nacional divulgou ao País, no passado dia 16, as linhas gerais da reforma do ensino superior. Gerais, as classificou aquele membro do Governo, o que, valha a verdade, é bem pouco para nos transmitir a demasiada generalidade de que enferma o referido projecto.

Apesar disso, o prof. dr. Veiga Simão pretende proporcionar «*um amplo e livre exame*» do agora proposto, e de novo convida o País a pronunciar-se sobre o assunto. Não sabemos como o País o fará. Por cartas? Por colóquios? Ou pela rádio, televisão e jornais? Por estas três últimas vias o debate poderá ser amplo (com uma amplitude de certo cariz). Assim, a juntar á generalidade, a primeira manifestação de ambiguidade.

2 — A democratização do ensino é um dos fins, sucessivamente anunciados, para ser alcançado pela reforma agora proposta. Abrir vários estabelecimentos de ensino superior em zonas não tradicionalmente universitárias é uma das medidas previstas. É certo que ela pode resultar. E, sobretudo, alimentará de mão-de-obra qualificada os centros industriais que os circundem, independentemente de dispersar geogràficamente a massa estudantil. É, pois, também um processo de descomprimir as tensões universitárias. As bolsas de estudo estão, igualmente, programadas para facilitarem o acesso á Universidade a estudantes com dificuldades económicas. Concedidas no âmbito da Acção Social Escolar, a par de subsídios, empréstimos e isenção ou redução de propinas, bem se sabe como todas estas medidas são ineficazes, tanto pela quantidade, como pelos critérios de atribuição. Elas exprimem, ao fim e ao cabo, que o estudante ainda não é encarado como um autêntico trabalhador. A instituição do pré-salário, depois da gratuitidade do ensino em todos os seus níveis, eis dois passos significativos no caminho da democratização.

3 — O Conselho Nacional do Ensino Superior será um dos órgãos coordenadores deste ensino. Se as suas funções ressaltam do próprio nome, a sua constituição, entreanto, é algo indefinida. A sua composição «*será estabelecida por decreto, que assegurará a conveniente representação de todas as instituições do ensino superior e de outros sectores da vida nacional relacionados com este grau de ensino.*» Que outros sectores sejam, o decreto o dirá. Se todas as instituições de ensino serão, por sua vez, representadas por todos os seus sectores (docente, investigador e discente) ao decreto também caberá dizê-lo. Facto que desde logo afasta a possibilidade de uma autêntica representação dessas instituições, ou seja, a que resulte de um processo eleitoral democrático.



OS EXAMES

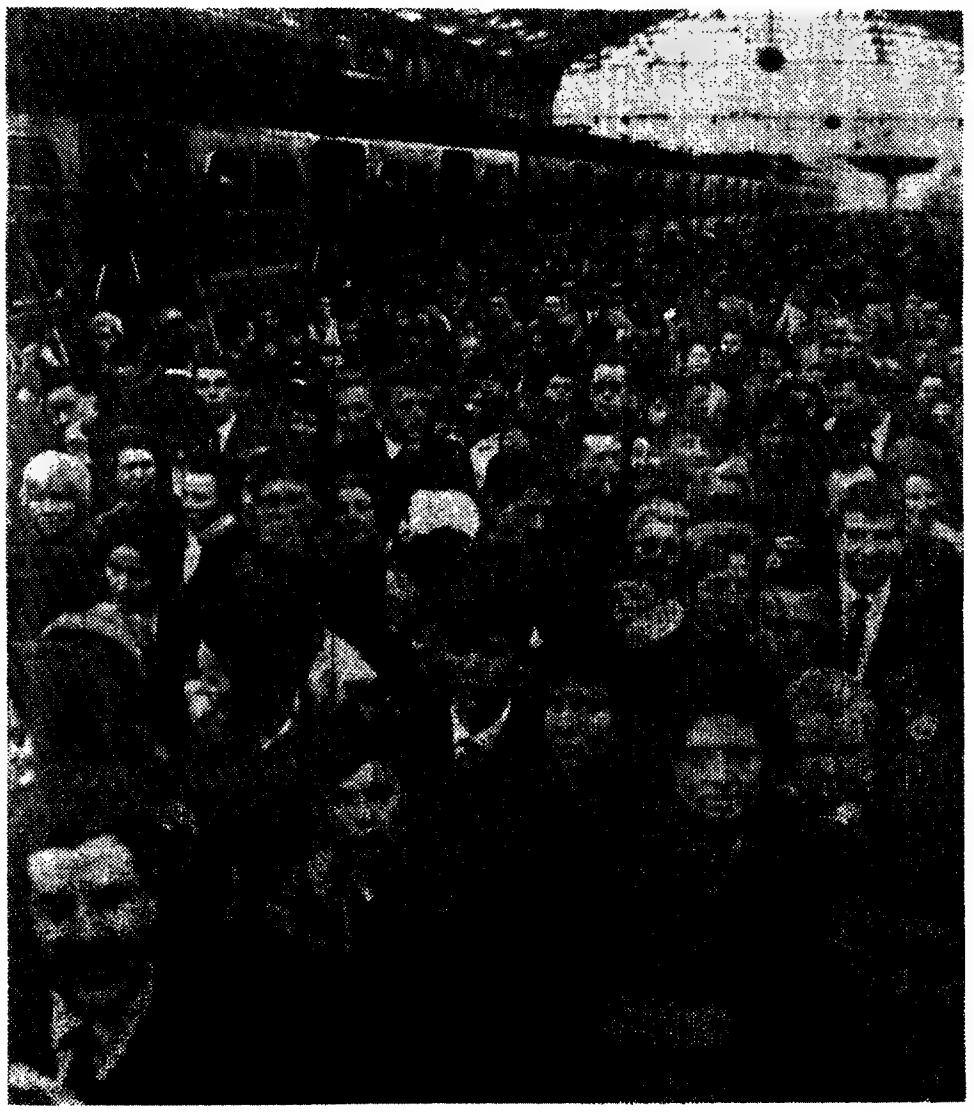
4 — A participação também apareceu. Simbòlicamente, mas veio. Assim: — Conselho Universitário, a quem «*compete traçar as grandes linhas de orientação da vida da Universidade*». Dele estão afastados, para já, em princípio, os estudantes, que «*poderão ser convocados (...) sempre que estejam em causa assuntos do seu directo interesse*». Afinal, até parece que «*as linhas de orientação da vida da Universidade*» não são do directo interesse da sua parte maioritária, e sua razão de ser: — os estudantes. Ainda se não adivinha que professores terão assento neste Conselho. O estatuto da Universidade indicá-los-á, mas prevê-se a admissão de representantes de «*outros sectores da sociedade directamente relacionados com a acção da Universidade*». Quais sejam estes sectores, nenhum critério se sugeriu para identificá-los. No órgão mais importante do governo da Universidade estão excluídos os estudantes, mas aceitam-se para eles outros sectores de fora, embora directamente relacionados com a escola. Relacionados, como? Através da mão-de-obra que a Universidade fornecerá?

5 — Reitor ainda não eleito (mas nomeado pelo ministro de entre uma lista de três catedráticos), e Conselho Académico (com professores e estudantes) dois pólos a sugerir participação. E esta será demareada em maior ou menor grau (de qualquer modo insignificante) pelo Estatuto da Universidade.

6 — Nas últimas linhas do projecto da reforma fala-se em associações de estudantes, cuja actividade será condicionada pelas «*disposições legais e regulamentares que vierem a ser estabelecidas.*» Que vierem a ser, repetimos, o que logo nos faz concluir de que também a legislação circum-escolar será «reformada». Reformada ou reforçada?

7 — Generalidade e ambiguidade. Duas notas dominantes nas promessas ministeriais, a discutir pùblicamente. Mais gerais e mais ambíguas se repararmos que a formulação do concreto é remetida, várias vezes, para os estatutos de cada Universidade. Que estatutos? Os velhos? Com certeza os novos. E estes quem os faz? A Universidade actual? Nada, nem ninguém, nos sugere o contrário. Assim sendo, na melhor das hipóteses, teremos uma Universidade sob o signo da continuidade.

Planificar, planificar, planificar...



Oeiras, um dos primeiros concelhos do País no que diz respeito a número de habitantes. E a índice de crescimento populacional. A problemas daí resultantes. Concelho ao qual pertence a Brandoa — um símbolo que encobre tantas outras neste perímetro social de Lisboa, anacrónicamente dividida em sectores administrativos diferentes e autónomos.

Neste momento, o concelho não tem presidente: após a saída do dr. Mena de Matos, o cargo ficou vago, sendo ocupado interinamente pelo vice-presidente, sr. Manuel Neves de Carvalho. O que nos interessa realçar, para já, é a importante e significativa tomada de posição do vice-presidente em exercício, e possível futuro presidente, logo na primeira reunião da edilidade a que presidiu: antes de continuar a obra, vamos saber o que temos, como temos e até quando temos; vamos saber o que se fez, o que se faz e o que se deve fazer; é urgente inquirir sobre o que foi bem feito e o que o não foi; deve descobrir-se aquilo que ainda pode ser remediado e o que o não pode ser. É preciso ter a coragem de parar para recomeçar de novo.

Os problemas levantados por um aglomerado humano desta ordem e em constante evolução são tremendos: uma decisão errada pode não ser passível de emenda; pode resultar em prejuízo irrecuperável; pode evitar que se faça algo de muito mais urgente. Há teorias a rever, passos a acertar, equações a resolver. Um homem tem de saber com o que conta.

Os vereadores concordaram, a Câmara Municipal de Oeiras irá fazer levantar um estudo de base da área que lhe pertence administrar: um estudo geográfico, humano, social. Um estudo das estruturas e infra-estruturas, das suas necessidades e potencialidades. De onde são precisas estradas e escolas, jardins e mercados. Qual a rede existente e a rede necessária de transportes colectivos o que existe e não existe quanto a instalação de água e esgotos. As relações existentes e os pontos de contacto ou de fricção com os concelhos vizinhos. O carácter próprio de uma população especial, esta que todos os anos invade a zona de Lisboa, sendo cuspida da própria cidade para os limites da mesma, cada vez mais longínquos.

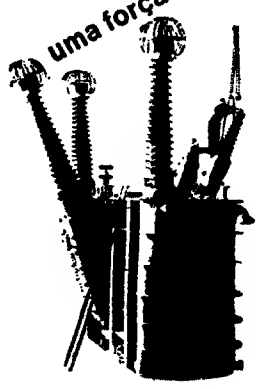
Planificar e trabalhar com bases certas, eis o que o vice-presidente em exercício na Câmara de Oeiras pretende. Até onde o seu trabalho e exemplo frutificarão, só um futuro mais ou menos breve o poderá dizer. Mas que é uma brecha importante na barragem, lá isso é. Fala-se, hoje, muito de planeamento, mas a um nível elevado — talvez demasiado elevado para a nossa medida actual, para as nossas necessidades específicas. Planificar pela base será o mais fácil, em teoria, o mais difícil, na prática.

Pois, como enfrentar eficazmente problemas comuns que um concelho resolve remetendo-os ao vizinho, do outro lado da estrada? Problemas que se levantam numa altura em que se fala — aliás muito pouco — na chamada Federação dos Municípios de Lisboa. Resolverá esta «associação» os problemas? Os munícipes interessados — mais de 25% da população do País — esperam, ás escuras, uma resposta traduzida em actos.

A. P. da S.

MARCA — AE1-71

uma força criadora no domínio da electricidade



a ASEA no domínio do equipamento eléctrico industrial...

...é um dos 15 maiores produtores mundiais de material eléctrico aplicado à indústria.
Apoiando-se numa longa experiência de 88 anos — a ASEA fundou a sua sede em 1883 — agrega em redor de si diversas companhias subsidiárias, bem como filiais e representantes em todo o mundo – em mais de 70 Países, entre os quais Portugal.
A ASEA mantém ao seu serviço mais de 35.000 empregados, trabalhando em todos esses países e em diversos domínios da tecnologia eléctrica.
A ASEA fabrica equipamento eléctrico para produção, transporte e distribuição de energia elétcrica, incluindo reactores nucleares.
Em Portugal a marca ASEA existe há meio século. Ao longo desses cinquenta anos estruturou-se, constituindo as bases da sua actividade presente: uma actividade actual e progressiva.
É por isso que neste ano de 1971 a ASEA comemora os **dez anos** da fundação da sua empresa própria em Portugal, ao serviço da crescente indústria nacional, fazendo deste ano, que agora começou,

10º aniversário ASEA ELÉCTRICA

O ANO DA ASEA PORTUGUESA!

ASEA ELÉCTRICA, LDA. — ESTR. DO PRIOR VELHO - SACAVÉM

A propósito da concordata

Cont. da pág. 1

cio de S. Bento foi muito mais longe, com sugestões que nos parecem tão inoportunas como perigosas, e que não poderíamos esperar senão de qualquer facção com saudades de coisas que tristemente se passaram em tempos de violenta perturbação demagógica, jacobina e maçónica».

Ora, recapitulem: «investiu contra», «perigosas», «facção», «violenta perturbação», «demagógica», «maçónica». Está aqui concentrado, como se vê, todo um vocabulário que permite, com extrema facilidade, algum proveito — afinal demagógico — e não menor escândalo das almas piedosas, empurrar, abusivamente, as pessoas e as ideias para o limiar da subversão, das alianças tenebrosas e — que sei eu? — dos conluios revolucionários.

Posto o problema assim, claro que a questão devia morrer por si mesma, antes ainda de ser ventilada e, o ideal, seria poder fechar esses canais da subversão, silenciando as pessoas e ignorando as ideias.

Aliás, o «Novidades» — e, para mim, como católico, é sempre triste uma tal verificação — não deixa de o exprimir por forma clara: «Levantar, neste momento, problemas que dividam os portugueses, é criar um clima de dúvidas, de incertezas, de ambiguidades, que só virá dar força aos propósitos revolucionários de grupos clandestinos empenhados na destruição de todas as estruturas essenciais á vida individual e colectiva».

Deixando agora de lado os «propósitos revolucionários de grupos clandestinos» que não fazem aqui figura nenhuma, a não ser para confundir intenções e alertar as tais consciências piedosas, retenha-se que não é bom levantar problemas que dividam os portugueses, pois isso é criar um clima de dúvidas, de incertezas e de ambiguidades.

Ora, todos sabemos que os portugueses — e ainda bem — estão divididos sobre muitos problemas, todos temos conhecimento que o clima de dúvidas é real, como reais são as incertezas e gritantes as ambiguidades. E então? Pois que tudo isso seja assim mas se salvem as aparências, que as pessoas vivam a sua vida, com as tais dúvidas, incertezas, ambiguidades e, quem sabe, com drama até, mas que nada se saiba cá fora, e que, por outro lado, os problemas que essas situações desencadeiem nada mais representem que a fatalidade de se viver no mundo.

Silêncio, portanto, sobre as pessoas; silêncio — sobre os problemas, silêncio sobre as realidades — eis onde a harmonia será perfeita e onde todas as dúvidas se esbatem.

Mas, que maravilhosa tranquilidade, a daqueles que um dia escolheram e aí ficaram, indiferentes ás realidades, ás novas situações, á vida, afinal!

DOMINGOS MANUEL MEGRE

ECONOMISTA

EMPRESA INDUSTRIAL E COMERCIAL EM EXPANSÃO, COM SEDE EM LISBOA, NECESSITA ECONOMISTA COM EXPERIÊNCIA PARA SEU GESTOR.

REMUNERAÇÃO ANUAL ENTRE 180 A 240 CONTOS.

RESPOSTA MANUSCRITA AO SERVIÇO DE RECRUTAMENTO DA TEXTIL, MANUEL GONÇALVES, S. A. R. L. VILA NOVA DE FAMALICÃO.

URGENTE!

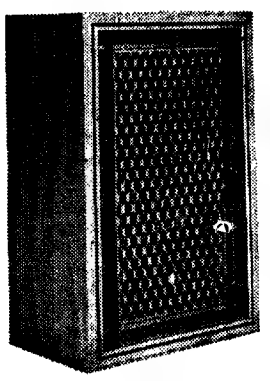
INTERCONTINENTAL WORLD SALES, contactará colaboradores — homens e mulheres, sem limite de idade — para trabalhos domiciliários, em regime «part-time» ou «full-time»

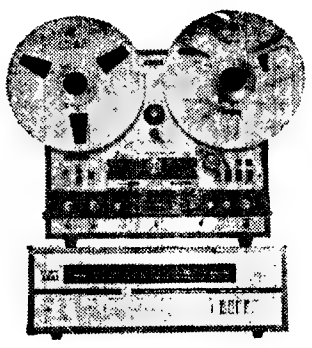
— Garantia imediata de emprego para todas as localidades
— Ordenado pago semanalmente
— Resposta até 10 de Fevereiro, 1971 (Enviar selos para respostas) para:

J. W. S. Marketing — M. T. I. Business Dept.
11, Rue Voltaire, CH
1.201 Geneve
SUÍÇA

AKAI

SÍMBOLO DA TÉCNICA EM:
•• alta-fidelidade
•• gravadores de som





REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
Ondex - Representações Electrónicas, Lda.
escrit. e exposição CAMPO DAS CEBOLAS 39 A 42 TELEF. 864788-864/8
serv. técnicos ARCO DE JESUS 5 TELEF. 86151? — LISBOA

UM ESTUDO DA «NORMA»

Análise da economia portuguesa (2)

O número de licenças concedidas para **construção** de obras novas, relativo ao I semestre do ano passado, foi de 14 781, correspondendo a uma baixa de 11 % no valor atingido nos primeiros seis meses de 1969.

A evolução registada no **comércio externo,** relativa aos primeiros sete meses, não se apresentou de modo nenhum favorável. Em comparação com o período homólogo do ano transacto, o «deficit» da balança comercial sofreu um agravamento de 143 % e a taxa de cobertura das importações pelas exportações teve uma descida de 78,2 % para 61,5 %. Estes valores resultaram da elevada expansão das importações (37%), a qual foi muito superior ao nível de crescimento das exportações (8 %).

COMÉRCIO EXTERNO

No período Janeiro/Julho do corrente ano, a balança comercial metropolitana registou um «deficit» de 8206 milhares de contos, o qual representa um agravamento de 4829 milhares de contos (143 %), relativamente a período homólogo de 1969. Paralelamente, a taxa de cobertura das importações pelas exportações teve uma descida de 78,2 para 61,5 % entre os dois períodos indicados.

As *importações*, que totalizaram 21 299 milhares de contos, apresentaram ao longo dos primeiros sete meses do ano uma evolução nitidamente descendente, especialmente no I trimestre. Não obstante, e dada a elevada expansão que haviam recebido na segunda metade do ano transacto, situaram-se a nível bastante superior ao do período Janeiro/Julho de 1969 (+ 37%).

Do ponto de vista da distribuição por áreas geográficas, o facto mais saliente foi o fortalecimento da posição ocupada pelo conjunto de países da O. C. D. E. No interior deste bloco económico, salientam-se os aumentos nas compras aos E. U. A. e ao Japão. As importações originárias da C. E. E. e E. F. T. A. registaram uma evolução semelhante. As compras feitas ás Provincias Ultramarinas tiveram, em relação a igual período do ano anterior, um crescimento de 32%, sensivelmente inferior ao que teve lugar para o total importado. O principal motivo desta evolução residiu no decréscimo das vendas de Moçambique.

As secções da pauta aduaneira que maior preponderância tiveram no incremento das importações, relativamente ao período Janeiro/Julho de 1969, foram as seguintes: «Pérolas naturais, gemas, etc.», «Metais comuns e s/obras (nomeadamente, ferro em bruto e semitrabalhado, chapas de ferro macio ou aço e cobre em bruto), «Máquinas e aparelhos; material eléctrico» (especialmente máquinas e aparelhos agrícolas, e máquinas e aparelhos mecânicos não especificados) e «Material de transporte» (salientando-se os automóveis montados pela indústria nacional e as peças separadas de automóveis). De uma maneira geral, todas elas integram bens de equipamento (á excepção das «Pérolas naturais, gemas, etc.»). Apenas as secções de «gorduras, óleos gordos, etc.», «Armas e munições» e «Objectos de arte; antiguidades» tiveram quebras, embora sem grande significado.

As *exportações*, cujo valor total foi de 13 093 milhares de contos, apresentaram-se no período em análise com um movimento de recuperação relativamente á evolução ocorrida no semestre anterior. Em comparação com os primeiros sete meses de 1969, tiveram um incremento de cerca de 8%, manifestamente inferior ao das importações.

A análise da distribuição por zonas geográficas comparativamente ao período Janeiro-Julho de 1969, permite-nos constatar incrementos significativos em relação ás Provincias Ultramarinas e aos países estrangeiros extra O. C. D. E. — 14% e 23 %, respectivamente. No entanto, para o interior da O. C. D. E., o crescimento situou-se a nível inferior ao da exportação total — 4%, contra 8%, respectivamente. A quebra registada nas exportações para os países da E. F. T. A. foi a principal causa deste abrandamento, contrastando com a expressão observada quanto aos restantes países da Organização, nomeadamente os que integram o Mercado Comum.

No domínio dos produtos exportados, a evolução observada nos primeiros sete meses do ano em curso, em comparação com a do período homólogo de 1969, permite evidenciar um crescimento para todas as secções da pauta aduaneira, com excepção das «Pérolas naturais, gemas, etc.», «Gorduras, óleos gordos, etc.» e «Mercadorias diversas». Os incrementos assumiram maior significado nas classes de «Produtos minerais» (devido, sobretudo, aos minérios de volfrâmio e aos óleos para aviões de propulsão por jacto), «Máquinas e aparelhos; material eléctrico» (nomeadamente os aparelhos receptores de radiodifusão e lâmpadas) e «Matérias-primas para o fabrico de papel: papel e s/obras».

Para completar a análise do intercâmbio comercial com o exterior no período Janeiro Julho de 1970, relativamente ao mesmo período do ano transacto, há que fazer uma breve alusão ao comportamento dos saldos relativos a cada um dos grandes mercados externos.

Neste domínio, assistiu-se a um espectacular agravamento do *deficit* com o bloco de países da O. C. D. E. — 4099 milhares de contos, ou seja 14.4% — determinado por todas as áreas nele englobadas. As trocas com os países da E. F. T. A. voltaram a revelar-se deficitárias, tendo a quebra de maior significado sido registada no comércio com o Reino Unido. O saldo positivo apurado em relação ás Províncias Ultramarinas sofreu um decréscimo de 41 %, devido, sobretudo, ao intercâmbio com Angola, o qual se manifestou deficitário. Os resultados com as restantes províncias, especialmente com Moçambique, tiveram, contudo, uma evolução positiva.

TURISMO

As entradas de turistas estrangeiros, que no primeiro semestre de 1969 foram ainda condicionados pelo clima sociopolítico internacional do ano anterior, continuaram no primeiro semestre de 1970 um amplo movimento de recuperação, iniciado já na segunda metade de 1969. A este movimento correspondeu um acréscimo de 39 %, relativamente a período homólogo do ano transacto.

O numero total de turistas entrados ascendeu a 1 111 411, dos quais 74 por cento penetraram através da fronteira terrestre. Em relação aos primeiros seis meses do ano precedente, esta fronteira registou, aliás, uma acentuada intensificação no tráfego — +47 por cento, correspondente a mais 261 600 turistas entrados. A fronteira aérea, cujo movimento se lhe seguiu, teve um incremento de 24%, ligeiramente inferior ao do total, e a marítima continuou a manifestar tendência decrescente na entrada de turistas, correspondendo-lhe uma quebra de 9 %.

Quanto às origens do turismo, a Espanha, continuou a fornecer o maior contingente, fixando-se a sua contribuição em 60 por cento. Foi ainda este país que registou o maior incremento comparativamente ao primeiro semestre de 1969 — 49 %. Outros acréscimos significativos se verificaram, nomeadamente quanto à França, Reino Unido, Republica Federal da Alemanha e Estados Unidos da América.

Um outro indicador de certa importancia, embora cobrindo sòmente os meses de Janeiro a Maio, é relativo ao alojamento dos turistas. Neste capitulo, contudo, a evolução registada globalmente, embora sendo positiva revelou-se menos intensa do que a das entradas de turistas. Este facto parece ficar a dever-se à forte dependência do fluxo turistico relativamente aos turistas espanhóis, os quais revelam uma acentuada preferência pelos meios complementares de alojamento.

Não obstante, as dormidas em estabelecimentos hoteleiros, constituindo a larga maioria, registavam um incremento de 26 %, em comparação com as de igual período de 1969. Todos os estabelecimentos deste tipo tiveram variações positivas, sendo de mencionar, pelo seu elevado significado, o acréscimo de 27 % verificado nos hotéis.

As dormidas em parques de campismo apresentaram uma taxa de progressão pouco significativa (5 %) e as de colónias de férias tiveram nova quebra, mais intensa do que a ocorrida de semelhante periodo de 1968 para 1969 — 27 %, contra — 7 %.

MIRAGENS DA MINHA TERRA — 4

O absurdo é real...

Para evitar bocas abertas de espanto, para não ter de ouvir «pode lá ser!», «não acredito!», «isso é mentira!» e etc., assentemos, desde já no seguinte: a história de hoje é inventada. De uma ponta á outra não tem por onde se lhe pegue em realidade. É, assim, uma espécie de pesadelo.

Daqui para diante, tudo isto é um supor.

Vamos supor, então, que numa cidadezinha de provincia (Viseu por exemplo) havia um liceu. Suponhamos, ainda, que nesse liceu havia uma professora de português e francês para o 3.º ano e, apenas, de francês para o 4.º E, dado que estamos no campo das suposições, vamos imaginar agora, que numa aula aos seus alunos a dita professora dispara: «como é a contracção da preposição com o artigo defenido masculino do singular o».

Já sei que os meus amigos me estão a observar (e eu tenho de reconhecer que com um apurado sentido do «espectáculo»): — «mas isso é um achado de teatro «non-sense»!»

Desculpem! Mas não é em tal sede que eu quero pôr a questão. Eu falo de um «tranche de vie», como diriam os naturalistas do século passado. Quer dizer: eu pretendia que os meus amigos fizessem o favor de considerar (estamos a supor, claro!) que a coisa é mesmo verdadeira, no sentido de real, acontecida, e não um quadro ou cena de peça de teatro «à Ionesco».

Isto posto, voltemos ao princípio: era uma professor do 3.º e 4.º ano do liceu de Viseu, nas disciplinas de português e francês.

Ora, a senhora professora não sabia pronunciar «gelosia» (gelósia); nem «lusíadas» (= lusiádas); nem outras palavras mais simples como «exército» que, para ela, ficou em «exercito». A senhora professora não sabia conjugar os verbos no conjuntivo e... (a gente posta a supor é capaz de supor tudo! — benza-o Deus!) nem no indicativo. Vejam só para exemplo; este presente do indicativo do verbo pulir: «eu pulo; tu pules (ou poles?); ele pule (ou pole?); nós pulimos; vós polis, eles pulem». É escusado pular que tudo isto é a gente a supor!...

Pois, a senhora professora, pública e humildemente (valha-nos isso) reconhecia que não era capaz de distinguir entre palavras «homógrafas» e palavras «homónimas» («— Em português é tudo ao contrário do francês!...) pedia aos alunos que a corrigissem e reconhecia que para poder entender as lições tinha de tirar mais significados do que eles.

(Estamos a supor que esta senhora, como professora, recebe dinheiro do Estado para «ensinar» aos alunos, não pagando nem um tostão aos alunos para eles a «ensinarem» a ela!... — Muito ponto de admiração tenho escrito eu hoje!)

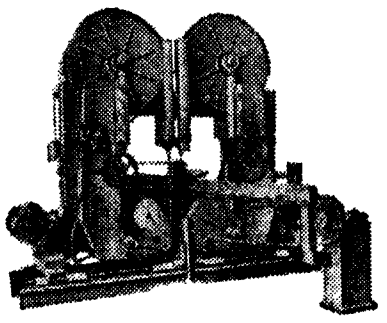
Mas continuando: a sr.ª professora, como é óbvio, além das aulas orais, também dá pontos escritos. Depois tem de os classificar, após os haver corrigido. (Perdão! Teria, porque tudo isto não passa de uma invencionice). Só que ao corrigir tem de emendar os erros ortográficos, os erros de construção sintáctica, os erros de estilo, etc., etc... E então a senhora professora transforma (transformaria) «regardiu» (o aluno queria dizer: «redarguiu») em «regarduiu»; a sr.ª professora transforma «escasso manto de neve» em «espeço (sic) manto de neve»; mas, a sr.ª professora não fica por aqui e da frase: «No Natal minha família reúne-se toda em minha casa para o celebrar» tira este mimo de hortaliça: «No Natal a minha família reúne-se toda em minha casa para festejar esta festa», ou, então, da frase: «o primeiro período passou espantosamente depressa» a sr.ª professora arrancou: «O primeiro período passou espontâneamente (sic) depressa».

Pronto e vamos parar, antes que se rompa a imaginação.

(S'm! Porque tudo isto é um supor! Mas imaginem, agora, os meus amigos que o não era).

JAIME GRALHEIRO

«MIDA»



UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

SERRA DUPLA
Mod. SD-11

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5

FILIAL EM LISBOA:
AV DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

Acidentes rodoviários

O que se faz para evitá-los?

ENTREVISTA COM A DR.ª IOLANDA WHANNON

Em dez anos, de 1960 a 1969, duplicou o número de mortos em acidentes rodoviários

Cont. da pág. 1

vendo as análises partirem dos próprios instrumentos de notação onde se registam os acidentes até á elaboração e apresentação de resultados e respectivo processamento dos agentes que neles intervêm».

Tal grupo de trabalho deveria ter a presença das entidades interessadas na resolução do problema dos acidentes e no planeamento dos investimentos e medidas de segurança rodoviária.

PEÕES — O MAIOR NÚMERO DE VÍTIMAS

M. R. — Pode dar-nos uma ideia dos dados disponíveis sobre acidentes?

I. W. — Em 1969, último ano de que existem estatísticas já publicadas pelo I. N. E., verificaram-se 28 353 acidentes, o que corresponde a uma média de quase 8 acidentes por dia. Se nos repertarmos a 1960, constata-se que, em dez anos o numero de acidentes aumentou de 50 %.

Mas o problema foi de maiores proporções para as vítimas de acidentes. Na realidade, o numero de mortos por acidentes duplicou de 1960 a 1969 (respectivamente 641 e 1284).

Actualmente, em Portugal, *é de cerca de 2,3 o numero de acidentes mortais por mil veículos motorizados.* Tal numero que passaria *para um valor próximo de 4*, se utilizasse a definição normalizada da C. E. E. para acidente mortal, apenas é excedido nos 16 países que compõem a Conferência Europeia de Ministros de Transportes, pela Jugoslávia e pela Turquia

— Contrariamente ao que se verifica na grande maioria dos países europeus, é *aos peões* e não aos utentes dos automóveis que cabe a maior percentagem de vítimas em acidentes (cerca de 38 % em 1969). Trata-se de um grave problema urbano, difícil de estudar sob uma óptica meramente estatística.

— No que se refere a *automóveis ligeiros* não diminuiu nos ultimos anos, como sucedeu noutros países da Europa, o numero de vítimas por mil veículos do referido parque em circulação. Pelo contrário, em Portugal, aumentou mais rápidamente, nos ultimos dez anos, o numero de vítimas do que o de veículos ligeiros.

O PROBLEMA DOS VEÍCULOS PESADOS

Análises feitas recentemente, no ambito dos trabalhos da Conferência Europeia de Ministros de Transportes, mostram que a taxa de acidentes corporais é menos elevada nos países em que a densidade de circulação é maior. Houve como que uma responsabilização colectiva, tanto dos condutores que parecem ter adquirido um sentido de segurança mais apurado, como das autoridades que, á medida que a circulação se agrava, têm tomado medidas de segurança mais eficazes o que compensa o risco do aumento de acidentes pelo acréscimo do parque.

Entre nós, em 1969, era de 20 o numero de vítimas por mil veículos ligeiros de passageiros em circulação.

— Por sua vez, *os automóveis pesados de mercadorias* implicados em acidentes representavam, em 1969, mais de 14 % do numero total de veículos do referido parque. Tal percentagem, nitidamente elevada, de frequência em acidentes faz pressupor que algo não está correcto. Será que as estradas não estão adaptadas ao tráfego dos veículos pesados? Será que a formação dos condutores não será a mais indicada ou será que os seus horários de trabalho não estão convenientemente escalonados de modo a permitir-lhes guiar nas condições mínimas exigíveis? Ou será que a carga que transportam e a velocidade que lhes é imposta não correspondem aos limites de segurança?

Em tudo isto, creio, será necessário reflectir sobretudo se nos recordarmos que são os veículos pesados que efectuam os maiores percursos anuais o que, consequentemente, aumenta as possibilidades de acidente.

M. R. — Não haverá indicações sobre a influência da continuidade de trabalho nocturno nestes acidentes?

I. W. — Não tenho conhecimento de que fosse estudada a relação horários efectivos de trabalho e acidentes.

M. R. — Quem, ou o que é que se considera responsável pela maioria dos acidentes? Os condutores? As estradas?

I. W. — Ainda que os termos de responsabilidade em acidentes sejam um pouco vagos, porque, de um modo geral, num acidente intervêm simultaneamente vários factores, podem esquematizar-se em percentagens os resultados oficiais publicados para 1968, quanto a responsáveis por acidentes:

Peões ..... 36 %

Trabalho imigrante

Tem o maior interesse o artigo de André Gorz publicado no último número da Seara Nova «Trabalho Imigrante». Aí se mostra que os imigrantes ocupam um lugar central, e não marginal, no emprego dos países do ocidente europeu (6% da população activa da Alemanha, 10% da Bélgica, 11% da França, 26% da Suíça), e também as várias vantagens políticas retiradas da imigração, entre as quais avultam a exclusão de uma parte considerável do proletariado de acção sindical, e a privação de direitos políticos a essa parte, estrangeira, do operariado.

Quanto ás vantagens económicas. Damos a palavra a Gorz: «A importação de trabalhadores traduz-se numa poupança, para o país da imigração de cerca de 8.000 a 16.000 libras por trabalhador imigrante, feito o cálculo, para os países da Europa Ocidental, do custo social de um indivíduo de 18 anos em cerca de cinco a dez anos de trabalho. A poupança suplementar para o país da imigração advém do facto que, tal como não teve de pagar a infância e a adolescência do trabalhador imigrante, não terá de o sustentar na velhice (o que de maneira nenhuma significa que ele seja dispensado das quotas de previdência). O facto de em larga percentagem, os trabalhadores imigrantes não serem acompanhados pela respectiva família, traz ao país de imigração uma poupança adicional e substancial em capital social (alojamentos, escolas, hospitais, transportes e outras facilidades infra-estruturais).

«Um lugar central no emprego dos países do ocidente europeu»

Os homens da

MANUEL GER

FOI UMA VIAGEM cansativa, mas eficaz quanto a dados obtidos. O convívio salutar com aqueles dois companheiros ocasionais, ostentando mentalidades tão distintas mas afrontando destinos comuns, representou um bálsamo eficaz contra um percurso de três horas e meia através de um Alentejo fustigado por intensa invernia.

Lisboa-Beja, comboio superlotado, cinquenta por cento dos passageiros sem lugares sentados, apinhados ao longo dos estreitos corredores, entremeados com bagagens amontoadas; cascas de bananas, caroços de azeitonas, a enxamearem o pavimento lamacento e humedecido das carruagens de segunda classe. Sómente o bafo quente embaciava as vidraças cerradas e amornava a atmosfera interior, substituia gratuita e medianamente um aquecimento artificial inexistente.

Eu iniciara naquela tarde de sábado, na estação desabrigada do Barreiro, uma etapa que me conduziria directamente a Beja, minha cidade. Eles vinham de bem longe, três ou quatro longos dias a peregrinarem através de uma Europa enregelada, malas atulhadas, blusões de cabedal desbotados e enrodilhados, golas felpudas enroscadas aos pescoços robustos. Eram ambos altos e entroncados. Um relativamente jovem, trinta anos se tanto, cabelos louros anelados; o outro, idade madura, cinquenta anos gastos estampados no rosto, boina basca cobrindo-lhe a nuca que se adivinhava calva. Foi este quem iniciou o triálogo: — *Amigo, vai um cigarro?* — Aceitei! O tabaco era estrangeiro, pela grafia identifiquei-o como originário da Alemanha Ocidental. Acrescentou que estava muito fatigado, tinha um sono macaco. — *Sabe, já são quatro dias a trotear por estas carrilagens manhosas Venho da Alemanha, oito meses de canseiras a guardar gado, a família toda por cá Sou natural de Minas de S. Domingos, concelho de Mértola. Fui mineiro durante muitos anos, aquilo fechou, o filão esgotou-se, a terra esmoreceu. Quatro filhos, a mulher, uma casa, muita despesa. Só com o mais novo, foram-se quinze contos de réis. Uma doença de mau engodo, e se não tivesse sido o doutor Carlos, aquele médico de Ferreira do Alentejo, lá se tinha ido o pobre do meu rapaz desta para melhor.* — A entoação vocálica continuava a ser retintamente alentejana. As maneiras e os gestos mantinham-se caracterizados por um provincianismo puro e arreigado. Pelo que observei, este homem não era um anexado, mantivera-se num casulo marginal entre germânicos que bebiam cerveja em canecas de litro e comunicavam entre eles utilizando uma «*falança arrevesada*». Gostara de conviver com aquela gente porque era trabalhadora, falava pouco e lhe pagava em notas grandes. Mas para além destas impressões primárias e exteriores, da «comezana que considerava apicalhada», do alojamento «a modos que aciganado», nenhuma influência, positiva ou negativa, conseguira absorver da sociedade onde labutara extemporaneamente. Em dado momento retirou da algibeira interior do blusão, um «calendário sarapintado». *Está a ver, amigo, as letras são como as nossas, os nomes dos meses são quase todos escrevinhados da mesma maneira, porque o resto do palavreado um homem não entende patavina. Só por gesticulações, mas é uma trabalheira que só visto.*

«O FRANCÊS»

Foi nesta altura da conversa que o outro, o mais jovem, entrou em cena de forma activa. — *Eu vim de França, das fábricas Citroen. É o meu quinto ano nestas andanças. Nos três primeiros contratos tra-*

duzindo a bons resultados), expressa em termos de custo — benefício para a colectividade. E' evidente que tais estudos terão que ser baseados em análises estatísticas e psico-sociológicas muito elaboradas.

A título de curiosidade, e porque o problema aflige actualmente grande numero de países empenhados em campanhas de segurança rodoviária, posso dizer-lhe que os desastres motivados por embriaguez do condutor apresentam uma percentagem mínima, em Portugal. Há no entanto, que pôr uma reserva, pois não existe no País limite para a taxa de álcool no sangue, para a qualificação jurídica de alcoolismo. A legislação vigente apenas permite um exame médico para pesquisa de álcool no sangue, quando se suspeita de que o condutor conduz em estado de embriaguez.

M. R. — A idade dos condutores tem ingluência especial?

I. W. — É pena que as estatísticas oficiais não publiquem com maior discriminação a idade dos condutores implicados em acidentes pois o facto de se agrupar os indivíduos dos 25 aos 64 anos como um todo homogéneo, prejudica, como é óbvio, qualquer tipo de análise.

Em grande numero de países, a taxa de acidentes é muito mais elevada para os condutores jovens do que para os condutores de meia idade, aumentando regularmente a percentagem de condutores de menos de 25 anos implicados em acidentes. Pois bem, em Portugal, e é com agrado que assinalo tal facto, os jovens entre os 15 e os 25 anos representam cerca de 9 % da totalidade dos condutores implicados, tendo-se até verificado uma diminuição de 32 %, dos numeros absolutos relativamente a 1960.

É preciso, porém, ter em mente que, em países economicamente mais desenvolvidos, o agregado familiar não possui um, mas vários meios de locomoção, o que determina uma maior utilização de veículos pela parte dos jovens e consequentemente uma maior propensão para acidentes.

M. R. — Como se entende uma política de segurança rodoviária?

I. W. — Como sabe, para que a circulação automóvel se efectua em condições aceitáveis de segurança é necessário assegurar o bom funcionamento de um sistema complexo no qual intervêm as características do condutor, da circulação, da infra-estrutura rodoviária, da circulação e do ambiente.

Estes factores estão de tal modo interligados que uma *acção parcial* tendente a melhorar a segurança *pode*, indirectamente, *trazer consigo o risco de aumentar os acidentes*. Por exemplo, a melhoria do traçado das estradas contribui para a segurança de circulação. No entanto, esta melhoria, permitindo uma condução mais rápida, incita os construtores a conceberem veículos cada vez mais potentes, o que aumenta o risco de acidente grave.

Pode pensar-se numa diminuição deste risco, em caso de colisão, concebendo veículos mais resistentes ao choque, mas neste caso, o condutor com confiança no veículo, pode tornar-se menos prudente.

Pensar-se-á então em impedir de conduzir os condutores imprudentes, mas uma repressão demasiado forte num domínio leva o homem a manifestar a sua agressividade noutros domínios.

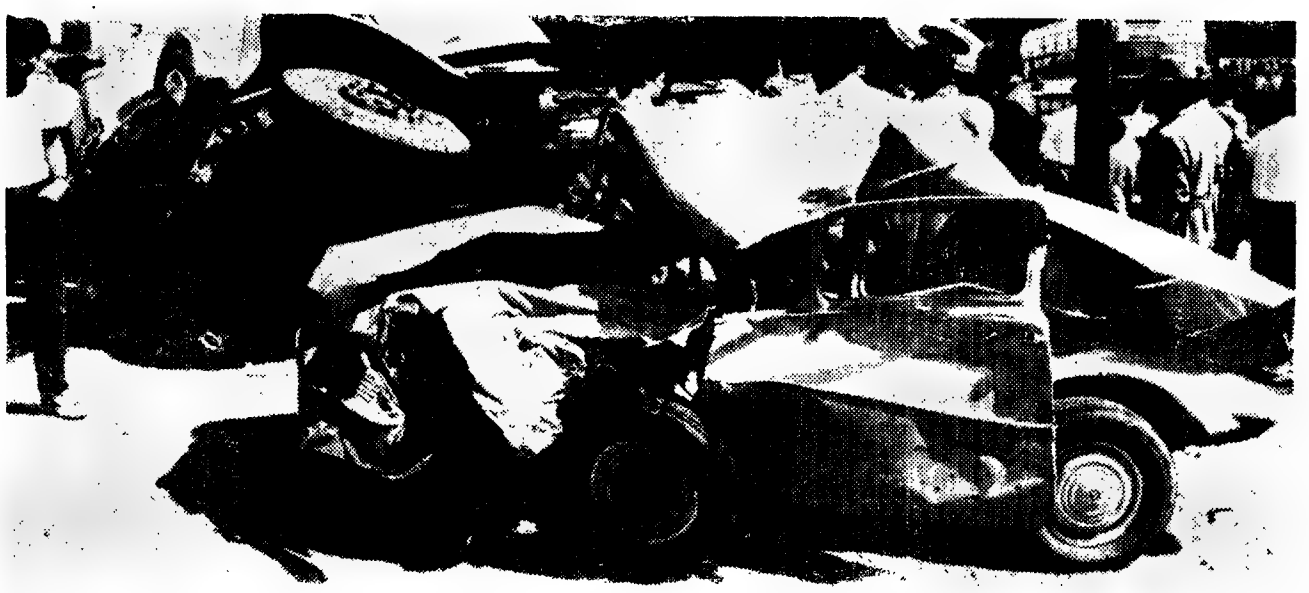
O mesmo tipo de raciocínio levaria a concluir que uma limitação permanente de velocidades impediria o progresso técnico no domínio da construção automóvel, reduzindo a investigação no que se refere a domínio do veículo e qualidade dos travões.

É evidente que uma política de segurança rodoviária não é ilusória mas há que frisar que os problemas por ela postos são muito complexos e que as decisões a tomar devem basear-se em *estudos globais* e que as diversas *medidas* a pôr em prática *devem estar eficientemente coordenadas*

Condutores de veículos motorizados ..... 33 %
Condutores de velocípedes com ou sem motor ..... 20 %
Condições atmosféricas 3 %
Condições da estrada... 2 %
Condições do veículo... 1 %
Diversos motivos ..... 5 %

É evidente que nos 53 % atribuíveis á má condução influíram também, embora sem serem consideradas causas determinantes do acidente, a categoria e configuração de estradas, a densidade de circulação, a deficiente sinalização, as condições atmosféricas e até as condições em que estavam os veículos. Estes ultimos, como se sabe, ainda não estão sujeitos a «contrôle» periódico obrigatório, o que me parece absolutamente necessário, num parque automóvel *em que cerca de 60 % dos veículos deve ter mais de 5 anos e 25 % mais de 10 anos.*

Das faltas imputáveis ao condutor merecem menção especial *a velocidade excessiva, a distracção e falta de sangue-frio*, pelo que aguardo com imenso interesse a publicação dos resultados dos regimes temporários de limitação de velocidades, o que poderia ajudar em estudos posteriores sobre a operacionalidade de uma limitação permanente de velocidades (nem sempre con-



«Em 1969 verificaram-se 28 358 acidentes o que corresponde a uma média de quase oito por dia»

da emigração

GERALDO

balhei na apanha da beterraba e em fábricas de açucar. Sou filho de Santo Aleixo da Restauração, concelho de Moura. Agora venho até cá, para fazer a época da apanha e varejo da azeitona. Moura, Ficalho, Sobral da Adiça são regiões muito ricas em olivais. Um indivíduo associa-se com um grupo de confiança e tomamos várias empreitadas a nosso cargo. — Falava com despretensiosa desenvoltura, manipulando com frequência certos termos que não pertencem por norma à terminologia campesina dos naturais das províncias transtagamas. As palavras e expressões: contrato, percentagem, assistência sanitária, aposentação motivada por acidente em serviço, por incapacidade prematura ou velhice, mesclavam amiudadamente o vocabulário utilizado por este jovem veterano da actividade emigratória, ex-trabalhador rural do Baixo-Alentejo.

Mostrou-me a folha mensal de pagamentos, laborada nos serviços mecanográficos da empresa Citroen e explicou-me detalhadamente a significação exacta de algumas duvidas que me surgiram ao longo da leitura deste documento. A Citroen tem-se desenvolvido extraordinàriamente com a inclusão da mão-de-obra estrangeira. Hoje em dia, já não poderiam passar sem a nossa colaboração, pois tornámo-nos indispensáveis para o progresso da firma. Além de portugueses pertencem aos seus quadros, operários argelinos, espanhóis, italianos, marroquinos e jugoslavos

HORIZONTES MAIS ALTOS

Falou-me, em seguida, na longa viagem, no bilhete que tirara em Paris com destino a Lisboa, e do adicional que tivera que pagar ao entrar em território pátrio. Cinquenta e três escudos, definidos como bilhete complementar de excesso de velocidade. Segundo a opinião por ele expressa, esta imposição deve considerar-se um absurdo, pois os combóios em Portugal rolam a velocidades inferiores às que são usuais em França e mesmo na vizinha Espanha. Além disso, acrescentou, a partir de Vilar Formoso, viajar tornara-se doloroso. As carruagens atulhadas de passageiros, desprovidas ou com o aquecimento central desligado, os vidros das janelas e os corredores cobertos de gelo. Em França, os comboios carrilavam a grandes velocidades, mas com absoluta segurança, os revisores mostravam-se educados, existiam mesmo longos percursos em que os bilhetes eram revisados uma única vez. Utilizara com frequência, durante os fins-de-semana, os combóios eléctricos no trajecto Paris-Versalhes, onde vivem numerosos parentes e amigos. Que sim, que tinha visitado várias vezes o Palácio, muito semelhante ao nosso palácio de Queluz, mas em ponto grande. Para o ano que vem, quando regressar, talvez siga o exemplo de alguns dos meus companheiros emigrados. Venho de avião e pronto Pago mais, mas acabaram-se os problemas e as noitadas. Sobre os usos e costumes, disse preferir em certos aspectos os vigentes na sociedade portuguesa, sobretudo nos capítulos da educação ministrada aos filhos, no conceito unitário da família e nas relações matrimoniais.

Mas em França como operário não especializado, sentia-se compensado material e socialmente. Trabalhava arduamente, é certo, mas podia contar de momento e mesmo futuramente, com um razoável pé-de-meia e com protecção para um hipotético acidente e uma reforma na velhice. Além disso, viajara e aprendera muita coisa até ali desconhecida, a que na sua freguesia natal, a ignota localidade de Santo Aleixo da Restauração, jamais teria acesso

O nosso companheiro de jornada, o «Alemão», sòmente interrompia a espaços a narrativa do «Francês», para nos oferecer chocolates e tabaco. Por fim, completamente extenuado, adormeceu profundamente, num sono que se assemelhava ao seu letargo evolutivo, a que uns cinquenta anos excessivamente marcados no rosto rugoso e uma mentalidade de avoengos preconceitos, enraizada, tornara eterno apesar das suas tardias deambulações por germânicas latitudes, forçadas por materiais e inadiáveis motivações.

MOTIVAÇÕES

Chegámos a Beja já noite cerrada. Despedimo-nos calorosamente, como amigos de longa data. O «Francês», um jovem desenvolto, um emigrante de vistas largas, linguagem anexada e intelecto reforçado, prosseguiria viagem nesta mesma composição até á vila de Moura O «Alemão», sorriso bonacheirão de eterno mineiro-camponio, lá seguiu de táxi directamente para a Mina de S. Domingos, carteira recheada de papeis cujo teor não entendia, um calendário multicolor que constituia todo o seu orgulho, pois através dele podia decifrar os nomes dos meses mesmo em idioma estrangeiro, e um livro de cheques do Banco da Agricultura que materializava o «porquê» daquela abalada tardia até terras alemãs, onde, recentemente, um grupo de portugueses ali radicados no cumprimento de um contrato temporário, foi expulso por se haver envolvido em desordem com trabalhadores naturais daquele país. A razão talvez estivesse do lado da gente lusa, mas as autoridades preferiram fazer justiça seguindo a via, genèricamente apelidada por «direito de cidadania.»

Cheguei exausto á velha Pax Julia, mas substancialmente documentado sobre certas questões da corrente emigratória portuguesa da década de sessenta.

Fim de semana invernoso e agitado, viagem tormentosa, mas, apesar de tudo, um fim de semana que considero imensamente positivo pelos conhecimentos aprendidos. O que não é muito vulgar nas jornadas ferroviárias e nos tempos que correm.

espelho da imprensa

Com Salazar, impacientava-se na antecâmara. Com Marcello Caetano, entraram, de roldão, na vida pública.

Vêm de Económicas e Financeiras, de Engenharia, de Sociologia. Têm quarenta anos. São apolíticos.

Estão na Assembleia Nacional, na Câmara Corporativa, nos Gabinetes Técnicos. Fazem sauna, são católicos progressivos e falam alto, forte.

São a 3.ª geração de 1926. A primeira era Mário de Figueiredo. A segunda Ulisses Cortez. A terceira Francisco Balsemão.

A política, ela-própria, globalista, surge-lhes como um romantismo. Não há político. Há políticas. Não há política. Há soluções.

Solução do problema económico. Solução do problema rodoviário. Solução do problema urbanístico. Solução do problema emigração.

Portugal é um exercício. A Europa um exame de frequência. O desafio americano um concurso. A E. F. T. A um treino. O Mercado Comum um curso semestral.

Estão aí. São as comissões parlamentares. São os Gabinetes de Previsão Económica. São a Banca. São as grandes empresas.

A Esquerda e a Direita deixam-nos indiferentes. Sorriem perante a severidade de Vasco da Gama Fernandes e a ribombância de Santos da Cunha.

Os Estados Unidos são, para eles, a United States Steel. A União Soviética, o Comecom. A África, os diamantes. Japão, a construção naval. França, Marcel Dassault. Itália, Agnelli.

Ideológicamente são cegos. Profissionalmente são aptos. A política é um pretexto. A eficácia um fim em si mesmo.

São a nova aristocracia. O País é, de súbito para, eles das esferas de acção mais próximas, a que dá mais chances. A política não é, para eles, *res publica*, civismo, humanismo. É *performance*.

A opção não foi entre a Esquerda e a Direita. Foi entre *aquilo que não é e aquilo que é. Entre aquilo que não é e* aquilo que deixa de ser. Aquilo que condena ao imobilismo e aquilo que permite *performance*. O alibi ético é este: transformar de dentro para fora.

Muito mais hábil Marcello Caetano coloca-os, politicamente, nos cargos menos políticos. Ele tira o rendimento máximo destes operários altíssimamente especializados. Importa-lhe pouco o seu snobismo tecnocrático. A cheia que eles são é, afinal, força motriz. Força motriz que, politicamente, rende.

Só que a neutralidade política é um artifício. Só que a tecnocracia é, ela própria, política. Seja Mercado Comum. Seja Comecom. Seja Aliança para o Progresso.

Eficácia não é inocência. Pode, até, ser culpabilidade. A Krupp era eficaz. Sohat também.

Os tecnocratas, por muito supranacionais, por muito Opus Dei, por muito Sedes, por muito I. B. M., por muito Herman Kahn e J. J. Servan-Schreiber, são, afinal, responsáveis perante aqueles que, verdadeiramente, contam — a Nação.

(In Jornal do Fundão)

Marcello Caetano e os tecnocratas

ARTUR PORTELA FILHO

Habitantes de Cotães

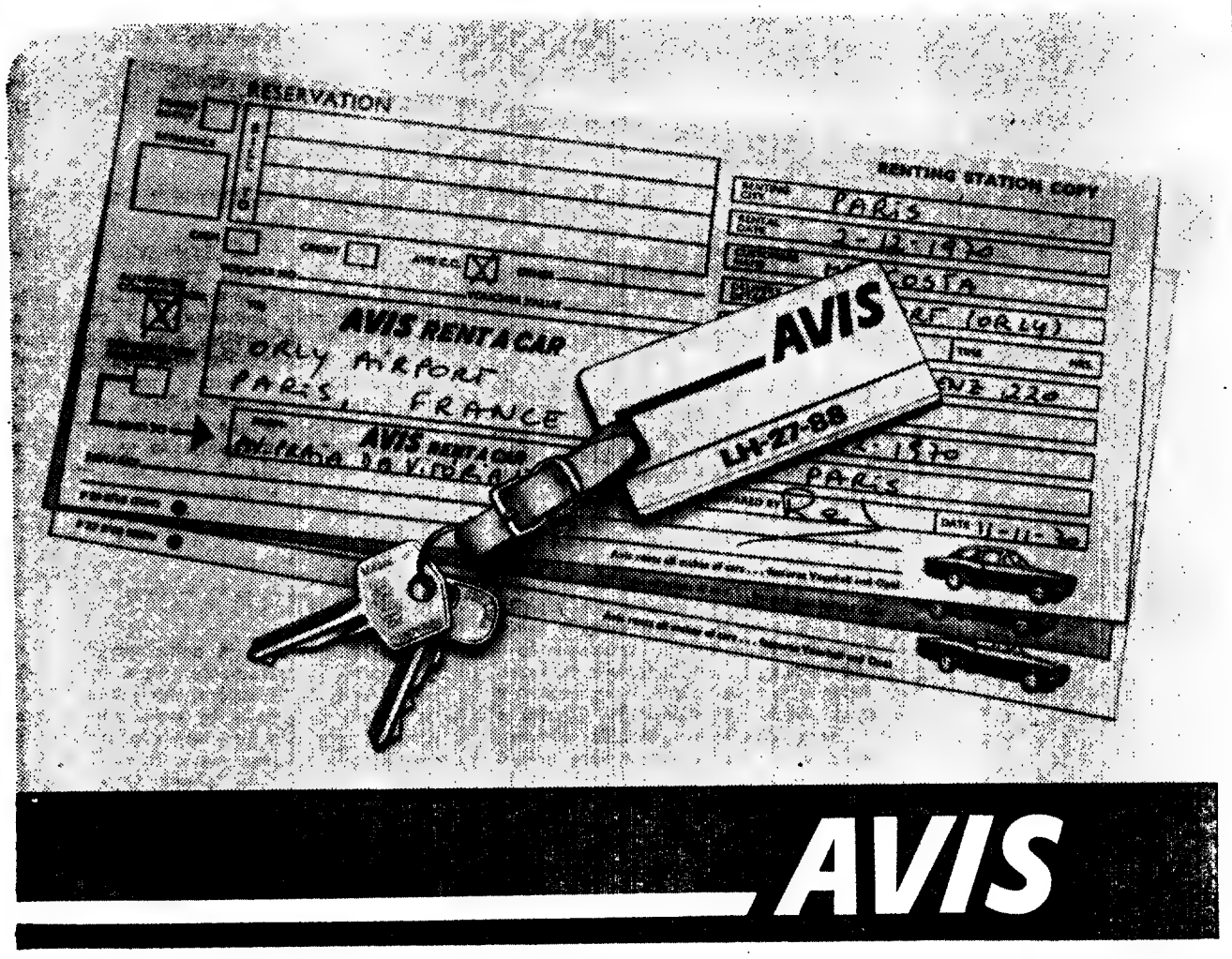
Habitantes da aldeia de Cotães, concelho de S. Pedro do Sul, dirigiram ao director do «Diário de Lisboa» uma carta em que agradecem o relevo dado nestas páginas aos seus problemas, em artigo assinado pelo nosso prezado colaborador dr. Jaime Gralheiro:

«*Os signatários, todos residentes ou naturais do lugar de Cotães, S. Pedro do Sul, querem agradecer a V. o facto de, através das páginas do seu jornal e no suplemento «Mesa Redonda», se ter chamado a atenção de quem de direito para a clamorosa situação de injustiça a que se encontram votados, isto a 30 anos do século XXI.*

Pode V., se assim o entender, dar publico testemunho no seu jornal, deste nosso agradecimento.»

Assinam: António Francisco Regada, António Barros, Lucílio Leitão, Manuel Correia de Figueiredo, Julio Lourenço Pinto, Acácio de Figueiredo, Henrique Luís Ferreira, António Rodrigues, Fernando de Sousa, Ana Pereira da Silva, Ana Rodrigues de Lima, Belarmino Manuel de Oliveira, António Veredas Barros, Fradique Pinto Rolo, Henrique Barros Rolo e Miguel de Figueiredo.

Ao descer no aeroporto... um automóvel às suas ordens!



AVIS

Nada mais triste do que, ao chegarmos a uma terra estranha, encontrarmo-nos sòzinhos num aeroporto.
Um aeroporto é frio, impessoal, quase agressivo nos seus enormes espaços e corredores.
Por isso é muito agradável ouvir: «Mr. Costa e Sousa? Aqui estão as chaves do seu carro — e boa viagem!»
E aí está você já bem disposto, com um carro garantido nas mãos, para se desenvencilhar no trânsito de um país estrangeiro (mas você guia bem e é descontraído)...
Mesmo que se trate de uma viagem de negócios a aventura começa. Uma aventura bem encaminhada e agradável que acabará sempre bem, porque uma grande companhia, a AVIS, vela por si.
E para isso basta telefonar-nos.

ALUGAMOS AUTOMÓVEIS

C. SANTOS S. A. R. L.
Lisboa - Av. Praia da Vitória, 12-C - Tel. 561177
Porto - R. de Santa Catarina, 160 - Tel. 37971
Faro - R. Horta Machado, 42 - Tel. 24538
Praia da Rocha-Gal. Ext. Hotel Júpiter-Tel. 33258

Pub.

EIS A NOVA MÁQUINA DE ESCREVER CORONA PORTÁTIL!

SCM CORONA

A CORONA dispõe entre outras características:

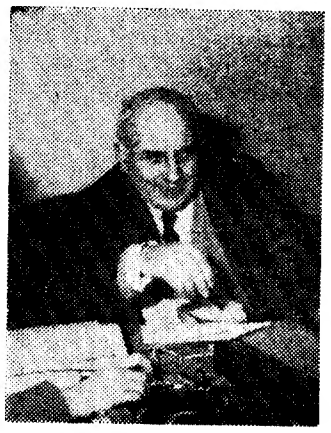
- Maleta integral
- Tabulador parcial
- Fita bicolor
- Posição "stencil"
- Alavanca de retomada de linha
- Indicador de fim de página
- Regulador de toque
- Mecanismo de meio - espaço
- O peso é sòmente de 3,6 kg. dimensões: 32 x 30 x 8,5 cm.

Distribuidores Exclusivos:
Soc. de Rep. SIDA-SUECA, LDA
Rua de S. Nicolau, 17, Tel. 369331 - Lisboa
★ Consulte o seu fornecedor

Helena Neves

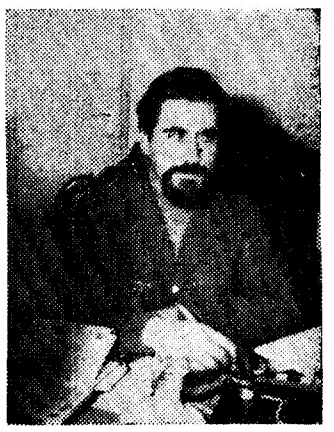
Carlos Veloso

Salvador Sampaio



Calvet de Magalhães

Irene Veloso Santos



Picança Mestre

Situação actual dos professores eventuais

Num momento em que as questões de ensino se debatem amplamente, as situações anómalas no aspecto profissional e humano surgem com a urgência de soluções inadiáveis. É o caso dos professores eventuais. Dada a contínua progressão do sistema escolar, a carência de professores acentua-se. Porque não dar aos quadros existentes condições de exercício de actividade, das quais todo o ensino beneficiará?

Estes e outros pontos foram o objecto da «mesa-redonda» efectuada e gravada em 6 de Janeiro.

Intervieram:

Dr.ª Irene Marques Veloso F. Santos, professora do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário; dr. Carlos Veloso, professor do Liceu de Gil Vicente; prof. Vítor Nascimento Picanço Mestre, do Ensino Técnico; dr. José Salvado Sampaio, prof. da Escola Industrial Fonseca Benevides e prof. Calvet Magalhães, director da Escola Preparatória de Francisco Arruda. Moderou Helena Neves.

DEGRADAÇÃO PROGRESSIVA DA DOCÊNCIA

MODERADORA—A situação nitidamente desfavorável do professor eventual em relação a outras actividades profissionais será facto não previsível no esquema actual de ensino?

S. SAMPAIO—Não é por mero artifício que a actividade mais mal remunerada do País se encontra no campo da docência. Em 1968-69, havia 3274 docentes do ensino primário que auferiam de remuneração 720$00 mensais. Em oposição á política de ensino da I República, criou-se a certa altura um certo medo da difusão do ensino e da cultura com receio da instabilidade que podia provocar no aspecto social. Daí uma série de medidas que provam de modo exuberante, o que acabo de afirmar: instituição dos postos e regentes escolares, pelo qual estes quadros não precisavam de q u a l q u e r aprovação, nem sequer do exame da 4.ª classe primária, para exercer a docência. Depois achou-se isto um exagero mas não se foi muito mais além.

Por decreto-lei de 24 de Novembro de 1936, suspende-se a matrícula das escolas do magistério primário. D e s s a suspensão resulta que em 10 de Dezembro de 1940 houvesse necessidade de determinar medidas de emergência no recrutamento de professores primários. Contudo, as Escolas do Magistério P r i m á r i o abrem novamente só em 1942. Um critério muito apertado de natureza financeira foi situando os professores numa posição cada vez m e n o s consentânea com as suas legítimas exigências e daí a degradação das habilitações profissionais dos professores.

MODERADORA — Essa degradação profissional não será alimentada pelo baixo nível de remuneração e as p r e c á r i a s condições de exercício do cargo docente? Não se reflectem estes aspectos negativos, nas dificuldades de recrutamento dos professores?

CONDIÇÕES DESIGUAIS DE RECRUTAMENTO

S. SAMPAIO — Essas condições determinam uma diminuição de recrutamento de pessoal qualificado e não uma diminuição de possibilidade de recrutamento. Visto que não se oferece um nível de remuneração suficiente, as pessoas vão procurando outras carreiras e criam-se quadros que só são professores porque exercem a docência, mas cada vez com menor habilitação. Porque se prossegue na política de recrutamento de professores um critério estritamente orçamental, sucede uma disparidade assombrosa entre vagas reais e vagas legais.

CALVET DE MAGALHÃES — Porque, no fundo, há consciência destas disparidades, tentou o Governo pelo Dec. n.º 49 120 (14-7-69) unificar num único critério os diversos tipos de recrutamento do pessoal provisório ou eventual. Pretendeu-se evitar a incerteza dos candidatos, promovendo a sua colocação antes do início do ano lectivo, assegurando a continuidade do ensino. Devido a embaraços vários, o decreto não tem sido bem executado.

IRENE SANTOS — Note-se que este decreto abrange sómente, em comum, os diplomados pelas Faculdades de Letras, Ciências, Belas-Artes, I. N. E. F., Conservatório e habilitados com curso de formação para Trabalhos Manuais no Ciclo Preparatório e de Lavores Femininos para o Liceu. Como no Ensino Técnico não há concursos deste tipo para recrutamento de pessoal habilitado com cursos secundários de formação profissional, pode-se dar o caso de ser proposta para mestra de modista de vestidos uma candidata com a 4.ª classe em detrimento de outros diplomados com o curso de formação feminina.

CALVET MAGALHÃES — Além das anomalias no recrutamento há ainda a apontar a desigualdade do professor eventual oficial. Nos termos do contrato de 15 de Maio de 1957, ainda em vigor, um diplomado é recrutado para professor e sómente pode ser desligado do serviço a seu pedido ou por justa causa (art. 13).

No ensino oficial pode ser dispensado sem justa causa não se lhe garantindo n o v a colocação noutro estabelecimento de ensino ou então como afirma Marcello Caetano, no Manual do Direito Administrativo, pag. 731, 1969, 8.ª edição, «ser-lhe paga indemnização de quantitativo proporcional ao número de anos de serviço prestado» e o mesmo professor acrescenta ainda: «não se justifica que a Administração Pública se não sujeite ás regras que impõe ás relações de trabalho entre particulares», e mais adiante conclui «é uma reforma a fazer na legislação».

Relativamente ao ensino particular ainda há mais, pois, um professor não pode ter no ano seguinte ao seu exercício menos de 4/5 de horas semanais do anterior horário (art. 22) e para ser desligado do serviço docente tem de ser avisado (aviso recepção) até 31 de Julho. E estas condições não são as que neste momento estão a ser negociadas.

SALVADO SAMPAIO — Se há uma situação discriminatória em certos aspectos favorável ao professor do ensino particular, por outro lado, há uma situação discriminatória em relação aos professores do ensino particular. Com os outros tipos de actividade. Quer dizer, as garantias que eles têm em caso de despedimento e remunerações, ficam muito aquém do que sucede por exemplo no caso de empregados bancários ou de seguros.

CONDIÇÕES PRECÁRIAS DE TRABALHO

C. VELOSO — Voltando á situação do professor eventual, um dos aspectos que se me afigura mais grave é o ambiente em que trabalha: com 22 horas semanais, um número de turmas muito variável, mas nunca tendo menos de 180 a 200 alunos (e até, normalmente, 385), o que representa pelo menos várias vezes 200 a 300 pontos escritos, outros tantos questionários, as notas mensais; calcular dez minutos, pelo menos, por verificação de exercícios, pode-se dizer que o seu número de horas semanais passa do dobro do seu serviço de horário. Não se falando já, das lições a preparar, (seriam precisas teóricamente duas horas de preparação para uma lição), das explicações dadas, etc. Ainda por vezes, o seu horário não é seguido, com horas intercaladas.

CALVET MAGALHÃES — Actualmente os professores provisórios ou eventuais não dominam os alunos que têm, os programas (alguns deles quiméricos), as condições materiais em que vivem e não podem ser obrigados ao encargo que lhe conferimos: habilitar crianças para o trabalho como hoje se entende.

IRENE SANTOS — Não seria mais vantajoso, realmente, termos um horário de 30 horas, mas incluindo nesse horário, a preparação das lições? Chegamos a casa e temos de continuar a trabalhar em horas extraordinárias que nunca recebemos.

FÉRIAS: «DESPEDIMENTO PROVISÓRIO»...

MODERADORA — Outro problema que se levanta, é a situação que afecta o professor eventual, no período de férias não remunerado...

VITOR PICANÇO — Chegamos ao fim do ano escolar, 10 de Junho geralmente, e deparam-se-nos dois meses, três, de «despedimento». Se somos casados com uma professora eventual, o orçamento familiar é, neste período nulo. E a insegurança, que é um factor de angustia, atingem-nos, ignorando se seremos reconduzidos, ignorando em que localidade seremos colocados, as questões amontoam-se: que fazer dos filhos? Onde matriculá-los? Será que mudarão de casa ou de cidade? Se se empregam em ocupação não pública, são-lhes retirados os direitos de funcionário público. C o n siderando-se que empregado em sector não público, se é beneficiário de uma Caixa de Previdência, pode perdê-la em caso de denúncia.

C. VELOSO — Também o cartão A D S E (Assistência na Doença aos Servidores de Estado) lhe é retirado. Aconteceu-me que tendo nas férias, de ser submetido a uma intervenção cirúrgica, a adiei para tempo de aulas, quando já tivesse novamente direito ao ADSE.

MODERADORA — Ainda a 15 de Dezembro último, foi lido na Assembleia Nacional uma informação do M. E. N., na qual se referia que «os professores, eventuais só sejam contratados quando o serviço for realmente de natureza episódica e não permitir solução diversa da que consta no n.º 3 do Decr. 48 807, isto é, que os professores de serviço eventual só vencem quando prestam serviço docente ou de exames.

S. SAMPAIO — Grande parte do pessoal docente do ensino oficial, cerca de 80% não é remunerado nas férias: os professores eventuais entre 1940-41 e 1966-67, passaram de 28,1 para 62,0%, do ensino técnico comercial e industrial de 45,7 para 81,0%; para o total destes professores o aumento foi de 37,3 para 75,2%, isto é, do índice 100 para o índice 202. A par disto veja-se a evolução de frequência nos diferentes ramos de ensino: no ensino primário houve um aumento de frequência de 8%, no ensino normal primário um decréscimo de 47% e no ensino liceal e comercial e industrial de um aumento de 74%, no ensino normal de 63%. No conjunto, o aumento de frequência foi pouco representativo.

Cont. na pág. 10

Situação actual dos professores eventuais

Cont. da pág. 9

C. MAGALHÃES — Ora como deveria então ser o contrato de provimento? Penso que o contrato devia envolver os doze meses do ano, por um período de três anos (36 meses), com vencimento correspondente á de técnico de 3.ª (Letra I) ou exactamente receber o vencimento correspondente, como se faz nalguns países, ao vencimento do quadro (professor efectivo sem diuturnidade), isto é, ao professor que não existe e vai substituir.

IRENE VELOSO — Como vivemos numa sociedade altamente discriminativa, o professor eventual é, muitas vezes, olhado pelos auxiliares e efectivos, como elemento inferior, quando ele tem os mesmos deveres e piores condições de trabalho. Sempre existiram técnicos de diferentes qualificações, sem que se justifique, por essa razão, diferenciações absurdas.

CALVET MAGALHÃES — Nas Estatísticas de Educação não surgem, inexplicávelmente, as diferenciações de categoria de professores do ensino secundário e superior, o que é acompanhado da degradação dos professores. Trata-se de uma manobra. O sistema de mini-estágio por um ano, o abaixamento da formação universitária, a dispensa de experiência pedagógica por parte dos assistentes. Quanto a mim, a entrada nos quadros deveria ser regulamentada de outro modo.

IRENE SANTOS — Quanto a mim, os exames de actualização devem ser extensivos a todas as categorias de docentes, dada a evolução das técnicas pedagógicas.

S. SAMPAIO — A exigência de qualidade pedagógica é urgente e tem de ser solucionada quer através de cursos de reciclagem, quer por outros meios, por um estudo que efectuei, concluí que em 1966-67, no conjunto de 7141 professores do ensino liceal oficial e particular, só mente 1329 possuíam habilitação adequada a 81,4 não possuiam a qualificação completa; para o ensino técnico comercial e industrial, incluindo o ciclo preparatório, a percentagem seria de 80,6% de não preparados. No conjunto, o total de professores sem preparação profissional adequada era de 81,1%.

ACESSO AOS CONSELHOS ESCOLARES

MODERADOR — Haverá alguma razão justificativa que determine a ausência de acesso dos professores eventuais aos Conselhos Escolares?

CALVET DE MAGALHÃES Na minha escola tenho 160 professores dos quais 133 são professores eventuais.

Torna-se evidente que dispondo de 133 professores provisórios e de 27 professores efectivos a maior parte dos problemas estão sob a condução dos professores provisórios e qualquer conselho escolar não terá a devida expressão, desde que seja para tratar de assuntos do alcance de todos, se os professores provisórios não comparticiparem. Daí a maior parte dos Conselhos Escolares terem de ser plenários.

URGÊNCIA DE UM ÓRGÃO DE CLASSE

MODERADORA — Todos os problemas aqui focados, não atingiram esta gravidade, dada a ausência de diálogo destes profissionais, o isolamento em que trabalham e a falta de uma associação ou de um Sindicato representativo da classe?

CALVET MAGALHÃES — Segundo o dr. Delfim Santos, trinta e sete anos atrás, os professores possuíam a chamada Sociedade de Estudos Pedagógicos onde se pronunciavam conferências se discutiam ideias, nos informávamos da mais recente bibliografia, em convívio com professores universitários, do ensino secundário e estagiários. A Sociedade com sede na Rua da Fé foi extinta sem que se tivesse observado alguma coisa que o justificasse. A extinção da referida Sociedade, como da Universidade Popular (Largo do Camões) contribuiu para a desgraça dos nossos estudos em Portugal, segundo o dr. Delfim Santos, que culminou com a extinção do Liceu Normal de Pedro Nunes, com a inglória situação criada á Secção de Pedagógicas adstrita ás Faculdades de Letras e com a inteira subordinação do pedagógico ao administrativo.

A situação dos professores sob o sentido de classe é grave. Por um lado consideram-nos funcionários sem direito a agregarem-se em Associações pois as Direcções-Gerais chamam a si o direito de os representar em classe (o que não sucede em Espanha, França, etc.) mas para se poderem reunir precisam de autorização, concedida uma a uma, e quando se referem a problemas de vencimentos recambiam-nos para o Ministério das Finanças.

De qualquer maneira não podemos deixar de promover a elevação cultural dos professores através de uma organização colectiva, defender e esclarecer os seus interesses, de os manter informados, etc., ora sómente os professores do ensino particular o podem fazer por disporem de uma associação de classe.

SALVADO SAMPAIO — Além das sociedades que o prof. Calvet referiu há a Associação dos Professores de Portugal, a União do Professorado Primário Oficial, a Liga da Acção Educativa: todas estas associações foram extintas em 1928. Tudo isto limitou gravemente a participação dos professores. As soluções só podem ser encontradas em conjunto e, portanto, urge a formação de uma ordem ou de um Sindicato dos professores de todos os ramos de ensino.

TAP TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

DIÁRIAMENTE — e para todos os destinos — a sua carga é transportada pela TAP, com rapidez e todo o cuidado. Anteponha-se à concorrência colocando as suas mercadorias em qualquer mercado no próprio dia de embarque. Utilize as novas tarifas reduzidas e o modo de transportar TAP.

através do mundo em boa companhia

Consulte o seu Agente de Carga

MARCA 70

SENSACIONAL

Vá a Madrid, na Páscoa, OFERTA JOVICA, 30 Viagens (15 prémios iguais para 2 pessoas) 5 dias, viagem em auto-pullman de luxo, Hotel de 1.ª, visita à cidade e Vale dos Caídos, etc. Sorteio a realizar em 27/3/71, autorizado pelo Ex.mo Sr. Governador Civil de Lisboa. E na altura da compra receba logo o BRINDE JOVICA para todos os clientes.

TELEVISORES
Desde 100$00 Mensais, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS
Desde 100$00 Mensais

ESQUENTADORES
Desde 100$00 Mensais

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
Desde 150$00 Mensais

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA
Desde 150$00 Mensais

SEM ENTRADA | FIADOR

JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânia, 12-C
Telef. 53 45 36
Avenida 5 de Outubro, 53-C
Telef. 4 77 69
...AIS: CACÉM — SINTRA — CASCAIS
VENDA NOVA

Nova era para os circuitos de distribuição (2)

«Pão de Açúcar», não é doce, não?...

PELO MENOS, para os retalhistas de mercearia ele revela-se amargo e duro de roer. Sem dúvida que este juízo provém de uma análise simplista, à qual escapam as condições de distribuição que vieram possibilitar novos métodos de gestão e exploração comercial.

Em Novembro de 1967 existiam, entre nós, 23 supermercados, 15 dos quais situados em Lisboa e Porto, (5 com menos de 200 m2, 15 entre 200 m2 e 400 m2 e 3 com mais de 400 m2). Já acentuámos, no nosso primeiro apontamento sobre o assunto, que independentemente de acelerarem o processo de diminuição do número de pequenos estabelecimentos, os supermercados vieram estimular os retalhistas com capacidade de autofinanciamento ou de concessão de crédito.

Limitando-se ás zonas de maior densidade populacional, e visando ainda as camadas minoritárias com mais poder de compra, ás quais propõem parques de estacionamento e muitas vezes meios de transportes, os supermercados e outras formas de auto-servico tendem a evoluir. Em publicação do Gabinete de Estudos da Corporação do Comércio, em que se emite um parecer sobre o III Plano de Fomento, no que concerne a Circuitos de Distribuição», lê-se: «...será de realçar que a evolução escente dos supermercados estará dependente de factores exógenos importantes, nomeadamente da embalagem directa pelo produtor a fabricante, evitando secções próprias de embalagem; melhoria do nível de vida do consumidor e dos seus hábitos, e eliminação de dificuldades (alvarás municipais, por exemplo) á venda de certos produtos». A estes factores exógenos podem ainda somar-se interesses vários que proporcionem uma política mais ou menos proteccionista a estas formas de exploração.

O dr. Xavier Pintado, nos seus recentes discursos, tem definido claramente esta política de protecção.

NO GRUPO EXPANSIONISTA

Como sintoma desta simpatia proteccionista, o dr. Xavier Pintado esteve, em visita particular, no «Pão de Acúcar», inaugurado na zona de Alcântara.

Seis mil metros quadrados, «de tudo pode ser adquirido: produtos alimentares, pronto - a - vestir, calçado, electrodomésticos, cosméticos, brinquedos, etc. O «Pão de Açúcar» de sabor brasileiro emprega em S. Paulo 3500 empregados em 70 supermercados frequentados mensalmente por uma média de 3 milhões de clientes. Preparado para comprovar a máxima «Cheguei, vi e venceu», a cadeia «Pão de Açúcar» soma e seguirá, neste 1971, a sua actuação expansiva: brevemente, em Almada, Benfica-Venda Nova e numa zona do concelho de Oeiras, surgirão novos hipermercados, orçando pelos 10 000 m2.

Contando com um equipamento moderníssimo, profunda racionalização e administração segura, as técnicas mais avançadas de marketing, um plano publicitário firme baseado na filosofia da agressividade de vendas, no «Pão de Açúcar» tudo é pesado, medido e programado em função de levar o cliente a adquirir o que necessita e também o que talvez não necessite mesmo...

Fomos encontrar uma técnica de marketing no hipermercado da Avenida de Ceuta. Jovem, formada em Económicas e Financeiras, entusiasta com a sua tarefa, Isabel Mega diz-nos:

— A minha função aqui é essencialmente estudar a promoção de vendas. Frequentei um estágio em França, onde tomei contacto com os modernos métodos de marketing.

Quisemos saber se o baixo custo de venda dos produtos não seria devido a determinadas ligações internacionais e facilidades de exportação:

— Não, o único motivo que nos possibilita colocar, realmente, os produtos a preços pouco praticados no mercado, com baixa margem de lucro para nós, é o grande volume de vendas que efectuamos. Na medida do possível, procuramos tornar muito acessíveis todos os artigos de primeira necessidade. Nesse sentido, procedemos, quinzenalmente, a campanhas de promoção de venda, em que determinados artigos são colocados a preços bastante baixos.

«Fazendo as compras do mês em conjunto, dá francamente resultado»

CLIENTELAS DIFERENCIADAS

Um carro cheio de géneros para uma casa de família. Duas irmãs. A juventude é mais notória quando há poder de compra.

Comparadas com a velha mulher, acanhada e tímida que tínhamos encontrado na pequena loja da Rua dos Machadinhos, elas têm o sorriso que ainda tarda na maioria dos rostos. O vulto negro da Belmira da Conceição, que *«compra fiado e poucochinho de cada vez, vinte e cinco tostões de açúcar ou uma posta de bacalhau demolhado quase espinha»*, não pertence a estes supermercados que até são hiper...

Uma das irmãs confessa-nos abastecer-se na Cooperativa da TAP, onde o marido é funcionário. Aí os preços, informa-nos, acusam uma diferença substancial dos praticados em qualquer supermercado. Maria Adelaide Simões abastece-se aqui no «Pão de Açucar» de Alcantara:

— É a segunda vez que cá venho. Penso continuar. Então, fazendo as compras do mês em conjunto, acho que dá francamente resultado.

A propósito da cooperativa da TAP, relembramos a informação de um empregado da C. U. F., a propósito do fecho da cantina que servia o pessoal da empresa, a qual, situada a meias com o edifício do «Pão de Açucar», inexplicàvelmente fechou, quando da abertura deste:

— A nós não nos preocupam os interesses que a C. U. F. tenha no «Pão de Açucar». O que nos interessa é que ficámos lesados. A bastecíamo-nos na cantina a preços muito mais baixos do que em qualquer estabelecimento cá fora, e com a vantagem de podermos descontar no fim do mês, ou até no mês seguinte, se as compras eram feitas após o dia 15. Se a intenção era desviar-nos para o «Pão de Açucar», pela minha parte, falharam completamente, embora isso nada os prejudique. Nós é que ficámos e continuamos mal.

SUPERMERCADO É NEGÓCIO

Já o noticiámos, mas não é de mais repetir: um banco do Porto adquiriu quase toda a rede dos Supermercados-Modelo, de Lisboa. Acreditamos que a médio prazo, os oito estabelecimentos com nomes irão tornar-se sérios concorrentes da cadeia «Pão de Acucar». A não ser que os interesses se conjuguem... Nisto de negócios bancários, as caixinhas de surpresas já nem surpresa são...

Uma certeza é evidente: com os Bancos por detrás e a clientela pela frente, largo futuro espera as organizações de supermercados.

Será que nesse futuro há lugar para os pequenos e médios retalhistas, agora ameaçados?

HELENA NEVES

III — SOLUÇÕES POSSÍVEIS PAR A CRISE DOS RETALHISTAS DE MERCEARIA

Para onde vais canção?

EM 1969, a duração semanal de programas de música ligeira foi nas nossas emissões de radiodifusão de 136 h. e 54 m., o que corresponde a 35% (em 1967, 33,1%), do tempo global dos programas de rádio. Se confrontarmos esta percentagem com a duração dos programas culturais e educativos, temos nestes menos de 9%, ou seja, 34 h. e 57 m., assim distribuídas: 20 h. e 05 m. de emissões culturais, 3 h. e 37 m. de religiosas e 11 h. e 15 m. de Telescola e Rádio Escolar. O contraste não deixa de surpreender-nos. Mas não era por aqui que viria mal ao mundo, se realmente através da música ligeira se desenvolvessem e satisfizessem algumas das necessidades culturais de quem a ouve, durante o seu tempo de lazer. No entanto, ao escutarmos criticamente a maior parte das canções dos nossos profissionais e de alguns amadores, salta aos ouvidos, a vacuidade dos temas, a pobreza da forma, a ausência de poesia e de reflexão. E a canção, a canção que circula e se comunica em todos os níveis, a canção que fica na nossa memória, torna-se simplesmente um empreendimento comercial ao serviço da incultura, um meio fácil e eficiente de deseducar através de 1 359 027 (ou mais) aparelhos receptores ouvidos por famílias em média compreendendo cerca de três pessoas.

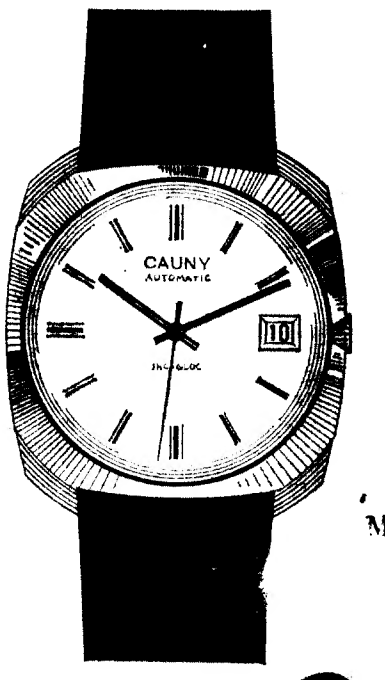
Ou sob prismas cor-de-rosa de bolas mágicas ou sob o negro do fatalismo que ressoa da castiça alma lusitana, a canção vai para a rua, entra pelo ouvido das pessoas, sai-lhes pela boca, sem nada ter a ver com elas, deformando duplamente a realidade em que se vive, quer pela temática, quer pela influência que exerce.

E porquê este panorama sombrio? Será que «comercial» se opõe a educativo? Não resistimos a citar Joffre Dumazier: «Dizer isto é comercial, e por isso não nos interessa, é uma atitude irreflectida num domínio em que o educador deveria conduzir uma luta contra o mau produto, para fazer triunfar o bom».

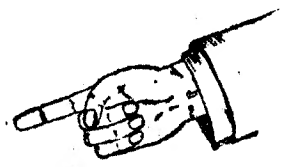
E então, os autores, e cançonetistas, qual a sua responsabilidade na pobreza actual (e já com algumas edições melhoradas e aumentadas...), da canção portuguesa? Será que têm sido dadas oportunidades aos bons profissionais, incentivando-os para uma criação mais qualitativa do que quantitativa? A canção está condenada a «valor» meramente vendável? E será que «vendável» é sinónimo de «fácil»?

O público não pode nem deve ficar indiferente «consumindo» passivamente, sem crítica o que lhe dão. O público tem direito a não ser olhado apenas como cliente amorfo. Seres humanos, vivendo conscientemente o seu tempo, com necessidades e problemas crescentes, aprendem a exigir. A canção como forma de arte das mais primárias, na história e na facilidade de comunicação, está em causa. E a causa é urgente e ampla. Veremos, o que nos reserva, o chamado Festival da Canção Portuguesa que se avizinha. Nós esperamos, talvez sem esperança.

H. N.



CALENDÁRIO
AUTOMÁTICO
100% Impermeável



Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

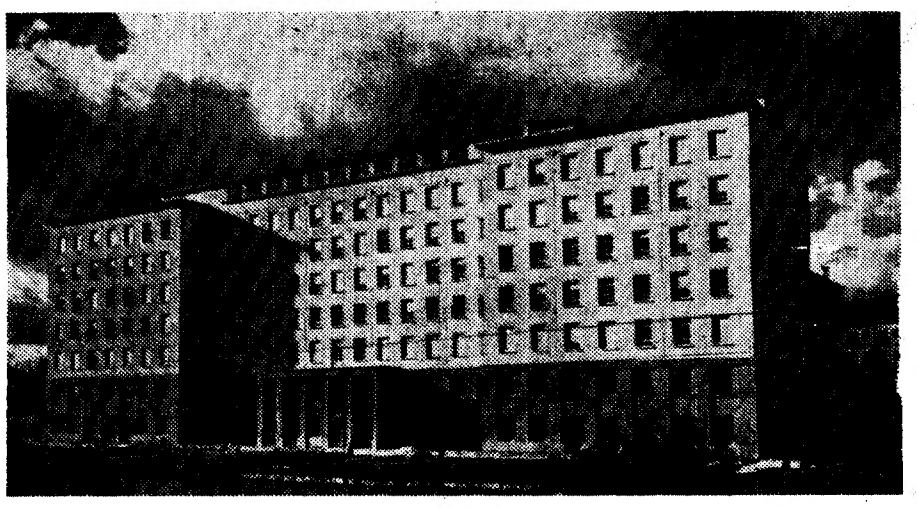
Mudança de data ultra-rapida

Resistente
Incabloc

CAUNY
A mais alta precisão suiça

Instituto de Oncologia

Dois tumores malignos (em três inscritos) são fatais



METADE dos vinte e cinco mil doentes com tumores inscritos, de 1954 a 1963, no Instituto de Oncologia, faleceram antes de 5 anos de internamento no próprio hospital. Mais quinze por cento destes vinte e cinco mil internados tinham sido considerados «perdidos de vista», o que significa, na maioria dos casos, ir morrer a casa. Apenas trinta por cento dos casos tinham sido considerados curados.

Este saldo dum decénio de inscrições põe em destaque a grave situação em que chegam ao Instituto a maioria dos doentes cancerosos e permite pôr uma questão que nos parece essencial:

O elevado índice de mortalidade poderá só justificar-se pelo cancro em si, ou terá a sua raiz, na inexistência ou carência de utilização de métodos de diagnóstico precoce?

AUMENTO LIGEIRO DE INSCRIÇÕES

Em 1954 tinham sido inscritos 2258 tumores malignos, tendo crescido regularmente, (2310, 2379, 2446, 2478, 2608), ano após ano até 1959. Em 1960 houve um decréscimo, passando para 2589, regressando novamente a acréscimos ligeiros de tumores malignos inscritos — 2696 em 1961; 2750 em 1962; 2978 em 1963.

Estes acréscimos, relativamente pequenos, podem ter tido como origem, o numero reduzido de vagas do próprio Instituto.

MORTALIDADE NO INSTITUTO APÓS 5 ANOS DE INTERNAMENTO

Só é possível estudar comparativamente os dados relativos que vão dos «*Inscritos em 1954 — situação relativa em 1959*» até «*Inscritos em 1963 — situação relativa em 1968*». A mortalidade no próprio instituto tinha evoluído progressivamente de 45,2 por cento em 1954-59 para 56 por cento em 1960-65. Após 1960-65 a situação tornou-se irregular: em 1961-66 surgiram 53,4 por cento, em 1962-67 54,6 por cento e em 1963-68 51,2 por cento de mortalidade efectiva no próprio instituto.

Em numeros absolutos a situação tornou-se, ano após ano, cada vez mais grave:

Anos	Falecimentos
1954-59	1020
1955-60	1020
1956-61	1260
1957-62	1225
1958-63	1303
1959-64	1395
1960-65	1450
1961-66	1407
1962-67	1502
1963-68	1526

Só no caso dos tumores malignos inscritos em 1961, situação relativa em 1966 houve um decréscimo de mortalidade absoluta. Triste panorama. Mas a situação é ainda mais grave.

A MORTALIDADE MAIS PROVÁVEL SERÁ DE SESSENTA E SEIS POR CENTO

Efectivamente a realidade é mais grave. A designação perdidos de vista envolve todos os anos uma certa percentagem de doentes que na grande maioria dos casos, vão morrer a casa. As próprias estatísticas anuais do Instituto têm o cuidado de somar os numeros dos falecidos e dos perdidos de vista. As percentagens destes numeros em relação ao conjunto dos inscritos, é muito mais regular. Variam entre 65 e 70 por cento, com uma incidência especial entre os 65 e os 66 por cento. Estes dados permitem constatar que *dois em cada três doentes* inscritos, morrem provàvelmente antes dos 5 anos de internamento. Vale a pena referenciar os dados «Falecidos + Perdidos de vista» e percentagem relativa aos dados globais de 1954-59, a 1963-68:

Anos	Falecidos + perdidos de vista	Percengem-em relação ao total
1954-59	1558	69 %
1955-60	1610	69,7 %
1956-61	1571	66 %
1957-62	1620	66,2 %
1958-63	1633	65,9 %
1959-64	1691	64,8 %
1960-65 ...	1744	67,4 %
1961-66	1705	64,7 %
1962-67	1791	65,1 %
1963-68	2020	67,8 %

Os números absolutos variariam, portanto, entre 1500 e 2000. A percentagem tornou-se nestes dados de uma regularidade impressionante.

CURAS POUCAS E NÃO SEGURAS

Se a mortalidade é um indicador preciso e objectivo, principalmente quando ela se refere á mortalidade no próprio Instituto, a cura é apenas uma indicação. Muitas vezes, segundo contacto com médicos, o doente acaba por regressar ao Instituto e a cura não é realmente um dado objectivo.

De qualquer modo, estas estatísticas publicadas através dos anos e que agora tivemos o cuidado de comparar globalmente, permitem constatar entre os inscritos considerados curados, em numeros absolutos, entre 600 e 800 doentes com uma percentagem, em relação ao total, entre 25,8 e 30,2 por cento. Nos ultimos anos a situação tinha vindo a piorar. Assim, apesar de em termos mais prováveis, a cura atingiu 30 por cento dos casos, desde 1957-62 que os 30 por cento não são atingidos.

Nos períodos estudados de 1962-67 e de 1963-68 atingiram-se mais de 800 curas. Todavia, em percentagem estes numeros foram respectivamente de 25,6 por cento e 27,7 por cento.

CONCLUSÕES

O saldo duma década do Instituto de Oncologia será de mais de 16 000 falecimentos (16 952 prováveis) em 25 000 inscrições (25 380 insveritos). São numeros terríveis.

Lutar contra isto terá alguma coisa a ver com peditórios na rua? Não será este um índice dos mais importantes, dado que o cancro surge em todo o corpo humano, das condições de diagnóstico precoce em Portugal e portanto da Saude Portuguesa?

Contra a poluição

OS JORNAIS noticiam: o Ave, o Trancão, o Tejo, o Mondego, o Vouga, o Sado, o Guadiana, o Leça, o Douro estão poluidos. Quinhentos e vinte e oito quilómetros ao todo. Há colóquios e encontros de cientistas, técnicos, especialistas, etc.: em Janeiro do ano passado o pavilhão da F. I. L. esteve ocupado pelos participantes no I Simpósio Nacional sobre Poluição, a cuja sessão de abertura presidiu o director-geral dos Serviços Aquícolas; o secretário da Agricultura enviou uma mensagem. Neste primeiro grande encontro das boas vontades portuguesas contra a poluição colaboraram direcções gerais, institutos superiores, juntas nacionais e ainda... a Junta de Energia Nuclear. Mais recentemente, no final do ano, os jornais anunciaram que a Secretaria de Estado da Agricultura se associava, instituindo o Dia da Árvore, às comemorações do Ano Europeu de Protecção á Natureza (1970). Nesse dia festivo, crianças das escolas plantaram árvores contra a degradação do meio ambiente. Os jornais de 25 de Janeiro deste ano anunciavam por seu turno que estudantes de Agronomia estão a organizar uma campanha nacional contra a poluição.

Eis como Portugal entra no ritmo dos países industrializados: através da porta da ideologia. O «desenvolvimentismo» reinante, que os tecnocratas nacionais diàriamente debitam através dos meios de Informação, propõe-se mobilizar a «opinião pública» para a industrialização e para as metas europeias. João Salgueiro, Rogério Martins, Xavier Pintado e outros «leaders», do «desenvolvimento económico e social» descrevem-nos o que será o nosso futuro (se nós «quisermos»): dias de vinho e rosas num país finalmente desenvolvido — com auto-estradas, metropolitanos, metrópoles regionais, grandes indústrias cobrindo o mapa deste país que durante séculos toda a gente disse que era mesmo rural, participação dos cidadãos, etc. A criação de um ambiente propício a uma nova política económica e social que se propõe romper com o imobiliso» passa pela divulgação acelerada da nova ideologia dominante.

A arquivar também que o «New York Times» escrevia no final do ano passado que as campanhas contra a poluição da Natureza se transformariam num dos *leit-motiv* da ideologia americana e ocidental. O presidente Nixon já falou sobre o assunto na TV.

A. L. S

Uma opinião:

É extrema a carência de utilização de métodos de diagnóstico precoce

— diz-nos o dr. Estanco Louro

AS RAZÕES da considerável morbilidade e mortalidade filiam-se em factores que aliás são válidos para outros tipos de doenças não cancerosas. Esses factores dependem fundamentalmente do nível socioeconómico e cultural da população, da extrema carência da utilização de métodos de diagnóstico precoce, do escassíssimo número de centros especializados, com um equipamento muito longe de satisfazer as condições normais para um diagnóstico e terapêutica eficazes e com um pessoal técnico, por um lado em número manifestamente insuficiente, por outro lado com poucas possibilidades de uma actuação útil, isto é, de usar adequadamente os meios susceptíveis de combater a doença.

É portanto devido a uma constelação de elementos que continuamos a observar quotidianamente doentes com lesões gravíssimas, para as quais já não se pode efectivar qualquer tratamento, ou a verificar que por deficiências de vária ordem não é possível instaurar a terapêutica mais apropriada ou, quando esta é viável, realizá-la não na ocasião óptima, mas numa fase em que até pode já não ser actuante.

DL MESA REDONDA